

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Karina Carolina Vieira de Matos

Uma abordagem sintática da estrutura interna dos participios do português brasileiro: passivas e tempos compostos

Juiz de Fora

2022

Karina Carolina Vieira de Matos

Uma abordagem sintática da estrutura interna dos participios do português brasileiro: passivas e tempos compostos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof^{ta}. Dr^a. Paula Roberta Gabbai Armelin

Juiz de Fora

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Vieira de Matos, Karina Carolina.

Uma abordagem sintática da estrutura interna dos participios do português brasileiro: passivas e tempos compostos / Karina Carolina Vieira de Matos. -- 2022.

109 f.

Orientadora: Paula Roberta Gabbai Armelin

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2022.

1. Participios. 2. Passivas. 3. Tempos Compostos. 4. Morfologia Distribuída. I. Gabbai Armelin, Paula Roberta, orient. II. Título.

Karina Carolina Vieira de Matos

Uma abordagem sintática da estrutura interna dos participios do português brasileiro: passivas e tempos compostos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração:
Linguística

Aprovada em 18/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Paula Roberta Gabbai Armelin - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Juiz de Fora, 10/02/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Paula Roberta Gabbai Armelin, Professor(a)**, em 18/02/2022, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Alessandro Boechat de Medeiros, Usuário Externo**, em 19/02/2022, às 18:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do



[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Marcus Vinicius da Silva Lunguinho, Usuário Externo**, em 21/02/2022, às 07:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0676129** e o código CRC **7E514CE3**.

Dedico este trabalho à minha mãe e meu irmão que estão comigo desde o começo dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar os agradecimentos a minha mãe e a meu irmão que acompanharam minha caminhada desde o momento que decidi fazer Letras. Não foi fácil, mas ninguém disse que seria e ambos foram realistas comigo, mas estavam torcendo por mim sempre. Também agradeço a uma professora antiga que tive e me despertou o gosto pelo que faço. Eu devo boa parte desse sonho realizado a você que me plantou esse desejo e me fez ver que eu tinha capacidade para escrever algo, infelizmente, não poderei agradecer pessoalmente por tudo, mas sei que ela está feliz por mim, onde quer que esteja.

Aproveito o ensejo de agradecimento a professores e destino estes também à minha orientadora, Paula Armelin, que acompanhou a ideia desse projeto desde quando era apenas uma ideia surgida durante uma viagem de congresso. Das nossas reuniões nós tivemos os maiores surtos sobre esse trabalho, as ideias mirabolantes e as propostas mais malucas e, mesmo assim, continuamos firmes nessa tema que me gerou algumas horas de terapia.

Agradeço aos meus amigos, todos – e não arrisco colocar todos os nomes, esquecer o nome de alguém e acabarem brigando comigo. Ao meu melhor amigo e companheiro, Mairon, que, mesmo não entendendo nada do que eu dizia, ouvia-me com carinho e tentava me ajudar como podia. Ao InTeGra, Dalila, Lydsson e Bianca, que me mostraram um apoio além da pesquisa, já que as piadas que trocamos sobre tudo sempre me fizeram rir em momentos inoportunos – tanto quanto as fofocas.

Agradeço também à UFJF por ter se apresentado como uma segunda casa, onde encontrei pessoas com as quais desejo compartilhar momentos da minha vida e trabalhar junto. Eu aprendi muito dentro da universidade e dentro do curso e sou grata por ter chegado aqui com auxílio de tudo que a universidade oferece. Em específico, ao PPG Linguística que, em tempos tão difíceis, abriu os braços e tentou acolher da melhor forma possível alunos que ficaram desamparados com a pandemia, seja física ou mentalmente. Também agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo financiamento e suporte durante o desenvolvimento dessa pesquisa, sem o qual teria sido infinitamente mais difícil.

Obrigada a todos que estão na minha caminhada e um abraço!

[...] a tarefa do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos. (SAUSSURE, 1977, p. 24)

RESUMO

Este trabalho investiga a estrutura interna do participípio que compõe as sentenças passivas e os tempos compostos no português brasileiro. Em termos gerais, os participípios têm sido apontados na literatura como um fenômeno interessante para a análise linguística especialmente por não se caracterizarem como uma classe homogênea, sendo empregados em estruturas sintáticas de naturezas diversas. Assim, o recorte proposto neste trabalho se justifica pelo fato de que o participípio nas passivas e nos tempos compostos não se superficializa sozinho, sendo acompanhado necessariamente de um elemento de natureza verbal que o antecede. Esta pesquisa se desenvolve a partir de um viés sintático da formação de palavras, a Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), doravante MD, que, desfazendo as fronteiras entre a formação de palavras e sentenças, licencia interações entre a estrutura interna do participípio e a sequência de núcleos funcionais que participam da estrutura. Assim, o ponto de partida da nossa proposta é a hipótese de que o participípio é formado a partir da concatenação de núcleos funcionais de natureza verbal e nominal que se organizam no interior da mesma estrutura sintática. Propomos, então, que o comportamento categorial heterogêneo do participípio é resultado da interação entre projeções funcionais compostas por traços verbais e nominais organizadas hierarquicamente pela sintaxe. Mais especificamente, propomos que a marca -d- dos participípios regulares é o expoente do núcleo de Participípio (Part) na estrutura sintática, que carrega, ao mesmo tempo, traços verbais e nominais, de forma semelhante à proposta de um núcleo *Switch* (PANAGIOTIDIS e GROHMANN, 2009; PANAGIOTIDIS, 2015). Mais especificamente, contendo traços categoriais mistos, essa projeção seleciona um complemento verbal, ao mesmo tempo em que licencia a entrada de núcleos nominais na estrutura, como os de gênero e número, por exemplo. Dessa forma, propomos que a camada Part é também responsável por interromper a projeção estendida do verbo. Na implementação da análise propomos que, nas passivas verbais, a entrada desse núcleo Part ocorre acima de Pass (BRUENING, 2014), que passiviza a estrutura, e este, por sua vez, seleciona um *Voice* não canônico, que desencadeia leitura agentiva, mas não a entrada de um argumento externo na estrutura. Nas passivas adjetivais, de maneira geral, propomos a entrada de um núcleo Pass_{Adj}, nos moldes de Bruening (2014), acima de Part, que, diferentemente de Pass, estativiza a estrutura. Nas passivas resultativas, a leitura de resultado é efetivamente desencadeada a partir do licenciamento do argumento interno inserido na estrutura via *v*. Nas estativas, por sua vez, tal

argumento é licenciado no especificador do próprio Pass_{Adj} , de modo que a leitura denotada é a de um estado puro. Por fim, nos tempos compostos, a anexação de Part ocorre acima de um *Voice* canônico, nos termos de Kratzer (1996), interrompendo a sequência de camadas verbais somente após a inserção do argumento externo. Além disso, a interrupção da projeção estendida verbal por uma camada mista do tipo Part requer, para a derivação da sentença, a entrada de uma nova camada de natureza verbal, que será responsável pelo licenciamento da própria camada T, que abriga as informações de tempo da sentença. Daí a necessidade de que um elemento verbal seja inserido nessas estruturas para a efetiva continuação da derivação sintática.

Palavras-chave: Partícipios. Passivas. Tempos compostos. Morfologia Distribuída.

ABSTRACT

This work investigates the internal structure of the participle forms in passive sentences and auxiliary constructions in Brazilian Portuguese. In general terms, participles have been pointed out in the literature as an interesting phenomenon for linguistic analysis, especially because they are not characterized as a homogeneous class, being used in syntactic structures of different natures. Thus, the outline proposed in this work is justified by the fact that the participle in passive and auxiliary constructions does not superficialize on its own, being necessarily accompanied by an element of a verbal nature that precedes it. This research is developed under a syntactic view of word formation, the Distributed Morphology framework (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), henceforth MD, which, by undoing the boundaries between the formation of words and sentences, licenses interactions between the internal structure of the participle and the sequence of functional heads that participate in the structure. Thus, the starting point of our proposal is the hypothesis that the participle is formed from the concatenation of functional heads of verbal and nominal nature that are organized within the same syntactic structure. We propose, then, that the heterogeneous categorical behavior of the participle is the result of the interaction between functional projections composed of verbal and nominal features hierarchically organized by the syntax. More specifically, we propose that the -d- morpheme of regular participles is the exponent Participle (Part) head in the syntactic structure, which hosts, at the same time, verbal and nominal features, similarly to the proposal of a Switch head (PANAGIOTIDIS and GROHMANN, 2009; PANAGIOTIDIS, 2015). More specifically, containing mixed categorical features, this projection selects a verbal complement, while allowing the entry of nominal heads in the structure, such as gender and number, for example. In this way, we propose that the Part head is also responsible for interrupting the extended projection of the verb. In implementing the analysis, we propose that, in verbal passives, the entry of this Part head occurs above Pass (BRUENING, 2014), which passivizes the structure, and this, in turn, selects a non-canonical *Voice*, which triggers agentive reading, but does not license the entry of an external argument into the structure. In adjectival passives, in general, we propose the entry of a Pass_{Adj} head, along the lines of Bruening (2014), above Part, which, unlike Pass, stativizes the structure. In resultative passives, the result reading is effectively triggered from the licensing of the internal

argument, which is inserted in the structure via v . In stative passives, this argument is licensed in the specifier of the Pass_{Adj} itself, so that the denoted reading is that of a pure state. Finally, in auxiliary constructions, the attachment of Part occurs above a canonical *Voice* (KRATZER, 1996), interrupting the sequence of verbal layers only after the insertion of the external argument. Furthermore, the interruption of the extended verbal projection by a mixed head as Part requires the presence of a new verbal layer, which will be responsible for licensing the T head that hosts the tense features of the sentence. This explains the need for a verbal element to be inserted into these structures for the effective continuation of syntactic derivation.

Keywords: Participles. Passives. Auxiliary constructions. Distributed Morphology.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj	Adjetival
APF	<i>Adjectival Passive Formation</i>
Asp	Aspecto
DP	<i>Determiner Phrase</i>
EPP	<i>Extended Projection Principle</i>
FNT	<i>Functional Nominalization Thesis</i>
Gen	Gênero
Ger	Gerúndio
IV	Item de Vocabulário
MD	Morfologia Distribuída
Num	Número
Part	Particípio
Pass	Passiva
PB	Português Brasileiro
PF	<i>Phonetic Form</i>
PIC	Condição de Impenetrabilidade de Fase
PM	Programa Minimalista
PP	<i>Prepositional Phrase</i>
T	<i>Tense</i>
UTAH	<i>Uniformity of Theta-Assignment Hypothesis</i>
Vaux	Verbo auxiliar
vP	<i>Verbal Phrase</i>

INTRODUÇÃO	14
1.1. DOMÍNIO EMPÍRICO: UMA APRESENTAÇÃO GERAL	14
1.2. MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	18
1.3. PROPRIEDADES GERAIS DOS DADOS EM FOCO.....	21
1.4. QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESES	25
1.5. ROTEIRO DE ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA.....	28
CAPÍTULO 2: O PARTICÍPIO NAS PASSIVAS VERBAIS	29
2.1. AS PROPRIEDADES DAS PASSIVAS VERBAIS.....	29
2.2. UM BREVE HISTÓRICO DAS PASSIVAS VERBAIS NA LITERATURA GERATIVISTA	32
2.3. AS PASSIVAS VERBAIS NAS ABORDAGENS MINIMALISTAS	34
2.3.1. Chomsky (2001): <i>Agree</i> nas passivas	34
2.3.2. Adger (2003): o núcleo Pass	35
2.3.3. Collins (2005):<i>smuggling</i> nas passivas	38
2.3.4. Lunguinho (2011): <i>smuggling</i> no PB	41
2.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
CAPÍTULO 3: O PARTICÍPIO NAS PASSIVAS ADJETIVAIS	45
3.1. A TRIPARTIÇÃO DE PASSIVAS: UM BREVE HISTÓRICO	46
3.2. AS PASSIVAS ADJETIVAIS: DIAGNÓSTICOS EMPÍRICOS.....	48
3.2.1. Licenciamento de agente	49
3.2.2. O licenciamento da modificação adverbial	49
3.2.2.2. <i>Processo culminado: advérbio “já”</i>	50
3.2.2.3. <i>Advérbios de modo</i>	51
3.2.2.4. <i>Advérbios de tempo</i>	51
3.2.2.5. <i>Advérbios de instrumento</i>	52
3.2.3. Prefixo de negação	52
3.2.4. Complemento de verbo de criação	53
3.3. A TRIPARTIÇÃO DE PASSIVAS NA LITERATURA	54
3.3.1. Embick (2004): uma abordagem sintática da tipologia de passivas	54
3.3.2. Alexiadou e Anagnostopoulou (2008): tipologia de passivas no Grego Moderno	60
3.3.3. Medeiros (2008): os participios no PB	63
3.3.4. Bruening (2012, 2014): passivização como núcleo sintático	69

3.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
CAPÍTULO 4: PROPOSTA	75
4.1. O LICENCIAMENTO DA ESTRUTURA ARGUMENTAL	76
4.2. PARTICÍPIOS E PROPRIEDADES NOMINAIS	78
4.3. PROJEÇÕES MISTAS: O NÚCLEO SWITCH	80
4.4. A ESTRUTURA INTERNA DOS PARTICÍPIOS	84
4.4.1. A estrutura das passivas verbais	86
4.4.2. A estrutura das passivas resultativas.....	90
4.4.3. A estrutura das passivas estativas.....	92
4.4.4. Os tempos compostos: propriedades empíricas e estrutura sintática	96
4.4.4.1. <i>Uma descrição geral dos participios nos tempos compostos</i>	<i>96</i>
4.4.4.2. <i>A estrutura dos tempos compostos.....</i>	<i>98</i>
4.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS	103

INTRODUÇÃO

Este capítulo introdutório tem por objetivo fornecer um panorama geral da pesquisa. Para tanto, apresentamos o recorte proposto para objeto de estudo, bem como o modelo teórico adotado. A partir daí, construímos uma sistematização das questões e das hipóteses de base que propomos para análise do tema em foco neste trabalho.

Para tanto, este capítulo está dividido da seguinte maneira: na seção 1.1, fornecemos uma apresentação geral do domínio empírico da pesquisa: o particípio do português brasileiro, doravante PB, nas passivas e tempos compostos. Na seção 1.2, por sua vez, delineamos as bases do modelo da Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), doravante MD, bem como a motivação para assumirmos tal perspectiva. Já na seção 1.3, destacamos algumas propriedades empíricas importantes para delinear nosso objeto de estudo. Na seção 1.4, apontamos as questões da pesquisa, bem como as hipóteses que construímos nesta dissertação para respondê-las. Por fim, a seção 1.5 encerra o capítulo com uma apresentação da organização do trabalho.

1.1. DOMÍNIO EMPÍRICO: UMA APRESENTAÇÃO GERAL

Os particípios têm sido apontados na literatura como um fenômeno interessante para a análise linguística, especialmente por não se caracterizarem como uma classe homogênea, sendo empregados em estruturas sintáticas de naturezas diversas, apresentando distribuições e comportamentos distintos em cada uma delas.

[...] no Português a etiqueta ‘particípio’ identifica a forma do verbo principal que participa na construção dos chamados tempos compostos, mas também a forma que ocorre nas construções passivas, a que é usada em construções predicativas, a das construções absolutivas e pode até ser usada para formas que ocorrem em posição adjetival e em posição nominal.

(VILLALVA, 2009, p. 1)

Dessa forma, nos dados abaixo, podemos ver exemplificados alguns dos diferentes empregos das formas participiais em diversos tipos de estruturas:

- (1)
 - a. Todos os nossos amigos têm casado com mulheres estrangeiras.
 - b. O João foi casado por um padre franciscano.
 - c. Este palerma está casadíssimo.

- d. Casados há pouco mais de um mês, eles não param de discutir.
- e. Nesta festa, só podem entrar mulheres casadas.
- f. Olhem que isto não é um jogo entre casados e solteiros.

(VILLALVA, 2009, p. 1)

Em (1a), encontramos o particípio na formação de tempos compostos, em que a forma participial é acompanhada do verbo auxiliar *ter* e não apresenta qualquer variação morfossintática, seja em gênero, seja em número, independentemente das propriedades do sujeito sintático da sentença. Já em (1b), temos uma passiva verbal cujo padrão de formação traz o particípio acompanhado do verbo *ser*. Nessa estrutura, observamos que o elemento interpretado como tema ocupa a posição de sujeito sintático, além da possibilidade de realização de um agente da passiva introduzido por preposição. Nessa configuração, o particípio apresenta variação na sua realização devido à concordância em gênero e número com o sujeito sintático da sentença. Por sua vez, em (1c), vemos uma construção predicativa, na nomenclatura de Villalva (2009), em que a formação participial surge acompanhada do elemento *estar*, destacando-se por seu comportamento adjetival, o que pode ser confirmado, por exemplo, pela possibilidade de modificação superlativa observada na sentença em questão. Já na formação em (1d), há a chamada construção absolutiva em que o particípio aparece posicionado à esquerda da sentença e também apresenta variações morfossintáticas de gênero e número. Por fim, as formas em (1e) e (1f) ocorrem em posição adjetival e em posição nominal, respectivamente. Diante dessa variação nas possibilidades de inserção do particípio em diferentes estruturas, será necessário delinear o recorte desta pesquisa, identificando as formações participiais que estarão no escopo da nossa investigação, mais especificamente, os particípios nas formações passivas e nos tempos compostos. Para tanto, selecionamos os exemplos a seguir:

(2)

- a. A prova *foi* corrigida (pelo João)
- b. A prova *está* corrigida
- c. O dia *está* corrido.
- d. O João *tem* corrido.

Mais especificamente, o recorte proposto nos limites desta pesquisa, que agrupa as formações acima, justifica-se pelo fato de que o particípio, nessas construções, não se superficializa sozinho. Mais especificamente, a forma participial precisa estar acompanhada de um elemento de natureza verbal que o antecede (*ser, estar e ter* nos exemplos

em (2)). Além disso, para compreender tal recorte é importante também contextualizar as formações passivas no âmbito da literatura que propõe uma tipologia dessas sentenças (PARSONS, 1990; KRATZER, 2000; EMBICK, 2004; ALEXIADOU e ANAGNOSTOPOULOU, 2008; entre outros). Em linhas gerais, a ideia é que as passivas se dividem, na verdade, em três tipos, a saber, as passivas eventivas (2a), as passivas resultativas (2b) e as passivas estativas (2c). Embora o comportamento dessas formações seja descrito em detalhes ao longo do trabalho, é interessante ressaltar que as passivas eventivas e resultativas incluem a denotação de um evento e de um estado resultante de um evento, respectivamente. A noção de eventividade presente nessas formações, costuma, de certa forma, ser associada a elementos de natureza verbal. No entanto, o particípio nessas formações apresenta concordância, tanto em gênero como em número, com o sujeito sintático da sentença, o que evidencia também a codificação de traços de natureza nominal na sua estrutura. As passivas estativas (2c), por sua vez, denotam um estado simples, apresentando comportamento muito parecido com um adjetivo. Finalmente, o particípio nos tempos compostos (2d), apesar de não apresentar a concordância, ainda assim é formado por uma vogal final que parece ter natureza nominal semelhante àquelas que integram os nominais terminados em *-o* no sistema do PB. Tomando essa heterogeneidade como ponto de partida, o objetivo deste trabalho é fornecer uma análise da estrutura interna dos particípios do PB em formações passivas e nos tempos compostos, buscando explicitar as diferenças e semelhanças existentes no comportamento do particípio nessas estruturas.

Para tanto, esta pesquisa se desenvolve a partir de um viés sintático da formação de palavras, mais especificamente, com base nas ferramentas fornecidas pelo modelo da MD. Tal escolha se justifica na medida em que o modelo abre interessantes perspectivas de análise para a investigação dos particípios, uma vez que, desfazendo as fronteiras entre a formação de palavras e sentenças, licencia interações entre a estrutura interna do particípio propriamente dito e a sequência de núcleos funcionais que participam da estrutura. Dessa mesma forma, ao propor a categorização como processo sintático, a MD também amplia a perspectiva de explicação para a fluidez categorial do particípio, que apresenta, nas estruturas em investigação, propriedades, ao mesmo tempo, verbais e nominais.

Diante disso, o ponto de partida da nossa análise é a hipótese de que o particípio é formado a partir da concatenação de núcleos funcionais de natureza verbal e nominal

que se organizam no interior da mesma estrutura sintática. Dessa forma, o comportamento categorial heterogêneo do participo é resultado da interação entre projeções funcionais compostas por traços verbais e nominais organizadas hierarquicamente pela sintaxe. Mais especificamente, propomos que a marca -d- dos participios regulares é o expoente de núcleo de Participio (Part) na estrutura sintática, que carrega, ao mesmo tempo, traços verbais e nominais, de forma semelhante à proposta de um núcleo *Switch* (PANAGIOTIDIS e GROHMANN, 2009; PANAGIOTIDIS, 2015), ou seja, contendo traços categoriais mistos essa projeção seleciona um complemento verbal, ao mesmo tempo em que licencia a entrada de núcleos nominais na estrutura, como os de gênero e número, por exemplo. Dessa forma, propomos que a camada Part é também responsável por interromper a projeção estendida do verbo, no sentido de Grimshaw (1990). Na implementação da análise propomos que, nas passivas verbais, a entrada desse núcleo Part ocorre acima de Pass (BRUENING, 2014), que passiviza a estrutura, e este, por sua vez, seleciona um *Voice* não canônico, que desencadeia leitura agentiva, mas não a entrada de um argumento externo na estrutura. Nas passivas adjetivais, de maneira geral, propomos a entrada de um núcleo Pass_{Adj}¹, nos moldes de Bruening (2014), acima de Part, que, diferentemente de Pass, estativiza a estrutura. Nas passivas resultativas, a leitura de resultado é efetivamente desencadeada a partir do licenciamento do argumento interno inserido na estrutura via *v*. Nas estativas, por sua vez, tal argumento é licenciado no especificador do próprio Pass_{Adj}, de modo que a leitura denotada é a de um estado puro. Por fim, nos tempos compostos, a anexação de Part ocorre acima de um *Voice* canônico, nos termos de Kratzer (1996), interrompendo a sequência de camadas verbais somente após a inserção do argumento externo, o que garante a atribuição de Caso acusativo nessas formações.

Além disso, propomos que a interrupção da projeção estendida verbal por uma camada Part – e, conseqüentemente, pelos núcleos funcionais nominais licenciados acima dele – requer, para a derivação das sentenças sob escopo desta pesquisa, a entrada de uma nova camada de natureza verbal, responsável pelo licenciamento da própria camada T, que abriga as informações de tempo da sentença. Daí a necessidade de que um

¹ Ressaltamos que Bruening (2014) propõe a existência de um núcleo ADJ nas passivas adjetivais. Nesta dissertação, no entanto, adotamos a nomenclatura Pass_{Adj} para esse núcleo para diferenciá-lo, inicialmente, de um núcleo categorizador adjetival, uma vez que o limite categorial entre participios em passivas adjetivais e adjetivos propriamente ditos não foi discutido no âmbito desta pesquisa.

elemento verbal seja inserido nessas estruturas em específico para a efetiva continuação da derivação sintática.

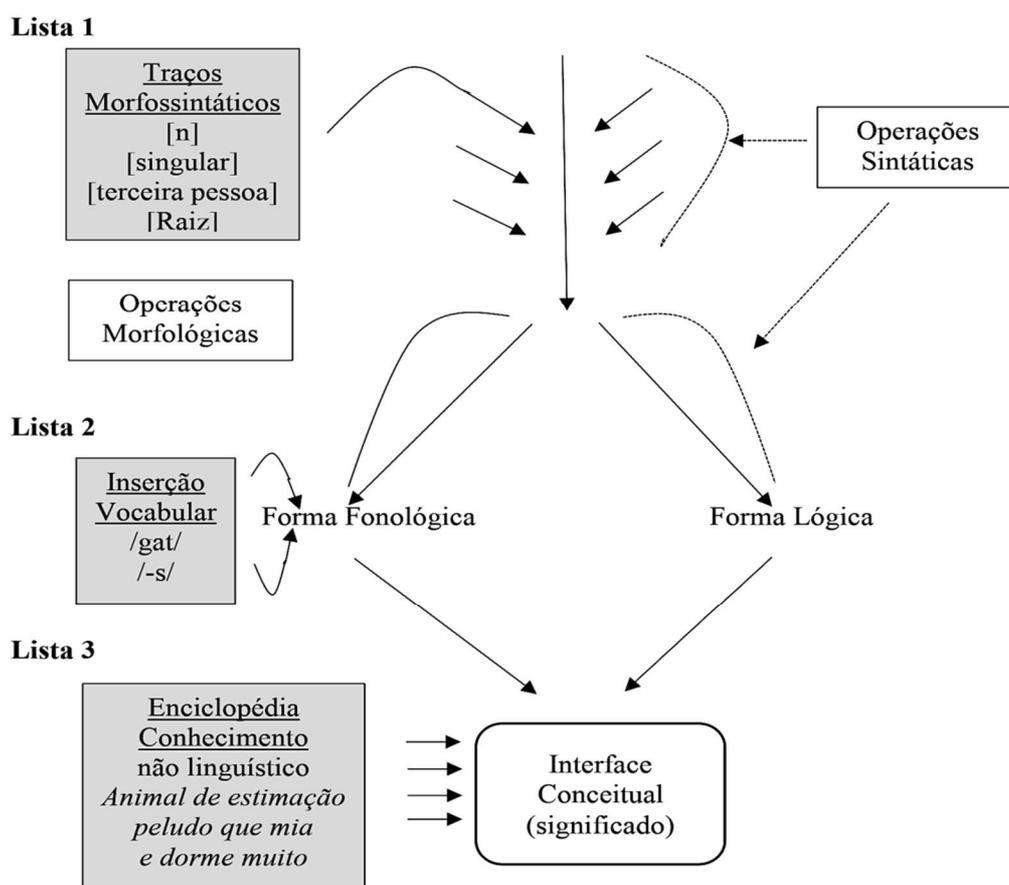
Na próxima seção, apresentamos os aspectos centrais do modelo da MD, destacando as ferramentas teóricas que servirão de base para a implementação da proposta desenvolvida nesta dissertação.

1.2. MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A MD é uma vertente gerativista, proposta no início da década de 90 por Morris Halle e Alec Marantz, que surge como um movimento de oposição à corrente lexicalista, estabelecendo em relação a essa contrastes relacionados principalmente aos primitivos teóricos, bem como aos componentes assumidos no modelo de gramática. Em linhas gerais, o Lexicalismo se estabelece na literatura gerativista a partir da interpretação da proposta de Chomsky (1970), que divide a formação das nominalizações gerundivas e derivadas do inglês em diferentes componentes da gramática. Dessa forma, o Lexicalismo se caracteriza por assumir, em alguma medida, um léxico gerativo capaz de produzir estruturas complexas no nível da palavra. Dentro desse componente, há o armazenamento de informações de diferentes naturezas – como fonológica, semântica, categorial e de estrutura argumental, por exemplo – de maneira que a sintaxe passa, de certa forma, apenas a projetar as informações que já estavam codificadas lexicalmente.

A MD, por sua vez, reformula essa noção de léxico, distribuindo tais informações ao longo da arquitetura da gramática em diferentes listas que são acessadas em momentos distintos da derivação de uma expressão linguística. Um esquema geral da arquitetura da gramática proposta pela MD pode ser visto abaixo:

Figura 1 – Modelo da MD



Fonte: SIDDIQI (2009, p. 14) – adaptado por ARMELIN (2015, p. 25)

O primeiro componente, chamado de Lista 1 ou Léxico Estrito, é responsável pelo armazenamento dos primitivos que alimentam a computação no componente sintático. Essa lista é composta por raízes, que não possuem traços sintático-semânticos, e traços morfossintáticos, entendidos como propriedades responsáveis por desencadear operações no componente sintático. É importante ressaltar ainda que as raízes são destituídas de categoria na Lista 1, de tal forma que a categoria só será definida na sintaxe através da concatenação de núcleos funcionais categorizadores, o que ficou conhecido como Hipótese de Categorização, na qual “raízes não podem aparecer sem serem categorizadas. Raízes são categorizadas através da combinação com núcleos funcionais definidores de categoria.”² (EMBICK e NOYER, 2007, p. 296).

A Sintaxe, por sua vez, é o único componente do modelo capaz de gerar estruturas complexas a partir da combinação de nós terminais abstratos e, dessa forma, a organização de palavras, sintagmas e sentenças é realizada no mesmo componente, através dos

² “Categorization Assumption: Roots cannot appear without being categorized [...] Roots are categorized by combining with category – defining functional heads.”

mesmos mecanismos, como operações que concatenam elementos ou os movem para posições diferentes daquelas em que eles foram concatenados.

Já a Lista 2, chamada de Vocabulário, é acessada somente após o componente sintático, mais especificamente no ramo de PF, e contém os Itens de Vocabulário (IVs), que expressam relações entre traços abstratos e as peças fonológicas relevantes na língua. Assim, o modelo da MD é separacionista e engloba a noção de Inserção Tardia, assumindo que o material fonológico é atribuído aos nós terminais da estrutura somente pós-sintaticamente, já que os traços da Lista 1 são destituídos de conteúdo fonológico. A separação entre traços morfossintáticos e realização fonológica é justificada a partir de fenômenos que desfazem a relação de um para um entre essas duas informações, como as alomorfas, por exemplo, em que duas ou mais realizações fonológicas correspondem ao mesmo conjunto de traços. Além disso, para que a inserção de fonologia aconteça, os IVs competem para ocupar os respectivos nós terminais sintáticos, sendo que essa competição é regida pelo Princípio do Subconjunto:

O expoente fonológico de um Item de Vocabulário é inserido em um nó terminal se item apresenta todos ou um subconjunto dos traços gramaticais especificados no morfema termina. A inserção não ocorre se o Item de Vocabulário contém traços que não estão presentes no morfema. Se vários Itens de Vocabulário apresentam as condições para a inserção, o item que apresenta o maior número de traços especificado no morfema terminal deve ser escolhido.³

(HALLE, 1997, p. 429)

Por fim, a Lista 3, também conhecida como Enciclopédia, é o componente responsável por armazenar informações de natureza conceitual extralinguística, que englobam o conhecimento de mundo do falante. Dessa forma, a Lista 3 fornece conteúdo conceitual às estruturas geradas pela sintaxe, considerando os significados especiais e idiossincráticos que os elementos apresentam de acordo com o ambiente sintático em que aparecem.

A noção de que a estrutura das expressões linguísticas é hierárquica durante toda a derivação, de modo que a formação de palavras é primordialmente sintática, tal como assumido na MD, permite a identificação de núcleos funcionais sintáticos de natureza

³ “The phonological exponent of a Vocabulary item is inserted into a morpheme in the terminal string if the item matches all or a subset of the grammatical features specified in the terminal morpheme. Insertion does not take place if the Vocabulary item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen.”

verbal e nominal que interagem na estruturação de elementos, tais como os participios, que apresentam comportamento categorial misto entre propriedades verbais e nominais. Para tanto, a noção de raiz acategorial também parece ser interessante, na medida em que atribui exatamente ao componente sintático – e não à raiz ou ao léxico, por exemplo – o estabelecimento da categoria formada. Por fim, o modelo prevê ainda uma integração importante entre a formação de palavras e a estrutura argumental, licenciando a possibilidade de a entrada dos argumentos aconteça antes mesmo de a palavra estar efetivamente formada, a depender das diferentes alturas em que os núcleos sintáticos se concatenam na estrutura sintática, abrindo perspectivas interessantes para a compreensão da estrutura argumental nas formações participiais em análise neste trabalho.

Na próxima seção, apresentamos, brevemente, algumas das propriedades do participio no PB, que apontam para a heterogeneidade de comportamento dessa formação, destacando, especificamente, as questões empíricas sobre as quais esta pesquisa se debruça.

1.3. PROPRIEDADES GERAIS DOS DADOS EM FOCO

Nesta seção, abordarmos algumas das propriedades empíricas do participio, considerando as formações de passivas e os tempos compostos. Para tanto, apoiamos-nos na descrição já proposta pela literatura que se debruçou sobre a forma participial (LOBATO, 1999; VILLALVA, 2009; SCHER, LUNGUINHO e RODERO-TAKAHIRA, 2013, entre outros) e sobre a tripartição de passivas (EMBICK, 2004; ALEXIADOU e ANAGNOSTOPOULOU, 2008; DUARTE e OLIVEIRA, 2010; MEDEIROS, 2008, entre outros), além de levantarmos outras propriedades notadas no próprio percurso deste trabalho.

No que diz respeito à constituição morfológica do participio, é importante destacar que a marca *default* dessa forma no PB é representada pelo morfema -d-, que aparece nos chamados participios regulares. Além disso, nas formas regulares, também é possível reconhecer a presença de uma vogal que antecede a marca participial e que é característica da base verbal, embora se realize apenas nas formas -a- e -i-. Por fim, é interessante notar que o participio é constituído por uma vogal final de natureza nominal, cuja realização geral é representada pela vogal -o.

- (3)
- a. cant-a-d-o
 - b. com-i-d-o
 - c. part-i-do

A vogal final da forma participial pode variar para a realização -a, caso o particípio demonstre sensibilidade aos traços de gênero do sujeito sintático presente na formação sentencial. Nesses casos, o particípio também interage com os traços de número desse elemento, apresentando, então, concordância de número. Do ponto de vista categorial, portanto, a base verbal das formas regulares, evidenciada pela presença da vogal temática verbal antecedendo a marca participial, contrasta com a natureza nominal da vogal final, incluindo a possibilidade de o particípio estar envolvido em processos de concordância, o que revela o caráter heterogêneo dessas formações.

Uma propriedade interessante das formas participiais em passivas e tempos compostos é a necessidade de serem acompanhadas por outros elementos de natureza verbal na formação da sentença. As passivas eventivas do PB, por exemplo, podem ser formadas através do auxiliar *ser* + particípio, enquanto a leitura resultativa ou estativa pode ser obtida na língua através da forma *estar* + particípio. Por fim, as formas do tempo composto com o particípio são formadas através da combinação entre *ter* + particípio.

- (4)
- | | |
|--------------------------------|------------------|
| a. A prova foi corrigida. | (eventiva) |
| b. As provas foram corrigidas. | (eventiva) |
| c. A prova está corrigida. | (resultativa) |
| d. As provas estão corrigidas | (resultativa) |
| e. O dia está corrido. | (estativa) |
| f. As manhãs estão corridas. | (estativa) |
| g. O João tem corrido. | (tempo composto) |
| h. As meninas têm corrido. | (tempo composto) |

Como ressaltamos anteriormente, nas formações de (4a-f) acima, morfossintaticamente, é relevante destacar a natureza nominal da forma participial evidenciada pela concordância de gênero e número cuja marcação morfológica é exatamente a mesma das formas nominais. No entanto, a passiva verbal e a resultativa englobam a denotação, respectivamente, de evento e de resultado de evento, sendo que a leitura eventiva envolvida nessas formações é característica de formas verbais. A leitura eventiva também

está presente em (4g-h) e, nessa formação, no entanto, somente a vogal final da formação aponta para um caráter nominal, uma vez que não há concordância em gênero e número explicitada no participípio que compõe essa formação. Já a leitura estativa encontrada, por sua vez, em (4e-f), apresenta um comportamento mais próximo àquele dos adjetivos.

Além disso, a marcação de tempo da sentença aparece realizada justamente na forma verbal que antecede o participípio, o que pode ser exemplificado nas diferentes realizações verbais nos dados abaixo:

- (5)
- | | |
|-------------------------------|---------------|
| a. A prova foi corrigida. | (eventiva) |
| b. A prova será corrigida. | (eventiva) |
| c. A prova seria corrigida. | (eventiva) |
| d. A prova está corrigida. | (resultativa) |
| e. A provas estará corrigida. | (resultativa) |
| f. A prova estaria corrigida. | (resultativa) |

Especificamente nas passivas eventivas, a denotação de evento é ainda acompanhada pela possibilidade de inserção de um agente da passiva, que pode ser introduzido na sentença através de um sintagma preposicionado. Por outro lado, apesar de denotar um estado derivado de um evento, as passivas resultativas, parecem não aceitar com a mesma naturalidade a inserção de um agente. No geral, também não há possibilidade de expressão do agente nas formas puramente estativas. Por sua vez, a realização do agente na formação dos tempos compostos é obrigatória, se exigido pelo verbo de base, tal como acontece nas formações transitivas dos tempos simples, sendo que sua inserção não é preposicionada, diferentemente do que ocorre nas eventivas.

- (6)
- | | |
|--|-----------------------------------|
| a. A prova foi corrigida pelo professor | (eventiva) |
| b. ?A prova está corrigida pelo professor ⁴ | (resultativa) |
| c. *O dia está corrido pelo Pedro | (estativa) |
| d. * Correu muito nos últimos dias | (estrutura argumental incompleta) |

⁴ Ressaltamos que a sentença em (6b) pode ser considerada aceitável em alguns contextos, como o de contraste. Por exemplo, em um contexto em que uma prova seria corrigida em duas etapas, sendo a primeira delas por um professor. Nesse cenário, a sentença em (6b) poderia indicar que a primeira etapa de correção foi concluída. Isso aponta para a possibilidade de licenciamento da leitura de agentividade em resultativas.

- e. * Tem corrido muito nos últimos dias. (estrutura argumental incompleta)
- f. O João tem corrido muito nos últimos dias.

Ainda vale ressaltar que, nas formações passivas, o Caso atribuído ao argumento interpretado como tema é nominativo, o que parece ser evidência de não haver disponibilidade de acusativo nessas estruturas, de modo que o argumento interno passa a ser realizado como sujeito sintático da sentença. Tal propriedade contrasta com a formação em tempos compostos, no qual, o acusativo está disponível, a depender do verbo de base.

Outra propriedade interessante que, no entanto, parece revelar uma assimetria entre o caráter nominal do particípio nas diferentes formações em análise nesta pesquisa, é o licenciamento da modificação de grau, como o diminutivo, por exemplo:

- (7)
- | | |
|-------------------------------|------------------|
| a. ?A prova foi corrigidinha. | (eventiva) |
| b. A prova está corrigidinha. | (resultativa) |
| c. O dia está corridinho. | (estativa) |
| d. *O João tem corridinho. | (tempo composto) |

Como apontado nos dados acima, os tempos compostos parecem não licenciar a modificação diminutiva, ao contrário das resultativas e estativas na qual o particípio pode aparecer com a marca diminutiva. Já as passivas eventivas, não aparecem rejeitar completamente a modificação de grau, embora haja uma diferença interessante de aceitabilidade dessa modificação em relação às passivas adjetivais.

É interessante ainda destacar que, no seu sistema de particípios, além das formas regulares, o PB apresenta ainda os particípios irregulares cuja expressão morfológica é diferente do particípio regular. Mais especificamente, a realização dos particípios pode ser dividida em três categorias: a) os particípios unicamente regulares; b) os particípios unicamente irregulares e c) os particípios duplos, que apresentam tanto a forma regulares quanto a irregular.

- (8)
- | | |
|----------------------------|-------------|
| a. O Pedro está caído. | (regular) |
| b. O texto está escrito. | (irregular) |
| c. O texto está corrigido. | } (duplo) |
| d. O texto está correto. | |

A comparação entre as formas duplas parece fazer emergir um comportamento interessante na diferenciação entre as passivas resultativas e estativas. Mais especificamente, enquanto a forma regular parece denotar o resultado de um evento, como nas passivas resultativas em (8c), a forma irregular do particípio duplo, por sua vez, parece trazer a leitura simplesmente de um estado, tal como nas estativas em (8d). No entanto, não é possível identificar uma distribuição totalmente sistemática entre os particípios regulares e irregulares. Isso porque parecer ser possível encontrar, nos dados do PB, os dois tipos de particípios em todas as formações, tal como ilustrado nas eventivas (9a-b), resultativas (9c-d) e estativas (9e-f) nos dados a seguir:

(9)

- a. A janela foi aberta.
- b. A janela foi fechada.

- c. A janela está aberta.
- d. A janela está fechada.

- e. A menina está liberta
- f. A menina está animada.

Com essas propriedades mais gerais em mente, passamos, na próxima seção, para uma sistematização das questões de pesquisa, bem como das hipóteses levantadas ao longo deste trabalho até então.

1.4. QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESES

A partir do recorte do objeto de estudo, que agrupa as passivas e tempos compostos, bem como da descrição mais geral oferecida se seção anterior, algumas questões se destacam como importantes de serem investigadas no âmbito desta pesquisa. A seguir, fornecemos uma sistematização dessas questões, bem como as hipóteses que propomos associadas a cada uma delas.

1. Qual é a posição sintática da marca -d- na estrutura interna do particípio?
Hipótese: adotamos neste trabalho a hipótese de que a marca -d- é a realização de uma camada funcional, que chamamos de Part, na estrutura sintática. Essa camada é composta por traços categoriais mistos verbais e

nominais, configurando-se como um núcleo *Switch*(PANAGIOTIDIS e GROHMANN, 2009; PANAGIOTIDIS, 2015). É importante ressaltar, que a camada Part que compõe o particípio é, na nossa proposta, também responsável por interromper a projeção estendida do verbo, no sentido de Grimshaw (1990), trazendo traços de natureza nominal para a estrutura.

2. Qual a sequência de núcleos funcionais que compõe o particípio na formação das passivas e tempos compostos?

Hipótese: propomos que camada Part acima delineada, sendo uma projeção mista, seleciona núcleos de natureza verbal no seu complemento, mas licencia a entrada de núcleos de natureza nominal na estrutura, como Gênero (Gen) e Número (Num). Mais especificamente, propomos que a vogal final dos particípios seja, na verdade, a realização morfofonológica do núcleo funcional de gênero.

3. Como a concordância pode ser licenciada ou bloqueada nessas formações?

Hipótese: assumimos, de modo geral, que a concordância é feita através do mecanismo de *Agree* (CHOMSKY, 2000; 2001). Quando a concordância é evidente, propomos que os núcleos Gen e Num que compõem o particípio são não valorados e, por isso, atuam como sonda, procurando pelas versões valoradas desses traços. Por outro lado, nas estruturas em que o particípio é invariável, estamos interpretando a ausência de concordância como ausência de sonda. Em outras palavras, as projeções de gênero e número de particípio entram devidamente valoradas na estrutura e, dessa forma, não atuam como sonda em relação a tais traços.

4. Por que os particípios precisam ser antecidos de uma forma verbal nessas formações?

Hipótese: a interrupção da projeção estendida verbal pelas camadas Part-Gen-Num requer, para a derivação de sentença de passivas e tempos compostos, a entrada de uma nova camada de natureza verbal, que será responsável pelo licenciamento da própria camada T, que abriga as

informações de tempo da sentença. Daí a necessidade de que um elemento verbal seja inserido nessas estruturas para a efetiva continuação da derivação sintática.

5. Qual a diferença estrutural entre passivas eventivas e adjetivais?

Hipótese: desde Wasow (1977) é comum na literatura a ideia de que passivas eventivas e adjetivais sejam formadas em componentes distintos da gramática, o Léxico e a Sintaxe, respectivamente (LEVIN e RAPPA-PORT, 1986, HORVATH e SILONI, 2008; MELTZER-ASSCHER, 2011). Nesta dissertação, no entanto, argumentamos em favor de uma perspectiva totalmente sintática, em que as distinções entre passivas verbais e adjetivais sejam derivadas na Sintaxe (em linha com EMBICK, 2004; ALEXIADOU E ANAGNOSTOPOULOU, 2008; MEDEIROS, 2008; BRUENING, 2014). Em termos gerais, a passivização é codificada através da presença de núcleos funcionais na estrutura: Pass, nas formações eventivas e Pass_{Adj}, nas estruturas estativas, nos moldes de Bruening (2012, 2014). Mais especificamente, a entrada do núcleo Pass_{Adj}, diferentemente de Pass, estativiza a estrutura.

6. Como se diferenciam, então, as leituras resultativas e estativas encontradas nas passivas adjetivais?

Hipótese: propomos que, nas passivas resultativas, a leitura de resultado é efetivamente desencadeada a partir do licenciamento do argumento interno inserido na estrutura via categorizador verbal, o núcleo *v*. Nas estativas, por sua vez, tal argumento é licenciado no especificador do próprio Pass_{Adj}, de modo que a leitura denotada é a de um estado puro, próximo ao comportamento dos adjetivos.

7. Quais as diferenças estruturais entre as passivas e os tempos compostos?

Hipóteses: propomos que a interrupção da projeção estendida do verbo aconteça mais tardiamente nos tempos compostos em relação às passivas. Dessa forma, a inserção do núcleo Part ocorre somente após a entrada do argumento externo, o que explica a presença de *Voice* canônico, ou seja, que introduz argumento externo e atribui Caso acusativo dependendo das

propriedades do verbo de base, diferentemente do que ocorre nas estruturas passivas. Dessa mesma forma, a estrutura dos tempos compostos não inclui um núcleo Pass ou Pass_{Adj} na sua formação.

Apresentadas as questões específicas que esta dissertação busca responder, bem como as hipóteses que serão desenvolvidas a partir delas, na seção a seguir apresentamos o roteiro dentro do qual os capítulos que compõem este trabalho se organizam.

1.5. ROTEIRO DE ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

Para investigar as questões delineadas na seção anterior, este trabalho está organizado em mais quatro capítulos, além desta introdução. No capítulo 2, focamos, mais especificamente, nos participios envolvidos na formação das passivas eventivas. Dessa forma, apresentamos as propriedades dessa formação e discutimos algumas das propostas disponíveis na literatura para tratar do tema. Para tanto, destacamos, principalmente, aquelas desenvolvidas a partir no modelo teórico do Programa Minimalista (doravante, PM), como as abordagens de Chomsky, 2001; Adger, 2003; Collins, 2005 e Lunguinho, 2011. No capítulo 3, apresentamos as questões que envolvem os participios dentro das estruturas passivas adjetivais. Para tanto, fornecemos uma sistematização dos testes empíricos que tradicionalmente são empregados na literatura para estabelecer a distinção entre estativas e resultativas. Além disso, apresentamos e discutimos nesse mesmo capítulo algumas das propostas para a análise da tripartição de passivas, como Embick (2004), Alexiadou e Anagnostopoulou (2008), Medeiros (2008) e Bruening (2012, 2014). Já no capítulo 4, dedicamo-nos à implementação da proposta que desenvolvemos nesta dissertação para responder as perguntas presentes neste trabalho. Finalmente, as considerações finais encerram o trabalho, com uma retomada das informações apresentadas ao longo desta pesquisa, bem como as perspectivas futuras que ainda mostram como centrais para perspectivas futuras.

CAPÍTULO 2: O PARTICÍPIO NAS PASSIVAS VERBAIS

Neste capítulo, tratamos dos participios nas passivas verbais do PB. Para tanto, partimos das propriedades empíricas dessas formações, bem como de alguns dos tratamentos disponíveis na literatura que se debruçou sobre esse tipo de estrutura. Em especial, neste capítulo, discutimos, principalmente, análises desenvolvidas no âmbito do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1993, 1995), como as propostas de Chomsky (2001), Adger (2003), Collins (2005) e Lunguinho (2011), buscando apontar as semelhanças e divergências mais salientes na análise dessas estruturas.

Para tanto, este capítulo está dividido da seguinte maneira: a seção 2.1 tem por objetivo descrever as características dos participios nas passivas verbais. Na seção 2.2, apresentamos um breve histórico de como as passivas verbais foram tratadas na literatura gerativista até Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981; JAEGGLI, 1986), doravante P&P. A partir dessas discussões, na seção 2.3, trazemos uma discussão de propostas gerativistas desenvolvidas mais recentemente no âmbito de PM (CHOMSKY, 2001; ADGER, 2003; COLLINS, 2005; LUNGUINHO, 2011).

2.1. AS PROPRIEDADES DAS PASSIVAS VERBAIS

As passivas eventivas do PB são, em linhas gerais, formadas de maneira analítica pela combinação do verbo *ser* e a forma participial, como nos exemplos abaixo:

(10)

- a. O país *foi* invadido (pelos militares).
- b. O presidente *foi* expulso (pelos manifestantes).
- c. O aniversário *foi* comemorado (pelos fãs).

O verbo *ser*, que acompanha o participio nessas formações, possui uma posição fixa, precedendo linearmente a forma participial. Além disso, o verbo *ser* apresenta um paradigma defectivo, o que, segundo Lunguinho (2011), seria uma das características do verbo auxiliar, estando ausente em seu paradigma as formas do imperativo⁵ e do participio passado:

⁵ Ressaltamos que, apesar da descrição do autor, é possível encontrar formas do imperativo no paradigma do verbo *ser*, como em “Não seja enganado”, por exemplo.

(11)

- a. *seja beijada pelo autor!
- b. *A história foi sida contada.

(LUNGUINHO, 2011, p. 46)

Assim, além da presença do verbo *ser* nessas sentenças, as eventivas apresentam uma configuração dos argumentos em que o argumento interno é alçado para a posição de sujeito sintático da sentença.

(12)

- a. O professor corrigiu a prova.
- b. A prova foi corrigida pelo professor.

É interessante ressaltar a possibilidade de que o argumento interno não seja movido para a posição de sujeito sintático da sentença, permanecendo alocado na posição *in situ* linearmente após o particípio como em (13a) e (13b).

(13)

- a. Foi corrigida a prova pelo professor
- b. Foi apontada uma falha no sistema pelo operador.

Já o argumento externo, por sua vez, parece ser um elemento opcional em termos de sua efetiva explicitação na sentença, podendo ser introduzido através de um sintagma preposicionado ou ficar ausente da formação:

(14)

- a. A maçã foi mordida pelo João.
- b. A maçã foi mordida.

É interessante ressaltar que embora não haja a introdução de um PP agentivo, há a interpretação de que alguém agiu no desencadeamento do evento denotado por uma passiva verbal. Dessa forma, a noção de agentividade que compõe esse tipo de passiva pode ser vista também no licenciamento da anexação de advérbios orientados para o sujeito, como “propositalmente”, que pode ser realizado na sentença ainda que o agente da passiva não esteja explícito.

(15)

- a. Os doces foram queimados propositalmente.
- b. O João foi morto propositalmente.

Nas passivas verbais formadas a partir de verbos bitransitivos, o PP agentivo pode ser licenciado em duas posições lineares: em posição final, após o argumento interno preposicionado ou logo após o particípio, antecedendo, portanto, o argumento preposicionado, como mostrado em (16).

(16)

- a. O casaco foi emprestado pela Maria ao João
- b. O casaco foi emprestado ao João pela Maria.

Especificamente em relação ao particípio, é interessante ressaltar que tal forma apresenta concordância em gênero e número com o sujeito sintático da sentença, como mostra os exemplos abaixo:

(17)

- a. O João foi beijado (pela Maria).
- b. Os meninos foram beijados (pela Maria).
- c. A Joana foi beijada (pela Maria).
- d. As meninas foram beijadas (pela Maria).

Além disso, em relação à estrutura argumental, para que a passiva seja licenciada, o verbo de base precisa de um argumento interno e de um externo, sendo o interno não preposicionado:

(18) Transitivo indireto

- a. Todos concordaram com o meu argumento.
- b. *O meu argumento foi concordado por todos.

(19) Inergativo

- a. Os convidados dançaram muito.
- b. *Os convidados foram dançados muito.

(20) Inacusativo

- a. As encomendas chegaram.
- b. *As encomendas foram chegadas

(LUNGUINHO, 2011, p.48)

Já a realização das marcas de tempo e o aspecto da sentença não fica a cargo do particípio propriamente dito, mas sim da forma verbal que o acompanha. Dessa forma, o particípio permanece inalterado ainda que as relações de tempo e aspecto estejam variando nas sentenças abaixo:

(21)

- a. As ruas são pintadas pela prefeitura.
- b. As ruas serão pintadas pela prefeitura.
- c. As ruas eram pintadas pela prefeitura.
- d. As ruas foram pintadas pela prefeitura.

Delineadas tais propriedades das passivas verbais, na seção seguinte apresentamos um breve histórico do tratamento das passivas verbais na literatura gerativista.

2.2.UM BREVE HISTÓRICO DAS PASSIVAS VERBAIS NA LITERATURA GERATIVISTA

A formação de passivas tem chamado a atenção da literatura gerativista em diversos momentos de desenvolvimento desse quadro teórico. Em Chomsky (1957), por exemplo, as passivas são tratadas como resultado de uma transformação gramatical através da regra abaixo delineada, de modo que passiva e ativa apresentam a mesma estrutura subjacente.

(22)

Se S_1 é uma sentença gramatical da forma
NP1 – Aux – V – NP2

Então, a sequência correspondente da forma
NP2 – Aux + be + en – V – by + NP1
Também é uma sentença gramatical sentença.

(CHOMSKY, 1957, p. 43)

A abordagem transformacional daria conta, então, das semelhanças entre ativa e passiva sem a necessidade de se duplicar as restrições seletivas envolvidas nessas formações através regras sintagmáticas distintas. No entanto, como apontado por Collins (2005), a abordagem transformacional apresenta algumas questões que, posteriormente, se mostraram inadequadas no contexto de P&P (CHOMSKY, 1981), como a existência de uma regra particular para formação de passivas, por exemplo.

Na perspectiva de P&P, então, as sentenças passivas devem ser derivadas de propriedades mais gerais, relacionadas, por exemplo, à atribuição de Caso (Filtro de Caso) e papel temático (Critério- Θ). Mais especificamente nas passivas, a ausência de atribuição de Caso ao argumento interno do verbo estaria relacionada à própria presença do participípio, que, segundo Chomsky (1981), seria responsável pela absorção do Caso.

Suponha que a única propriedade da morfologia de passiva é esse efeito de “absorver” Caso: um NP no VP com um verbo passivo como núcleo não tem Caso atribuído sob regência desse verbo. Chame esse NP de “NP*”. Pelo Filtro de Case, NP* deve receber Caso.⁶

(Chomsky, 1981, p. 124)

Dada, então, a absorção de Caso realizada pelo participípio, o verbo não pode atribuir Caso ao argumento interno, o que violaria o Filtro de Caso. Dessa forma, o argumento até então sem Caso deve ser movido para a posição de sujeito sintático, na qual o Caso será atribuído. É interessante ainda ressaltar que esse movimento é licenciado como consequência do Princípio de Projeção e do Critério- Θ , sendo que o papel temático desse argumento é atribuído por meio do vestígio deixado na posição de base, uma vez que a posição de sujeito sintático não atribui papel temático.

Ainda na perspectiva de P&P, Jaeggli (1986) propõe que também o papel temático do argumento externo é absorvido pela morfologia de passiva, o que o autor elabora da seguinte forma:

Seria desejável reduzir o significado de absorção ao de outros mecanismos gramaticais independentemente necessários. Em particular, proponho seja idêntico ao que é normalmente chamado atribuição de traços - em outras palavras, que o sufixo passivo "absorve" o papel temática externo de um predicado simplesmente por ser atribuído a ele esse papel temático. Nada mais está envolvido.⁷

(JAEGLI, 1986, p. 591)

⁶“Suppose that the unique property of the passive morphology is that it in effect “absorbs” Case: one NP in the VP with the passive verb as head is not assigned Case under government by this verb. Call this NP “NP*”. By the Case Filter, NP* must receive Case.” (Chomsky, 1981, p. 124 –tradução nossa)

⁷ “It would be desirable to reduce the meaning of absorption to that of other independently needed grammatical mechanisms. In particular, I claim that it is identical to what is typically called feature assignment-in other words, that the passive suffix “absorbs” the external θ -role of a predicate simply by being assigned that θ -role. Nothing more is involved.”(JAEGLI, 1986, p. 591 –tradução nossa)

Em relação ao papel temático da *by-phrase*, Jaeggli (1986) propõe que o sufixo passivo que absorveu o papel temático do argumento externo estaria, na verdade, envolvido em um mecanismo de transferência desse papel temático para o NP que integra a *by-phrase* em uma sentença passiva. O sufixo atua, então, como um atribuidor de papel temático para esse NP.

Vou interpretar a transmissão de papel temático simplesmente como atribuição de papel temático do sufixo passivo para *by-phrase*. Isso é possível pois, como em Lieber (1983), assumo que a estrutura argumental do núcleo verbal e do sufixo passivo percolam para o nó ramificado que os domina. O papel temático é, então, atribuído à *by-phrase* passiva. Assumindo que é tal papel atribuído ao PP, ele percola para o núcleo do PP, a preposição *by*, e dali é atribuído para o objeto de *by*.⁸

(JAEGGLI, 1986, p. 600)

A transmissão de papel temático daria conta, por exemplo, do fato de que o papel temático da *by-phrase* é correspondente àquele atribuído pelo verbo ao argumento externo na ativa. No entanto, esse tipo de proposta apresenta, segundo Collins (2005), algumas questões importantes: i) há uma distinção bastante grande no procedimento de atribuição do papel temático do argumento externo nas ativas e passivas e ii) a proposta de transmissão de papel temático seria pouco motivada do ponto de vista teórico.

2.3.AS PASSIVAS VERBAIS NAS ABORDAGENS MINIMALISTAS

Nesta seção, discutimos algumas propostas gerativistas articuladas mais recentemente no âmbito do Programa Minimalista. Mais especificamente, apresentamos as análises de sentenças passivas desenvolvidas em Chomsky (2001), Adger (2003), Collins (2005) e Lunguinho (2011).

2.3.1. Chomsky (2001): *Agree* nas passivas

⁸“I will interpret 0-role transmission simply as 0-role assignment from the passive suffix to the *by-phrase*. This is possible since, as in Lieber (1983), I assume that the argument structures of both the verbal head and the passive suffix percolate to the branching node dominating them. The external 0-role is then assigned to the passive *by-phrase*. Assuming that it is assigned to the PP, it percolates to the head of the PP, the preposition *by*, and from there is assigned to the object of *by*.”(JAEGGLI, 1986, p. 600 –tradução nossa)

Chomsky (2001) tem como objetivo central desenvolver o viés minimalista como programa de pesquisa. Ao argumentar em favor de uma dissociação entre *Agree* e movimento, o autor apresenta brevemente sua visão a respeito da formação de sentenças passivas. A estrutura de partida para a discussão do autor é a seguinte:

(23)

[α PRT [_{VP} catch [_{DO} several fish]

(Chomsky, 2001, p. 18)

Na proposta do autor, o particípio é adjetival, carregando traços de número, gênero e Caso não valorados. Tais traços atuam como sonda e encontram a versão valorada no conjunto de traços- ϕ portados pelo objeto direto, havendo a valoração de gênero e número do particípio, mas não de Caso, traço que é não valorado em ambos.

Prt é adjetival: seu conjunto de traços- ϕ consiste, portanto, em número, gênero e Caso (não valorados), mas não pessoa. O conjunto de traços- ϕ de Prt e OD [objeto direto] combinam, induzindo *Agree*. O OD tem um conjunto completo de traços- ϕ . Consequentemente, para Prt, número e gênero recebem os valores do OD e são deletados [...] mas Caso é não valorado para ambos Prt e DO, então, um não pode atribuir valor de Caso ao outro.⁹

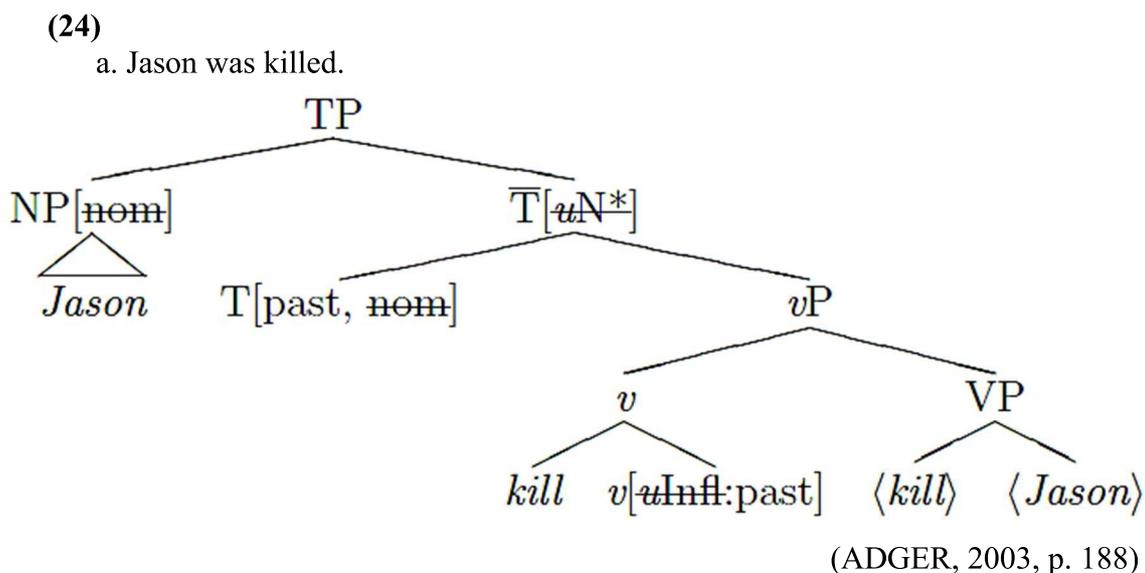
(Chomsky, 2001, p. 18)

O próximo passo da estrutura é a entrada do núcleo T, que estabelece uma relação de *Agree* com o particípio e com o objeto direto: no *Agree* com o particípio, T valora o traço de Caso desse elemento, mas não pode ter a valoração dos seus traços de pessoa e número nesse momento da derivação, uma vez que Prt apresenta uma conjunto incompleto de traços- ϕ . Por sua vez, no *Agree* com o objeto direto, acontece tanto a valoração do traço de Caso do objeto, como a valoração dos traços de número e pessoa de T. É importante ressaltar que para que tais relações de *Agree* os elementos envolvidos devem estar em um mesmo domínio de fase.

2.3.2. Adger (2003): o núcleo Pass

⁹ “Prt is adjectival: its ϕ -set may therefore consist of (unvalued) number, gender and Case, but not person. The ϕ -set of Prt and DO [direct object] match, inducing *Agree*. DO is ϕ -complete. Hence, for PRT, number and gender receive the values of DO and delete [...] but Case is unvalued for both Prt and DO, so neither can assign a Case value to the other.” (Chomsky, 2001, p. 18 –tradução nossa)

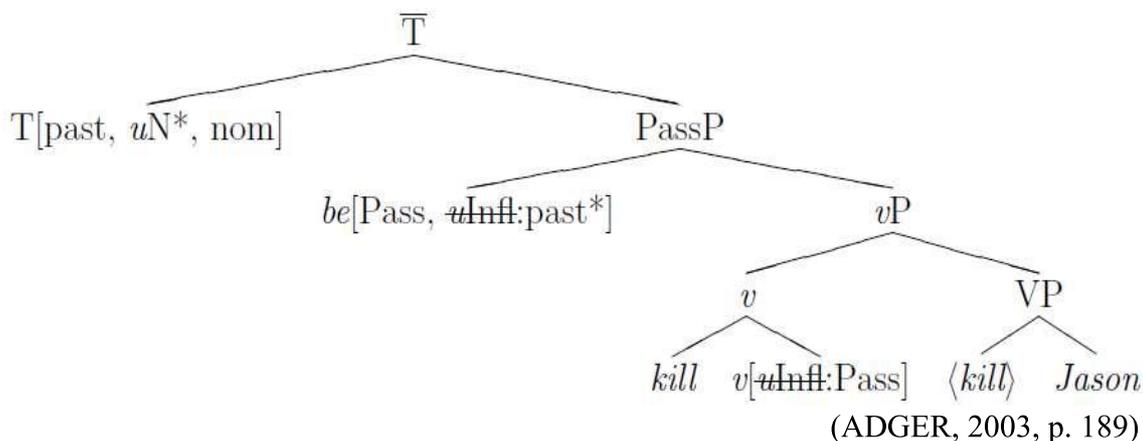
Adger (2003) apresenta uma breve discussão sobre as passivas verbais do inglês dentro de PM (CHOMSKY, 1993, 1995), inserindo-as entre os exemplos de estruturas que apresentam deslocamento para a posição de sujeito sintático. O autor aponta que, em sua descrição mais básica, as passivas são sentenças nas quais, em alternância com as formas ativas, o sujeito semântico é, de alguma forma, rebaixado em importância e o objeto passa a ocupar a posição do sujeito estrutural. Isso faz das passivas, segundo o autor, estruturas aparentadas com os inacusativos, uma vez que: i) não há atribuição de Caso acusativo para seu objeto; ii) não parece haver um sujeito temático nessas formações; iii) o argumento interno do verbo realiza a checagem do traço de Caso nominativo com T e iv) ocorre o alçamento desse mesmo argumento para satisfazer o traço EPP do núcleo T. Com todos esses pontos estabelecidos, Adger (2003) apresenta um estrutura inicial do que parece ser uma sentença passiva seguindo os pressupostos até então debatidos pelo autor, como mostrado abaixo:



Segundo o próprio autor, essa estrutura captura as propriedades básicas das passivas, mas apresenta dois principais problemas. O primeiro deles é que a estrutura não é capaz de explicar a obrigatoriedade da entrada do auxiliar *be* nas passivas do inglês. A segunda questão a ser resolvida é que o traço flexional do verbo principal é checado por T. No entanto, o verbo principal nas passivas não é uma forma finita propriamente dita, mas um particípio, que, conseqüentemente, não apresenta marcas de tempo. A solução encontrada por Adger (2003) é a anexação de um núcleo funcional Passiva, que é realizado, no inglês, pelo auxiliar *be*. Esse núcleo, apresenta um traço categorial [Pass], além

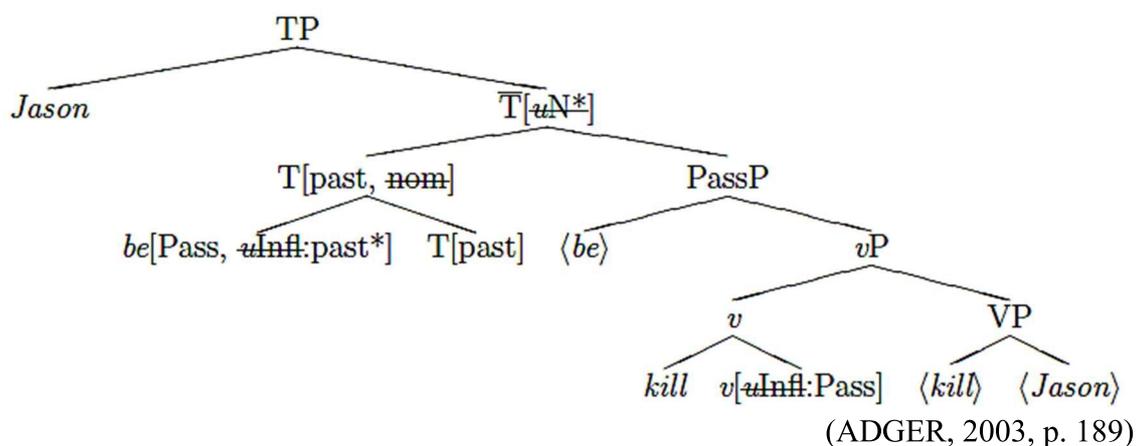
de um traço de flexão verbal não valorado, que caracteriza, segundo o autor os auxiliares do inglês. Finalmente, o núcleo Pass seleciona apenas *vP* inacusativos, resultando na seguinte estrutura, tal como proposta pelo autor:

(25)



Assim, na estrutura acima, o traço [Pass] valoriza o traço [uInfl] do núcleo *v* e o particípio é entendido como resultado de uma regra de *spell-out* envolvendo esse traço [Infl: Pass]. Além disso, o traço [Infl] do núcleo Pass é do tipo forte e desencadeia o alçamento de Pass para T. O traço nominativo de T é checado com o argumento interno do verbo e o traço [EPP] do núcleo T desencadeia o movimento desse mesmo argumento para o seu especificador:

(26)



Segundo o autor, essa análise utiliza apenas ferramentas canônicas colocadas à disposição no aparato minimalista. O núcleo funcional extra, ou seja, o núcleo Pass, é motivado pela presença morfológica do auxiliar, cuja função é selecionar um *vP* inacu-

sativo, o que explica, simultaneamente, a falta de Caso acusativo e a falta de um sujeito temático.

2.3.3. Collins (2005): *smuggling* nas passivas

Outra proposta desenvolvida no âmbito do panorama minimalista (CHOMSKY, 1993, 1995) para tratar as passivas verbais é a de Collins (2005). A análise do autor é, em linhas gerais, centrada na ideia de que o argumento externo é licenciado na mesma posição sintática tanto na estrutura das passivas, como na das sentenças ativas. Essa ideia é capaz de derivar a UTAH (*Uniformity of Theta-Assignment Hypothesis*; Baker 1988, 1997), que prevê que papéis temáticos idênticos são licenciados em posições sintáticas idênticas, evitando os problemas tradicionalmente presentes nas análises desenvolvidas em P&P (cf. CHOMSKY, 1981) em que o papel temático do argumento externo nas passivas é atribuído através de mecanismos independentes, como absorção e transmissão de papel temático.

Dessa forma, a proposta de derivação delineada em Collins (2005) apresenta os seguintes passos:

(27)

the book was written by John

- a. John → Merge with *by*
- b. [PP by John]
- c. [_{VP} v VP] → Merge external argument
- d. [_{VP} [PP by John] [_{v'} v VP]] → Merge *be*
- e. [_{VP} be [_{VP} [PP by John] [_{v'} v VP]]] → Merge Infl
- f. [_{IP} Infl [_{VP} be [_{VP} [PP by John] [_{v'} v VP]]]]
→ Internal Merge of [_{DP} the book] into Spec,IP
- g. [_{IP} [_{DP} the book] [_{I'} Infl [_{VP} be [_{VP} [PP by John] [_{v'} v VP]]]]]

(COLLINS, 2005, p. 84)

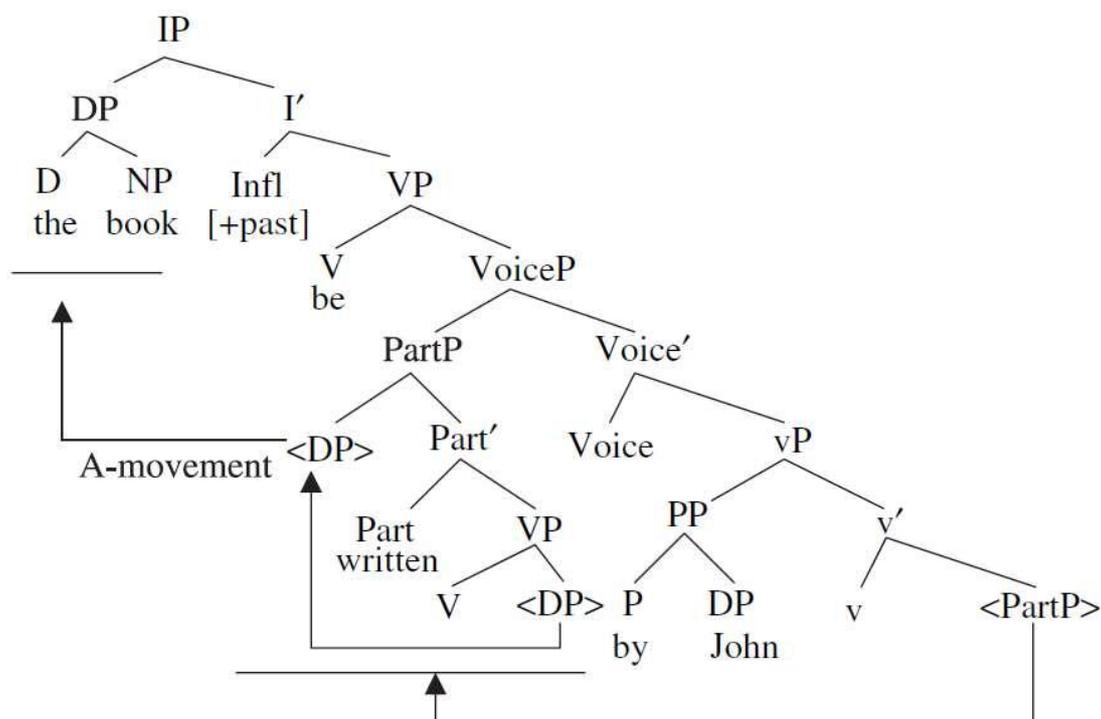
Nessa derivação, o argumento externo é concatenado na estrutura das passivas assim como nas ativas, no especificador de *v*P, como apontado no passo em (27d). O autor assume ainda que o morfema de particípio encabeça uma projeção PartP para a qual o núcleo V é açado. Finalmente, PartP tem como complemento a projeção VP e é tomado como complemento de *v*, tal como na representação abaixo:

(28)

[vP DP [v' v [PartP en [VP V DP]]]]

Essa proposta de derivação, no entanto, prevê um ordenamento sintático diferente do que deveria acontecer, ou seja, a ordem gerada com a concatenação do PP no especificador de vP é *The book was by John written*, diferentemente do que é efetivamente encontrado nos dados. Para solucionar tal questão, Collins (2005) propõe que haja movimento da projeção máxima do participio para a esquerda da *by-phrase*, mais especificamente, movimento de PartP para a posição de especificador de *VoiceP*. Dessa maneira, o autor apresenta a seguinte estrutura para sua proposta de passivas:

(29)

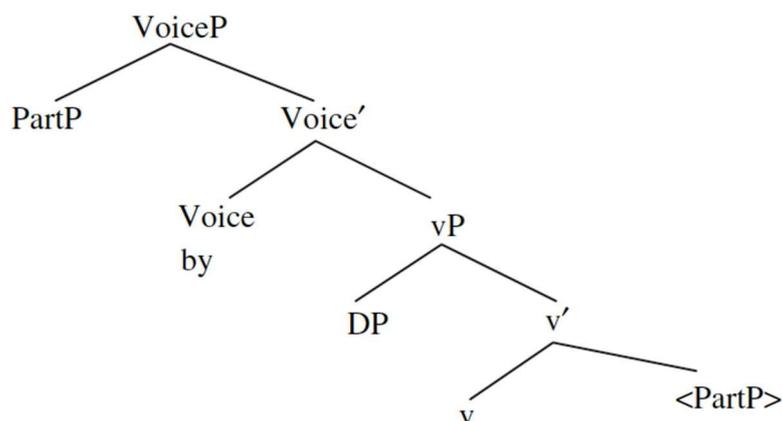


(COLLINS, 2005, p. 90)

A proposta desenvolvida por Collins (2005) é conhecida na literatura como *smuggling*, uma vez que o movimento de PartP para o especificador de *VoiceP* acaba levando também o argumento interno do verbo, ou seja, o DP complemento de V na estrutura. Esse movimento é justificado para evitar que haja um efeito de intervenção (CHOMSKY, 2000) causado pelo argumento no especificador de *v*, que, estando mais alto na estrutura sintática, deveria, então, ser o argumento que entra em relação com o núcleo Infl.

Em relação à atribuição de Caso, o autor propõe que, nas passivas, diferentemente das ativas, o Caso acusativo não seja atribuído não pelo núcleo v introdutor de argumento externo, mas sim pelo próprio núcleo *Voice*. Nessa perspectiva, a própria preposição *by* passa a ser vista como expoente fonológico de *Voice*.

(30)



(COLLINS, 2005, p. 95)

Dessa forma, nas passivas, a checagem de Caso e de papel temático são desatreladas uma da outra: enquanto v atribui papel temático para o argumento externo, é o núcleo *Voice* que atua como atribuidor Caso nas passivas, tal como sistematizado na tabela abaixo:

Quadro 1 – Diferenças estruturais entre ativas e passivas

Ativas	v	Atribui papel temático ao argumento externo
	v	Checa Caso acusativo
Passivas	v	Atribui papel temático ao argumento externo
	<i>Voice</i> [<i>by</i>]	Checa Caso acusativo

Fonte: Elaborado por Collins(2005, p. 96)

Por localidade, o Caso acusativo é atribuído ao argumento externo de v , diferentemente do que ocorre nas ativas. Finalmente, para dar conta da opcionalidade do argumento interpretado como agente nas passivas, Collins (2005) propõe que, ainda que não esteja realizado, o argumento externo está estruturalmente presente em uma passiva, mantendo, portanto, a mesma derivação anteriormente delineada, inclusive com o movimento de PartP para o especificador de *VoiceP* e com o conseqüente *smuggling* do

argumento interno. Dessa forma, o núcleo *Voice* formador de passivas pode apresentar duas realizações fonológicas distintas: a preposição *by* propriamente dita ou uma fonologia nula.

2.3.4. Lunguinho (2011): *smuggling* no PB

A proposta de derivação das sentenças passivas delineada em Lunguinho (2011) adota, como perspectiva geral, a abordagem de Collins (2005), apresentada na subseção anterior, mas trazendo algumas alterações terminológicas, além de propor novidades em termos de implementação do sistema.

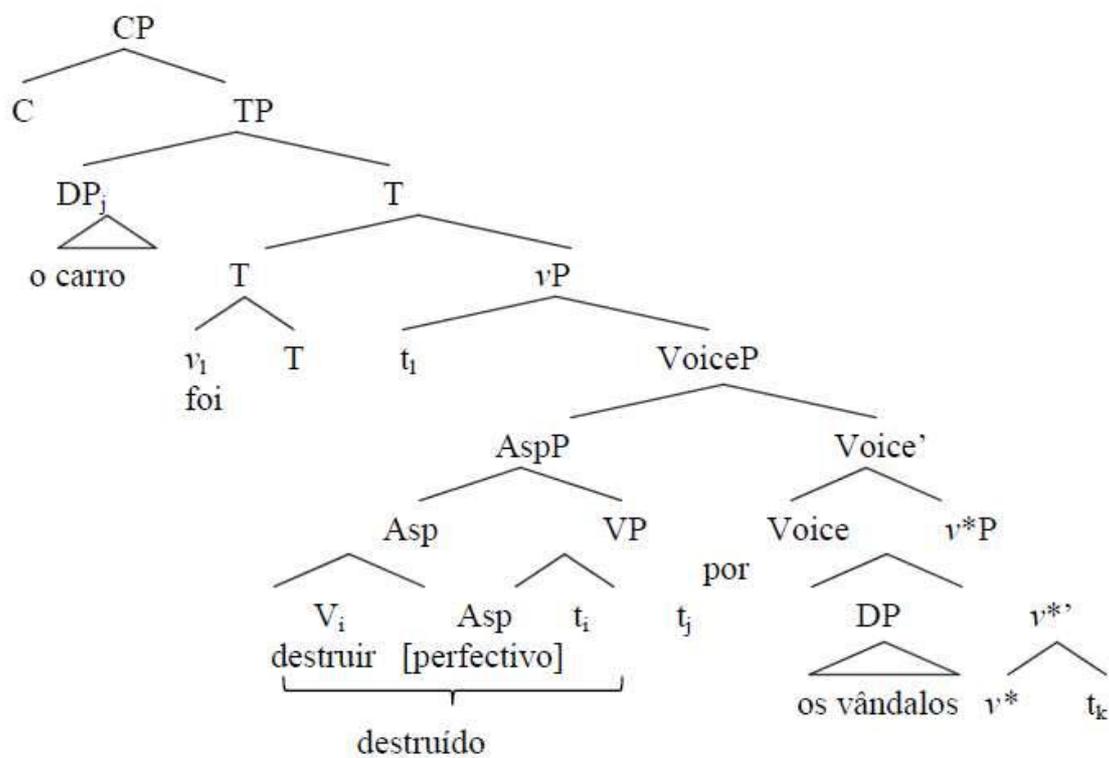
Dentre as alterações terminológicas estão: a troca de Part por Asp, justificada pela visão de que as formas não finitas, como particípio, gerúndio e infinitivo, sejam projeções aspectuais; a alteração *v* por *v**, em consonância com a proposta mais recente de Chomsky (2001, 2004), indicando um núcleo forte de fase na estrutura e a substituição do núcleo I pelo núcleo T, em linha também com os desenvolvimentos minimalistas (CHOMSKY, 1995).

Na implementação da proposta, Lunguinho (2011) adota um sistema de concordância nos moldes de Chomsky (2001), no qual, como vimos anteriormente, o particípio carrega um conjunto incompleto de traços- ϕ , não portanto traços de pessoa. Além disso, o núcleo de *VoiceP*, apresenta um conjunto completo de traços- ϕ não interpretáveis e não-valorados. Finalmente, o autor propõe que o licenciamento da forma participial é realizado pelo verbo *ser*. Dessa forma, o movimento de PartP para o especificador de *Voice* passa a ser entendido como um recurso para que o argumento interno possa escapar da fase, tornando-se disponível para estabelecer a relação de *Agree* com T para valoração de seu traços de Caso.

A partir dessas considerações, a proposta do autor é sistematizada da seguinte maneira:

(31)

a. O carro foi destruído por vândalos.



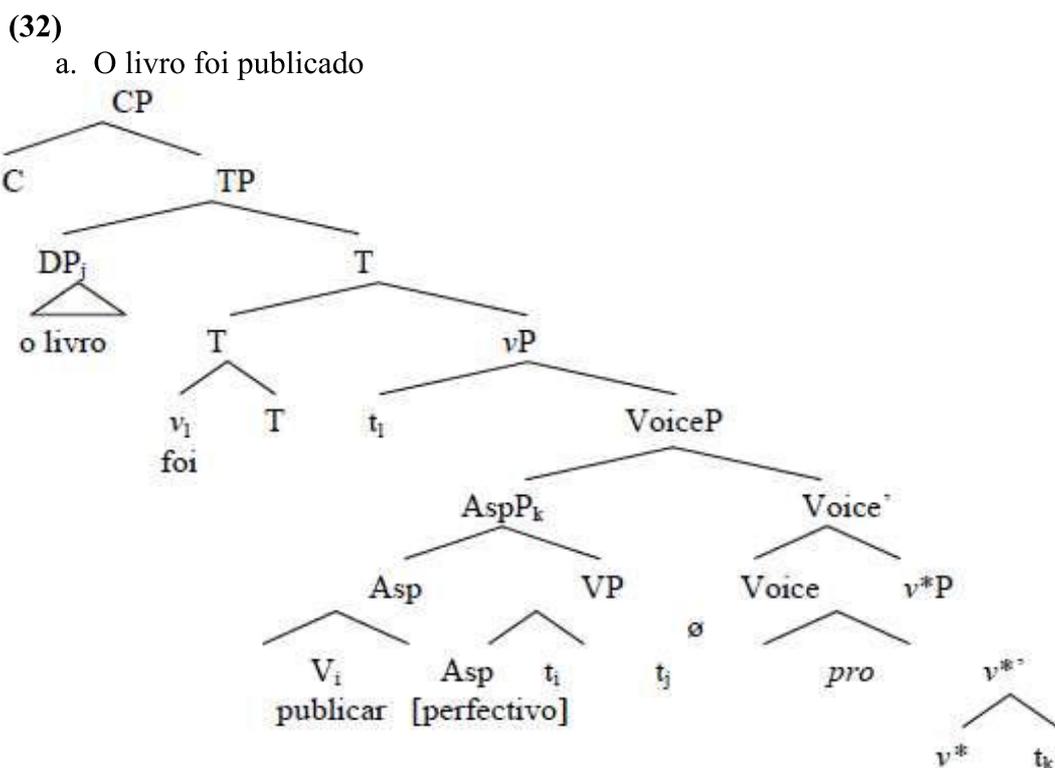
(LUNGUINHO, 2011, p. 60)

Na estrutura acima, o núcleo Asp se concatena com o VP, estabelecendo uma relação de *Agree*, na qual Asp tem seus traços de gênero e número valorados pelo argumento interno do verbo. Em seguida, v^* é inserido na derivação para introdução do argumento externo. O núcleo *Voice*, acima de v^* , é realizado pela preposição e estabelece *Agree* com o argumento interno do verbo, valorando seus traços- ϕ , além de fornecer Caso a esse elemento. A projeção máxima de AspP se move, então, para o especificador de *Voice*, deixando o argumento interno em posição disponível para posteriores relações de *Agree*.

O próximo passo da derivação é a inserção de verbo auxiliar, que, por ter um traço [uV], seleciona uma projeção verbal e, ao fazê-lo, licencia o traço aspectual de Asp, valorando-o como perfectivo. Por fim, ocorre a inserção dos núcleos T e C, respectivamente, no qual, o núcleo C apresenta um conjunto completo de traços- ϕ não valorados e tais traços são herdados por T, que sonda, então, os traços do argumento interno de

AspP. Finalmente, o traço EPP do núcleo T desencadeia o movimento do DP disponível para o seu especificador.

Para dar conta das passivas nas quais o agente não é realizado, o autor propõe os mesmos passos derivacionais acima delineados, com duas diferenças: o especificador de v^* é ocupado por um *pro* e o núcleo *Voice* passa a ser foneticamente nulo. Com os passos derivacionais, bem como as relações de *Agree* mantidas, temos a seguinte representação estrutural:



(LUNGUINHO, 2011, p. 62)

Lunguinho (2011) destaca, em especial, o *Agree* entre *Voice* e o *pro*, na qual *Voice* tem seus traços valorados pelo *pro*, ao mesmo tempo que valora o traços de Caso dessa categoria.

2.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo apresentamos as propriedades empíricas das passivas verbais do PB, além de um panorama histórico do tratamento dessas formações na literatura gerativista. Finalmente, fizemos uma apresentação de abordagens mais recentes que desenvolvem propostas de análise no âmbito do Programa Minimalista, como Chomsky

(2001), Adger (2003), Collins (2005) e Lunguinho (2011). Tais propostas trazem importantes contribuições para a proposta apresentada no decorrer do capítulo 4 desta dissertação.

Antes, porém, no próximo capítulo, abordamos, mais especificamente, a discussão acerca dos participios nas passivas adjetivais e a literatura acerca da tripartição de passivas.

CAPÍTULO 3: O PARTICÍPIO NAS PASSIVAS ADJETIVAIS

Para compreender o funcionamento dos participios em estruturas passivas adjetivais, é necessário revisitar uma parte importante da literatura que propõe uma tipologia dessas formações. Mais especificamente, Kratzer (2000), a partir das reflexões de Parsons (1990), propõe que as passivas não só se dividem em duas classes, as verbais e adjetivais, como já era assumido na literatura, mas que as últimas possuem ainda uma subdivisão nas passivas adjetivais em passivas de estado alvo e passivas de estado resultante. Dentre outras propriedades, destaca-se o licenciamento da modificação pelo advérbio do alemão *immer noch* ('ainda'). Dessa forma, participios de estado alvo, que são compatíveis com o advérbio, denotam estados transitórios, reversíveis; e participios de estado resultante, por outro lado, não podem se combinar com *immer noch* e, segundo Kratzer (2000), seriam derivados de verbos, introduzindo estados resultante de um evento que os origina, formalizado pelo emprego de um operador de perfectividade.

(33)

a. Die Geißlein sind (immer noch) versteckt. (Estado alvo)

As cabras ainda estão escondidas

b. Das Theorem ist (*immer noch) bewiesen. (Estado resultante)

O teorema (*ainda) está provado

(KRATZER, 2000, p. 385-386)

Na mesma linha de Kratzer (2000), Embick (2004) propõe uma subdivisão dos participios do inglês, incluindo em sua sistematização, além dos eventivos, uma subdivisão dos participios adjetivais em resultativos e estativos: enquanto os primeiros denotam o resultado de um evento, os últimos, apresentam leitura estativa mais próxima do comportamento dos adjetivos. Em linhas gerais, para o autor, os participios resultativos seriam formados a partir da anexação de um núcleo de aspecto acima do categorizador verbal, enquanto os participios estativos seriam derivados através da anexação desse núcleo diretamente à raiz.

Essa discussão é importante para o desenvolvimento deste trabalho, porque aponta como o comportamento e a interpretação da forma participial são distintos em cada um dos subtipos de passivas, explicitando a heterogeneidade categorial dessa formação, que parece misturar características verbais e nominais dentro da mesma realização morfofonológica. A partir dessas questões revisitamos, neste capítulo, uma discus-

são da tripartição de passivas, incluindo alguns dos testes comumente empregados para fazer a distinção entre as resultativas e estativas, além de nos debruçarmos sobre algumas das análises propostas na literatura que tratou desse tema.

Para tanto, este capítulo se estrutura da seguinte maneira: a seção 3.1 tem por objetivo apresentar um breve histórico de como a divisão das passivas tem sido tratada na literatura. Já a seção 3.2, traz alguns dos diagnósticos utilizados na literatura para diferenciar os subtipos de passivas adjetivais. A seção 3.3, por sua vez, apresenta e discute algumas propostas de estrutura sintática de passivas delineadas a partir das discussões tipológicas, como Embick (2004), Alexiadou e Anagnostopoulou (2008), Medeiros (2008) e Bruening (2012, 2014). Por fim, a seção 2.5 traz as considerações finais do capítulo.

3.1.A TRIPARTIÇÃO DE PASSIVAS: UM BREVE HISTÓRICO

Wasow (1977), no âmbito da vertente Lexicalista inaugurada em Chomsky (1970), apoia-se nas supostas diferenças existentes entre Regras Lexicais e Transformações, tal como sistematizado abaixo, para propor a formação de passivas em dois componentes distintos da gramática:

Quadro 2 –Distinção entre Regras Lexicais e Transformações

	Regras Lexicais	Transformações
Critério 1	Não afetam a estrutura	Não precisam preservar a estrutura
Critério 2	Podem relacionar itens de diferentes categorias gramaticais	Não alteram rótulos de nós sintáticos
Critério 3	“locais”; envolvem apenas NPs com relações gramaticais com os itens em questão	Não precisam ser “locais”; formuladas em termos de propriedades estruturais de <i>phrase markers</i>
Critério 4	Aplicadas antes das transformações	Podem ser alimentadas por transformações
Critério 5	Têm exceções idiossincráticas	Têm poucas exceções ou nenhuma exceção verdadeira

Fonte: Elaborado por Wasow(1977, p. 331 – tradução nossa).

Dessa forma, as Transformações seriam mais produtivas e, portanto, cruciais para geração de sentenças nas línguas, em comparação às Regras Lexicais. Essa diferenciação é importante para entender a subdivisão dos tipos de passivas proposta pelo autor: i) as passivas lexicais e ii) as passivas transformacionais. Enquanto a primeira classe engloba as chamadas passivas adjetivais, a segunda, por sua vez, daria conta das passivas verbais. Assim, somente as passivas verbais seriam sintaticamente derivadas através da aplicação de Transformações, sendo os participios passivos transformacionalmente derivados de verbos ativos (WASOW, 1977, p. 339).

Assim, o autor traz algumas evidências empíricas para explicitar o comportamento adjetival das passivas lexicais, apontando que os participios adjetivos:

(34)

- a. Podem aparecer em posição prenominal adjetiva;
- b. Podem aparecer em posição típica de adjetivo, ou seja, como complemento de verbos como *act, become, look, remain, seem e sound*;
- c. Podem ter modificação de grau;
- d. Alguns podem admitir anexação de prefixo *-un* (conforme observado em Siegel, 1970)

(WASOW, 1977, p. 338-340)

Dessa forma, as possíveis variações encontradas nas passivas adjetivais resultariam, basicamente, da atuação de Regras Lexicais. Para sustentar essa distinção teórica que divide a formação de passivas em diferentes componentes da gramática, Wasow (1977) se apoia na argumentação empírica de que os participios adjetivais e verbais apresentam uma série de diferenças sistemáticas, tal como apontado em Alexiadou, Anagnostopoulou, Schäfer (2015, p. 149):

(35)

- a. Participios estativos/adjetivais podem apresentar morfologia especial, enquanto as passivas verbais sempre mostram uma morfologia regular;
- b. Formação de participios adjetivais está associada com significado idiossincrático;
- c. Formação de participios adjetivais não interage com operações sintáticas;
- d. Formação de participios adjetivais pode alimentar outros processos derivacionais como a prefixação por *-un*.

Com base nesse tipo de raciocínio, alguns autores (BRESNAN, 1982; WILLIAMS, 1981; LEVIN AND RAPPAPORT, 1986) desenvolveram propostas explícitas para formalizar a Regra lexical de Formação de Passivas Adjetivas (no inglês, *Adjecti-*

val Passive Formation (APF)), que altera a categoria de um particípio verbal para adjetival e apresenta as seguintes características:

- (36) APF (LEVIN AND RAPPAPORT, 1986, baseado em BORER, 1984)
- a. Afixação do morfema passivo *-ed*
 - b. Alteração de categoria: [+V, -N] -> [+V, +N]
 - c. Supressão do papel temático de argumento externo do verbo de base
 - d. Externalização do papel temático interno (direto) do verbo de base
 - e. Absorção de Caso
 - f. Eliminação da posição [NP, VP]
- (ALEXIADOU, ANAGNOSTOPOULOU, SCHAFER, 2015, p. 148)

A partir das semelhanças entre as propriedades acima delineadas e o comportamento das passivas verbais propriamente ditas, é possível dizer que, nesse tipo de abordagem, os particípios adjetivais são essencialmente passivos, sendo que a distinção primordial fica à cargo somente das diferenças categoriais entre os particípios verbais e adjetivais.

Revisitando Wasow (1977), Kratzer (1994) propõe uma divisão também em dois tipos de particípios: os particípios “sintagmáticos” (*phrasal*) e os “lexicais”. Enquanto os primeiros descrevem estados resultantes de um eventos anterior, os últimos, por sua vez, não apresentam a implicação de evento. Essa distinção é, posteriormente, mapeada em Embick (2004) através da distinção entre passivas resultativas e estativas, respectivamente, como veremos mais adiante.

Seguindo a linha de Kratzer (2000), algumas propostas estritamente sintáticas aparecem na literatura sobre passivas, desenvolvidas a partir da ideia de que é possível derivar as distinções entre passivas verbais e adjetivais diretamente no componente sintático da Gramática. Esse tipo de abordagem é bastante relevante para o desenvolvimento desta dissertação, que também se apoia em uma visão sintática da formação de palavras. Antes de discuti-las, porém, vejamos alguns dos testes empíricos comumente empregados para distinguir os subtipos de passivas adjetivais.

3.2.AS PASSIVAS ADJETIVAIS: DIAGNÓSTICOS EMPÍRICOS

Nesta seção, apresentamos alguns diagnósticos empíricos que possuem na sua base a intenção de separar as passivas adjetivais em dois grupos, as resultativas e as estativas. Para tanto, tais diagnósticos foram coletados e organizados a partir da literatura que se debruçou sobre o tema (KRATZER, 2000; EMBICK, 2004; ALEXIADOU E ANA-

GNOSTOPOULOU, 2008; MEDEIROS, 2008; DUARTE E OLIVEIRA, 2010), levando, no entanto, em conta a aplicabilidade desses testes para os dados do PB.

3.2.1. Licenciamento de agente

Este teste consiste na verificação da aceitabilidade de inserção de agente nas passivas adjetivais. De modo geral, as línguas aceitam inserção de agente nas eventivas e não aceitam em casos de passivas adjetivais, sejam elas resultativas (37a-b) ou estativas (37c-d):

(37)

- a. *A comida está queimada pela Silvia.
- b. ?A prova está corrigida pelo professor.¹⁰
- c. *A prova está correta pelo professor.
- d. * A maçã está mordida pela Maria.

É interessante ressaltar, no entanto, que a literatura vem apontando (cf. ALEXIDOU e ANAGNOSTOPOULOU, 2008) para uma possível variação translinguística nas possibilidades de inserção de agente em passivas adjetivais. No PB, por exemplo, (37b) seria bastante aceitável em um contexto em que a correção da prova é feita em duas etapas, uma pelo monitor e outra pelo professor. Dessa forma, a distinção entre resultativas e estativas não parece ser satisfatoriamente delineada a partir desse diagnóstico.

De um ponto de vista analítico, no entanto, a (im)possibilidade de inserção do agente nas passivas adjetivais tem sido utilizada na literatura para mapear a presença/ausência de núcleos funcionais relacionados à noção de agentividade, como por exemplo, o núcleo *v* que é compreendido como alguns autores como o núcleo que, ao mesmo tempo, categoriza a raiz e introduz o agente ou o núcleo *Voice* na linha de Kratzer (1996).

3.2.2. O licenciamento da modificação adverbial

¹⁰Em conversa com alguns falantes nativos do PB, notamos que a inserção do agente em resultativas mostra uma possível variação translinguística. Contudo a verificação desses casos foge do escopo deste trabalho.

O conjunto de testes que vem a seguir tem em comum a tentativa de licenciamento de advérbios como diagnóstico para estabelecer as diferenças entre passivas estativas e resultativas. De maneira geral, o licenciamento de advérbios tem sido correlacionado na literatura a dois tipos de interpretação analítica: uma delas relacionada à distinção entre as diferentes leituras associadas às resultativas e estativas e outra relacionada à existência de camadas verbais na estrutura. Mais especificamente, a possibilidade de licenciamento desse elemento seria, então, uma possível evidência da existência de camadas verbais às quais os advérbios se anexam.

3.2.2.1. *Reversibilidade: advérbio “ainda”*

O teste de compatibilidade com advérbio “ainda” tem por finalidade capturar a semântica reversível ou irreversível da passiva adjetival, uma das propriedades centrais apontadas por Kratzer (2000) nas diferentes interpretações associadas aos subtipos detectados pela autora.

(38)

- a. Os caramelos (ainda) estão escondidos.
- b. A pista (ainda) está obstruída.
- c. O menino (ainda) está penteado.

- d. O teorema (*ainda) está provado.
- e. A casa (*ainda) está construída.
- f. As panelas (*ainda) estão lavadas.

(MEDEIROS, 2008, p.172-173)

Dessa forma, enquanto as passivas estativas seriam compatíveis com o advérbio “ainda” por denotarem estados reversíveis (38a-c), as passivas resultativas, por sua vez, veiculando a interpretação de um estado que é resultado de um evento que culminou, acaba também por ser incompatível com o advérbio relevante por serem irreversíveis (38d-f).

3.2.2.2. *Processo culminado: advérbio “já”*

Bastante relacionado ao teste anterior, a inserção do advérbio “já” fornece à passiva uma semântica de processo culminado, sendo essa interpretação, portanto, mais

compatível com as passivas resultativas e menos compatível com as estativas, cuja leitura de estado independe da existência de um evento prévio.

(39)

- a. A fruta já está cortada.
- b. Os presentes já estão comprados.
- c. *A resposta já *está sabida*.
- d. *A casa já *está possuída* (não se tratando de possessão sobrenatural ou demoníaca).¹¹

Assim, os exemplos em (39c-d) acima, inspirados em Medeiros (2008, p.175), revelam a incompatibilidade entre a leitura de estado e o advérbio “já”, diferentemente dos exemplos em (39a-b), que ilustram formações resultativas.

3.2.2.3. *Advérbios de modo*

A anexação dos advérbios de modo aparece na literatura como indicativa da presença ou ausência de camadas verbais às quais tal elemento poderia ser concatenado.

(40)

- a. ?A vidraça está quebrada com violência.
- b. *A porta está obstruída com violência.

Mais especificamente, em relação à anexação de advérbios de modo, as estativas, que, por hipótese teriam uma estrutura mais próxima dos adjetivos, não apresentando camada eventiva, seriam incompatíveis com esse tipo de advérbio, enquanto tal modificação seria mais aceitável com as resultativas, embora possa ser notada uma espécie de degradação, tanto em (40a), como em (40b).

3.2.2.4. *Advérbios de tempo*

Esse teste consiste na inserção de advérbios de tempo na sentença e acaba sendo outra forma de contribuir para a detecção da interpretação de reversibilidade.

(41)

- a. A pista *esteve obstruída* por duas horas.
- b. O broche *esteve escondido* por dois dias.

¹¹ Ressaltamos que a inserção de *já* nos exemplos em (39) é uma adaptação dos exemplos de Medeiros (2008, p.175).

- c. *O prato *esteve lavado* por dois dias.
- d. *A casa *esteve construída* por vinte anos.

(MEDEIROS, 2008, p. 175-176)

Mais especificamente, as estativas, que denotam eventos reversíveis, aceitam a modificação por esse tipo de advérbio, enquanto as resultativas, por sua vez, são incompatíveis com tal modificação, justamente pelo caráter irreversível que essa formação veicula.

3.2.2.5. Advérbios de instrumento

Esse teste consiste na inserção de advérbio com semântica instrumental e sua demonstração será feita com participios duplos, já que essa alternância parece tornar a diferença entre os tipos de passiva mais visível. Em linhas gerais, a ideia da anexação de um PP instrumental é mostrar que em um ponto do tempo um instrumento qualquer auxiliou na realização da ação.

(42)

- a. A prova está corrigida com caneta vermelha.
- b. *A prova está correta com caneta vermelha.

Tal como apontado nos dados acima, as estativas (42b), diferentemente das resultativas (20a) parecem ser incompatíveis com PP instrumental, supostamente por não terem nenhum tipo de evento relacionado em sua construção.

3.2.3. Prefixo de negação

Esse teste consiste na possibilidade ou impossibilidade da anexação do prefixo de negação nos participios que compõem as passivas adjetivais e acaba por trazer indicações a respeito do estatuto categorial dos participios em resultativas e estativas. Em PB, por exemplo, se tomarmos por base a anexação do prefixo *-in*, que se anexa a formas adjetivais, podemos ver que essa marcação de negação é mais apropriada para as estativas do que para as resultativas. Como no teste anterior, a distinção parece funcionar de maneira mais clara com os participios duplos do PB.

(43)

- a. A questão está corrigida.
- b. *A questão está incorrigida.

- c. A questão está correta.
- d. A prova está incorreta.

Os dados acima parecem apontar que os participios estativos, representados pela forma irregular do participio duplo (43c-d), apresentam um estatuto categorial muito próximo dos adjetivos, como apontado por Embick (2004), ao contrário dos participios resultativos, cuja natureza categorial mais verbal, seria, por sua vez, incompatível, com a anexação desse prefixo.

3.2.4. Complemento de verbo de criação

Esse teste consiste na inserção do participio em uma estrutura de complemento de verbo de criação. No PB, é bastante interessante observá-lo a partir da alternância entre os participios duplos, já que facilitam a identificação da divisão da tripartição de passivas.

(44)

- a. O castelo foi construído oculto
- b. *O castelo foi construído ocultado

Nos dados acima, o participio regular, que participa da formação da passiva resultativa não parece ser licenciado na posição de complemento de verbo de criação, ao contrário do participio irregular, que aparece compondo a formação da passiva estativa.

Em resumo, nestas subseções pudemos explorar os seguintes diagnósticos para a distinção entre passivas resultativas e estativas:

Quadro 3 – Diagnósticos para distinção entre resultativas e estativas

Teste	Resultativa	Estativas
Licenciamento de Agente	x/?	x
Anexação de “ainda”	x	✓
Anexação de “já”	✓	x
Anexação de advérbios de modo	✓/?	x
Anexação de advérbios de tempo	x	✓
Anexação de advérbios de instrumento	✓	x

Prefixo de negação	x	✓
Complemento de verbo de criação	x	✓

Fonte: Elaborado pela autora

Com os teste devidamente apresentados, ressaltamos o fato que nem sempre eles parecem funcionar adequadamente para os dados do PB, devido a diferenças nas estruturas disponíveis nas línguas. Algumas vezes, por exemplo, recorreremos ao uso de participios duplos (questão não abordada neste trabalho) para tornar evidente a divisão existente entre os tipos de passiva. A análise das passivas adjetivais, por exemplo, tem sido recentemente revisitada em função da estrutura reduzida que geralmente se atribui para tais formações (cf. EMBICK, 2004). Na seção seguinte, apresentamos e discutiremos algumas propostas de análise que se debruçaram sobre a distinção entre passivas estativas e resultativas.

3.3.A TRIPARTIÇÃO DE PASSIVAS NA LITERATURA

Nesta seção apresentamos e discutimos algumas das propostas sintáticas disponíveis na literatura para a análise da tripartição de passivas, como Embick (2004), Alexiadou e Anagnostopoulou (2008), Medeiros (2008), bem como o sistema articulado em Bruening (2012, 2014).

3.3.1. Embick (2004): uma abordagem sintática da tipologia de passivas

O trabalho de Embick (2004) discute a estrutura sintática de participios resultativos no inglês. Para tanto, o autor retoma a distinção clássica entre as chamadas passivas verbais e adjetivais, propondo que as últimas, na verdade, revelam dois tipos de participios: os resultativos e os estativos. Em linhas gerais, enquanto os primeiros possuem, segundo o autor, um evento representado gramaticalmente, os estativos, por sua vez, estão mais próximos de um adjetivo simples.

É importante ressaltar que a proposta do autor se insere no quadro teórico da MD, de modo que Embick (2004) rejeita a ideia de que os diferentes tipos de passiva seriam advindos de diferentes lugares de formação dessas estruturas na gramática, contrapondo-se, portanto, a ideia existente na literatura de que a passiva verbal seria formada na

sintaxe, enquanto a passiva adjetival seria, por sua vez, seria formada no léxico (WASOW, 1977). Discutindo, mais especificamente, a estrutura argumental envolvida nas passivas adjetivais, o autor conclui que as restrições aí envolvidas são de natureza sintática, de modo que o tratamento lexicalista se mostra insuficiente:

Dessa maneira, a abordagem sintática realiza diretamente o que a abordagem Lexicalista pode somente explicar (a) adotando parte da explicação sintática, na distinção entre licenciamento do argumento direto e indireto e (b) fazendo estipulações explícitas nas estruturas de argumentos lexicais. Longe de ser um caso que defende a derivação lexical, a formação de participios resultativos revela-se, sob um exame minucioso, como um argumento para uma abordagem não lexicalista da gramática.¹²

(EMBICK, 2004, p. 388)

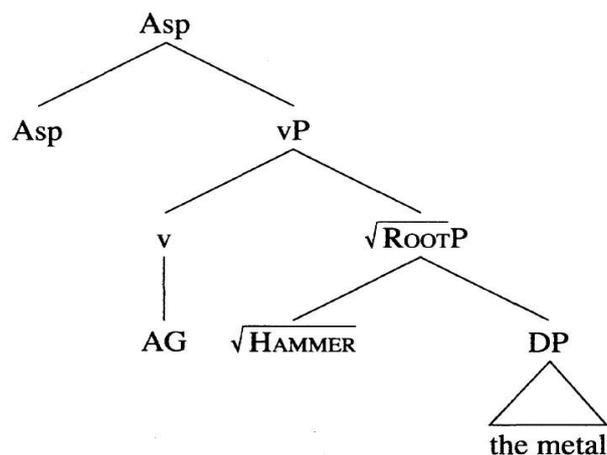
A partir desse raciocínio, a proposta do autor é, portanto, identificar, no escopo de uma análise de natureza sintática, as diferentes estruturas responsáveis por derivar as propriedades dos diferentes tipos de participios. Dessa forma, a implementação de Embick (2004) aponta para uma linha de análise estrutural em que um mesmo núcleo sintático pode se anexar em diferentes alturas na hierarquia sintática.

Mais especificamente, na visão do autor, então, a passiva eventiva é derivada com a anexação do núcleo de Aspecto (Asp) acima do categorizador verbal, tal como ilustrado a seguir:

(45)

- a. The metal was hammered.
'O metal foi martelado'

¹² “In this way, the syntactic account accomplishes directly what the Lexicalist account can only accomplish by (a) adopting part of the syntactic account, in the distinction between direct and indirect argument licensing, and (b) making explicit stipulations in lexical argument structures. Far from being a case that argues for lexical derivation, the formation of resultative participles reveals itself under close examination to be an argument for a non-Lexicalist approach to grammar.



(EMBICK, 2004, p. 364)

Na estrutura acima, o traço [AG] que compõe o núcleo v , seria responsável, segundo o autor, pela interpretação agentiva das passivas eventivas. Dessa forma, a anexação de Asp acima de v produz, em linhas gerais, dois efeitos importantes: a agentividade e a leitura eventiva. A consequência dessa estrutura, segundo o autor, é que vários efeitos empíricos são derivados, como a possibilidade de anexação de um agente e o licenciamento de modificação adverbial, por exemplo.

É importante ressaltar que a proposta de Embick (2004) envolve a codificação da noção de agentividade nas passivas eventivas no mesmo núcleo que categoriza a raiz. No entanto, Harley (2013), analisando a interação entre a morfologia aplicativa e causativa no Hiaki, a partir do mapeamento entre morfologia e sintaxe previstos pelo *Mirror Principle* (BAKER, 1985), fornece argumentos em favor da distinção de *Voice* (KRATZER, 1996), introdutor de argumento externo e v categorizadorverbal, ponto que será importante no desenvolvimento da nossa proposta de análise.

Outro ponto a ser destacado na análise de Embick (2004), diz respeito à inserção do argumento interno nas passivas eventivas. Na MD, é comum a ideia de que raízes sejam desprovidas de traços formais. Se a seleção de argumentos se dá a partir de traços formais que desencadeiam relações de *merge*, então, não fica clara a relação estabelecida entre raiz e o argumento interno nessas estruturas. Por outro lado, a distinção entre v e *Voice* possibilita que o primeiro núcleo seja responsável pela inserção do argumento interno e o segundo pela concatenação do argumento externo, evitando os problemas de se assumir a raiz como introdutora de argumentos.

No que diz respeito ao participio resultativo, por sua vez, é importante lembrar que ele denota um estado que resulta necessariamente de um evento anterior. Dessa forma, a intuição de Embick (2004) é que as resultativas se caracterizam por serem mais verbais que as estativas e menos do que as eventivas. Uma vez que a leitura eventiva é codificada gramaticalmente no núcleo v , o complemento de Asp em uma estrutura resultativa deve necessariamente incluir um v para garantir a interpretação de evento.

No entanto, uma vez que tais estruturas não licenciam, no inglês, a inserção de um agente, então, o núcleo verbalizador não pode, segundo o autor, ser v [AG], mas deve ser de outra natureza. Mais especificamente, o autor utiliza um traço [FIENT] em v , que:

O traço [FIENT], para *fientivo*, é um tipo de operador-BECOME. Denota uma transição de evento que se move na direção do estado. A dificuldade em usar um termo como um operador-BECOME, ou um traço [BECOME], reside no fato que esse tipo de operador é frequentemente definido em termos de eventos télicos, os quais são indesejáveis; veja a discussão em Borer (2003). Por essa razão, eu me refiro ao traço em questão como [FIENT], com a observação que ele está obviamente relacionado ao BECOME e INCH (para inchoativo), traços familiares para a literatura.¹³

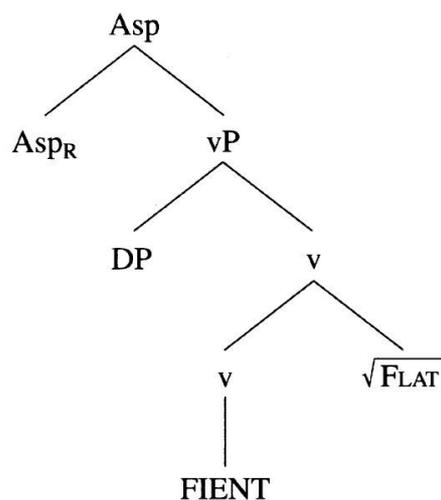
(EMBICK, 2004, p. 365)

A partir dessas considerações, a estrutura proposta pelo autor para o participio nas passivas resultativas aparece tal como delineada a seguir:

(46)

- a. The metal is flattened.
'O metal está achatado' (leitura resultativa)

¹³ “The feature [FIENT], forfientive, is a type of BECOME-operator. It denotes a becoming-or perhaps better, transition event-that moves toward a state. The difficulty in using a term like BECOME-operator, or the feature [BECOME], lies in the fact that this type of operator is often defined in terms of telic events, which is unwanted; see the discussion in Borer 2003. For this reason, I refer to the feature in question as [FIENT], with the note that it is of course related to BECOME and INCH (for inchoative), features familiar from the literature.” (tradução nossa)



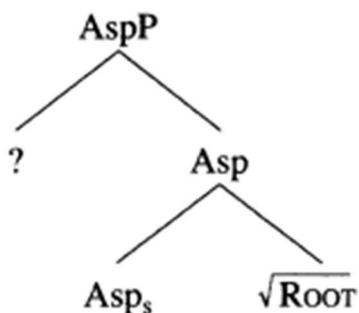
(EMBICK, 2004, p. 367)

Na estrutura acima, a caracterização Asp_R se refere a possíveis especificidades do núcleo aspectual das sentenças resultativas. Nesse sentido, Asp_R toma como complemento um v com o traço [FIENT], que, por sua vez, tem como complemento um estado.

Na comparação entre eventivas e resultativas, é interessante atentarmos para o licenciamento do argumento interno. Mais especificamente, na proposta do autor, é possível notar que tais elementos são licenciados em posições distintas: raiz no primeiro caso e v na segunda estrutura. Não é claro, no entanto, que a interpretação entre os dois elementos seja tão diferente assim a ponto de justificar a diferença no licenciamento.

Finalmente, os participios estativos envolvem, segundo o autor, menos material sintático do que as estruturas anteriores. Mais especificamente, a estrutura proposta em Embick (2004) para os estativos traz uma anexação do núcleo aspectual diretamente à raiz.

(47)



(EMBICK, 2004, p. 364)

Crucialmente, a estrutura acima não envolve o categorizador verbal, nem sua consequente eventividade, o que daria conta, por exemplo, da impossibilidade de modificação adverbial. O ponto de interrogação na posição de especificador de Asp deixa em aberto questões a respeito do licenciamento de argumentos nessas estruturas. Considerando as semelhanças entre as passivas estativas e os adjetivos, o autor levanta a hipótese de que o argumento poderia ser licenciado na posição ocupada pela interrogação, embora não haja no escopo da proposta espaço para o desenvolvimento dessa questão. Além disso, a caracterização Asps se refere a possíveis especificidades do núcleo aspectual das sentenças estativas. Mais especificamente, a concatenação desse núcleo diretamente à raiz, impede a anexação de *v* e produz, como consequência, uma estrutura em que justamente o núcleo desencadeador da leitura evento está ausente.

Especificamente em relação à anexação aspectual direta à raiz proposta em Embick (2004), é importante notar uma importante questão quanto a essa abordagem na medida em que Alexiadou, Gehrke e Schäfer (2014) demonstram, com dados do alemão, que participios de verbos transitivos podem aparecer em estruturas estativas, caso em que a raiz estaria anexada diretamente ao núcleo Asp, segundo Embick (2004). Desse modo, possivelmente, mesmo a camada introdutora do argumento externo seria compatível com a estativa, portanto pode ser que haja mais material sintático entre o núcleo aspectual e a raiz do que previsto em Embick (2004). Nessa linha de raciocínio, uma propriedade das estativas do PB é o licenciamento de participios regulares, como em “A menina está *encantada*”. Os participios regulares pressupõem uma base verbal na derivação, o que pode indicar a presença de um núcleo *v* na estrutura, tal como evidenciado pela presença da vogal temática verbal (nesse exemplo, *a*, anexada à raiz *encant-*). Ademais, há estativas como “A população está *mobilizada*”, nas quais é observada a realização fonológica do próprio categorizador verbal (aqui, a peça *-iz*). Tais exemplos indicam que o núcleo aspectual pode ser anexado acima de *v* nas passivas estativas, diferentemente da previsão de Embick (2004).

Por fim, é interessante destacar também que a natureza das distinções aspectuais de três sabores propostas pelo autor (Asp para as passivas eventivas, Asp_R para as passivas resultativas e ainda Asp_s para passivas estativas) não fica totalmente justificada, uma vez que as resultativas e estativas apresentam, na análise do autor, outras distinções estruturais que poderiam derivar as diferenças interpretativas entre tais estruturas.

Na seção, a seguir trazemos a proposta de análise delineada em Alexiadou e Anagnostopoulou (2008), que trabalham também uma visão tripartida dos de participípios, mas, dessa vez, a partir de dados do grego.

3.3.2. Alexiadou e Anagnostopoulou (2008): tipologia de passivas no Grego Moderno

Alexiadou e Anagnostopoulou (2008) fornecem, a partir de dados do grego, argumentos para a ideia de que os participípios se dividem em diferentes tipos, defendendo, então, que uma visão mais refinada dessa tipologia é essencial para a compreensão dessas formações. Mais especificamente, o ponto de partida das autoras são as diferentes realizações morfológicas possíveis para o participípio no grego, que ora se superficializa através do morfema *-menos* e ora se realiza na forma *-tos*, tal como se pode ver nos dados a seguir:

(48)

- | | |
|--|----------|
| a. vraz-o vras-men-os vras-t-os | fervido |
| b. psin-o psi-men-os psi-t-os | grelhado |
| c. zograf- zografis-men-os zografis-t-os | pintado |
| d. anig-o anig-men-os anix-t-os | aberto |

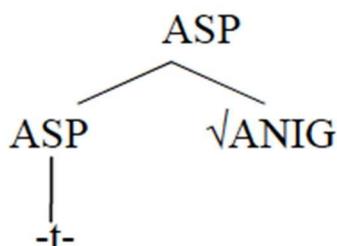
(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 2008, p.33)

Segundo as autoras, tais diferenças morfológicas, na verdade, relevam diferentes posições na estrutura sintática, atreladas aos diferentes tipos de formação participial. Dessa forma, a partir de uma descrição empírica que contempla, em linhas gerais, vários dos testes que apresentamos anteriormente neste capítulo, Alexiadou e Anagnostopoulou (2008) apresentam algumas importantes generalizações na relação entre a tipologia de passivas e suas respectivas realizações morfológicas no grego. Mais especificamente, segundo as autoras, o participípio formado com *-tos* não envolve implicação de evento, nem apresenta agentividade. Empiricamente, tais formações não aceitam, por exemplo, modificação orientada para o resultado do evento, nem para o agente ou mesmo a inserção de *by-phrases* ou instrumentos. Por outro lado, a forma participial *-menos* se subdivide em duas estruturas distintas. Em uma delas, correspondentes às formações de estado alvo, há a implicação de evento, uma vez que tais sentenças licenciam modificação orientada para o resultado do evento, mas, ao mesmo tempo, a noção de agentividade é excluída, uma vez que, tais formações não licenciam advérbios orientados para o agente. Por fim, nas formações com *-menos*, que se relacionam a participípios de estado

resultante, tanto a implicação de evento, como a leitura agentiva são identificadas pelas autoras.

A partir dessa sistematização, é interessante ressaltar que as formações com *-tos* são as que mais se aproximam da estativa de Embick (2004), apresentada na subseção anterior. Nesse sentido, a proposta das autoras para as formas participiais em *-tos* pode ser vista a seguir:

(49)



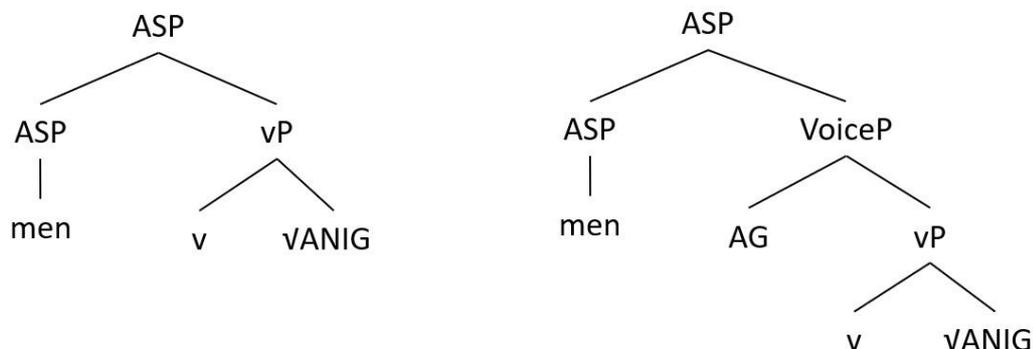
(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 2008, p.38)

Na estrutura acima, as autoras consideram que *-t-* é, efetivamente, a realização de Asp, que está diretamente anexado à raiz, muito semelhantemente à proposta de Embick (2004) para as estativas do inglês. A ausência do verbalizador nessa estrutura explica a falta agentividade e a ausência também de uma leitura eventiva. É interessante ressaltar ainda que, na visão das autoras, tal estrutura seria bastante semelhante à estrutura de adjetivos. No entanto, as questões específicas das fronteiras entre tais participios e os adjetivos propriamente ditos são deixados como questão futura.

Já com relação às formações com *-menos*, as autoras propõem que *-men-* é também um expoente de Asp. Uma vez que, no grego, há uma formação que inclui a implicação de um evento, mas não de agente, as autoras entendem a camada *Voice* como lugar da agentividade e a camada *v* como responsável pela leitura eventiva. Dessa forma, nas passivas de estado alvo, por ter a implicação de evento, há a camada *v*, enquanto a estrutura das passivas de estado resultante, por sua vez, apresenta não só *v*, como também *Voice* para licenciar respectivamente a implicação de evento e agentividade. Vejamos as estruturas abaixo:

(50)

a. *-menos* de particípio de estado alvo b. *-menos* de particípio de estado resultante



(ALEXIADOU E ANAGNOSTOPOULOU, 2008, p. 38-39)

Após analisar a estrutura dos participípios no grego, Alexiadou e Anagnostopoulou (2008) levantam algumas diferenças translinguísticas que, segundo as autoras, podem existir na sintaxe dessas formações. Para tanto, Alexiadou e Anagnostopoulou (2008) propõem uma visão contrastiva entre as formações participiais do grego, do alemão e do inglês, apontando que, apesar de os participípios de estado alvo serem parecidos, os de estado resultante possuem algumas diferenças relevantes, tal como sistematizado abaixo:

- a. presença de agente e controle de sentenças de finalidade não são licenciados em participípios do alemão e inglês, diferentemente do grego;
- b. advérbios sensíveis à presença de *Voice* podem ser licenciados no grego, diferentemente do alemão e inglês;
- c. em inglês e alemão os advérbios de modo são licenciados nas formações de estado resultante;
- d. Presença de *Voice* nas formações de estado resultante do grego, mas não do alemão e inglês.

De qualquer forma é importante notar que isso não significa que as passivas de estado resultante do grego sempre contêm *Voice* obrigatoriamente. Na verdade, verbos inacusativos, que não contêm *Voice*, na perspectiva das autoras, também podem formar participípios de estado resultante. Nesse caso, a questão que surge é que o sistema proposto perde a possibilidade de expressar a diferença entre estado resultante e estado alvo, já que a presença vs ausência de *Voice* era responsável por fazer a distinção entre tais formações. Para solucionar tal questão, as autoras propõem que participípios de estado resultante podem ter a mesma estrutura de participípios de estado alvo quando lhes falta *Voice*,

sendo que a diferença entre tais formações estaria, de alguma maneira, relacionada com a semântica de Asp.

[...] Participios de estado resultante podem ter a mesma estrutura dos participios de estado alvo quando há ausência de Voice e [...] a diferença está relacionada com a semântica de Asp, em outras palavras a semântica de Asp_{ESTADORESLTANTE} difere daquela de Asp_{ESTADOALVO}¹⁴
(ALEXIADOU E ANAGNOSTOPOULOU, 2008, p. 41)

O trabalho de Alexiadou e Anagnostopoulou (2008) é interessante para as nossas discussões na medida em que revela possíveis variações entre as línguas na expressão dos diferentes tipos de participio. Dessa mesma forma, as autoras identificam evidências de que estruturas estativas podem conter mais material sintático do que proposto em Embick (2004). Na subseção a seguir, trazemos a proposta de Medeiros (2008) para as formações participiais do PB.

3.3.3. Medeiros (2008): os participios no PB

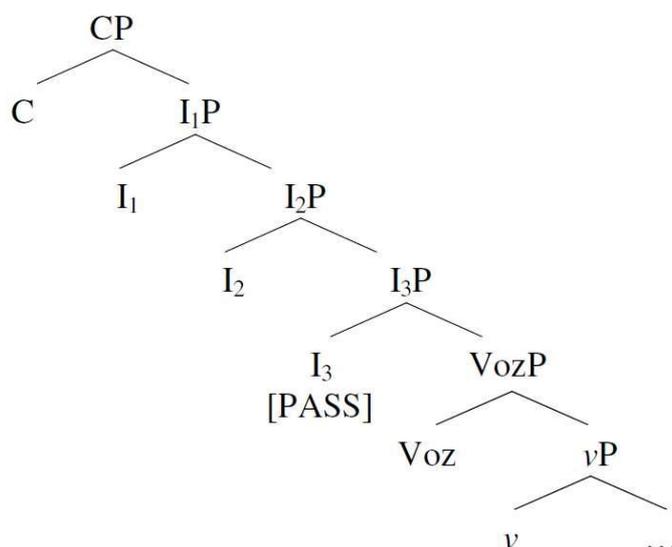
Medeiros (2008) investiga as formações participiais do PB a partir do modelo da MD em contextos diversos, como o participio passado, que aparece nos tempos compostos e nas formas passivas, mas também as formas adjetivais e nominalizadas que se realizam como um participio na língua. Especificamente para os propósitos deste trabalho, ressaltamos as discussões feitas pelo autor em torno das passivas. Para tanto, é relevante, no entanto, explicitar alguns pontos da proposta do autor, que tem como inspiração a análise Ippolito (1999) para a morfologia participial do italiano:

- a. Os diferentes núcleos flexionais – chamados de I – se diferenciam configuracionalmente, sendo que uns dominam os outros na estrutura sintática, carregando informações como tempo, aspecto e voz, por exemplo;
- b. É uma exigência morfológica que cada núcleo flexional I seja irmão de um núcleo de natureza verbal. Dessa forma, os auxiliares são entendidos como elementos inseridos pós-sintaticamente para satisfazer essa condição;
- c. Também os núcleos de concordância são inseridos na morfologia através de uma regra pós-sintática.

¹⁴“[...] resultant state participles can have the same structure as target state participles when they lack Voice, and [...] the difference is related to the semantics of Asp, in other words the semantics of Asp_{ResultantState} differ from those of Asp_{TargetState}.”

A partir dessas considerações, a estrutura abaixo ilustra a derivação de uma passiva eventiva na proposta do autor:

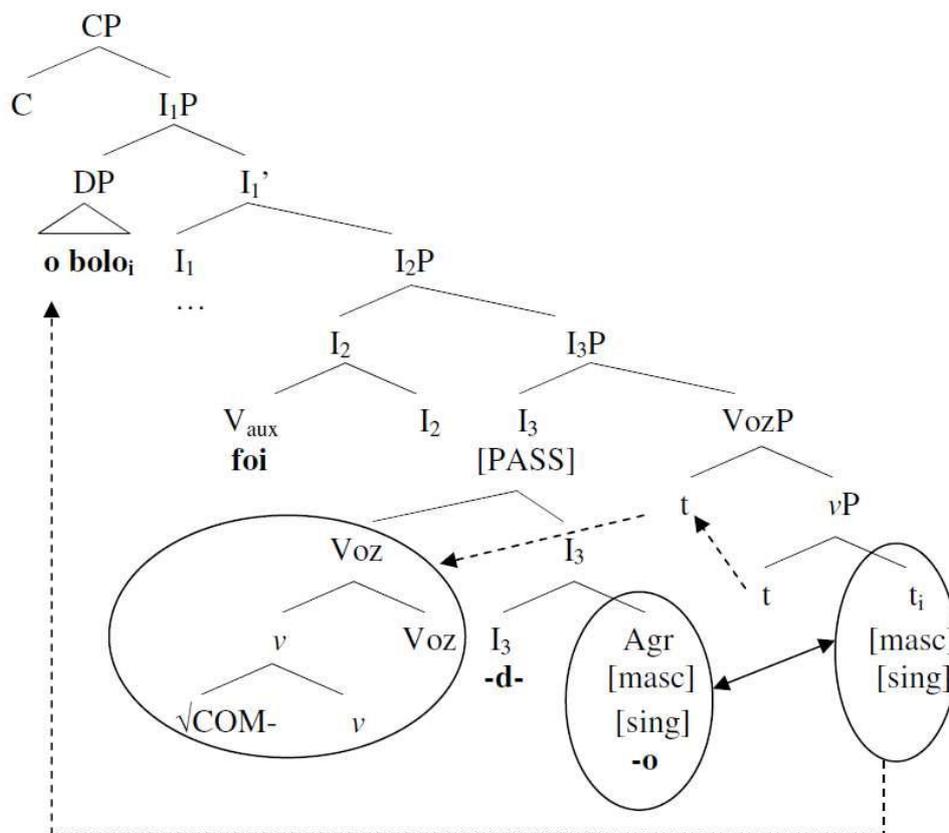
(51) Estrutura sintática



(MEDEIROS, 2008, p. 99)

Na estrutura acima, o núcleo PASS, projetado pelo traço [passiva] abriga a morfologia participial. Esse núcleo c-comanda *Voz/Voice*, bloqueando a inserção de um argumento na posição do seu especificador. Sendo codificado como o núcleo que introduz a leitura agentiva, ainda que não haja um DP no seu especificador, há a interpretação de um agente implícito, que pode ser expresso por sintagma preposicional. Dessa mesma forma, na proposta de Ippolito (1999), os verbos se movem na sintaxe até o primeiro núcleo flexional. Desse modo, os possíveis núcleos acima de I₃ [PASS] recebem verbos auxiliares que são realizados pelo verbo *ser* no núcleo I logo acima da voz passiva. A estrutura morfológica, resultante após a concatenação do auxiliar e a inserção dos nós de concordância segue ilustrada abaixo:

(52) Estrutura morfológica



(MEDEIROS, 2008, p. 99)

Na estrutura acima o núcleo complexo formado por *v* e raiz se move para *Voz/Voice* e, em seguida, para *I₃*. Como o núcleo flexional *I₂* não tinha um verbo como seu irmão na estrutura sintática, o auxiliar *V_{aux}* é inserido na morfologia. Além dele, o núcleo de concordância *Agr* também é inserido pós sintaticamente.

A respeito da análise de Medeiros (2008) para as passivas eventivas, levantamos como questão a ideia de que o núcleo *I₃* bloqueia a inserção de um agente na posição de especificador de *Voz/Voice*. No entanto, quando *I₃* entra na estrutura e a codificação de que a sentença será passiva acontece, o especificador de *Voz/Voice*, mais baixo na estrutura sintática, já estaria preenchido. A ideia é que o núcleo de passiva tenha como domínio semântico exatamente a função veiculada por *Voz/Voice* antes da entrada do argumento externo, ou seja, a passivização suprime a necessidade semântica de um argumento externo, introduzindo um quantificador existencial. Dessa forma, a inserção de

um argumento externo via *Voz/Voice* tornaria incompatível combinação semântica entre I₃ e *Voz/Voice*.

Outra questão a ser levantada, diz respeito à fonte dos traços de gênero e número parece estar codificado na raiz, o que poderia enfraquecer a hipótese de acategorialidade das raízes no âmbito teórico da MD. De qualquer forma, o sistema proposto se sustenta a partir da ideia de que núcleos de concordância sempre são inseridos em I, qualquer que seja esse I, de modo que se trata, então, de uma inserção relacionada às condições morfológicas impostas pela língua.

No que diz respeito às passivas adjetivais, por sua vez, a partir das reflexões de Kratzer (2000) e trabalhos subsequentes, o autor apresenta e discute, com base nos dados do PB, a subdivisão em dois tipos, ou seja, as passivas de estado alvo e as passivas de estado resultante. O autor destaca, dentre outras propriedades, o fato de as primeiras serem reversíveis, enquanto as últimas não o são. Dessa mesma forma, Medeiros (2008) aponta uma correlação interessante entre as duas formações de forma que, segundo o autor, para toda passiva de estado alvo pode haver uma leitura correspondente de estado resultante, enquanto o contrário não é verdadeiro, tal como ilustrado nos dados abaixo:

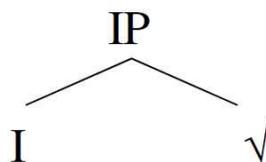
(53)

- a. O menino *está penteado* (no estado de *cabelo arrumado*).
- b. O menino *está penteado* (houve um evento de *pentear o cabelo*).
- c. Os caramelos *estão escondidos* (no estado de *caramelos sumidos*).
- d. Os caramelos *estão escondidos* (houve um evento de *esconder os caramelos*).

(MEDEIROS, 2008, p. 173)

Do ponto de vista teórico, baseado nas discussões das propostas de Kratzer (2000), Embick (2001) e Marantz (2006), Medeiros (2008) elabora sua própria hipótese acerca da estrutura das passivas adjetivais no PB. Em linhas gerais, o autor propõe a seguinte estrutura para as passivas de estado alvo:

(54)

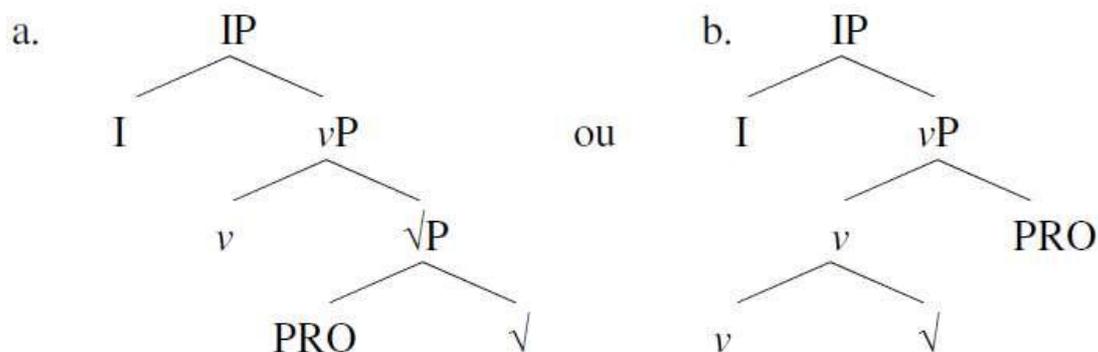


(MEDEIROS, 2008, p. 185)

Dessa forma, na proposta de Medeiros (2008), o morfema estativo do sintagma verbal proposto em Marantz (2001) e em Embick (2001), quando concatenado diretamente à raiz, gera as passivas de estado alvo. Junto a esse núcleo ou imediatamente acima dele, Medeiros (2008), considera haver a esse um traço de natureza adjetival, tipo o categorizador *a* que define um domínio de interpretação especial para a raiz. O autor ressalta ainda que somente algumas raízes com semântica compatível poderiam se anexar à estrutura acima.

Por outro lado, estrutura proposta em Medeiros (2008) para as passivas de estado resultante pode ser vista abaixo:

(55)



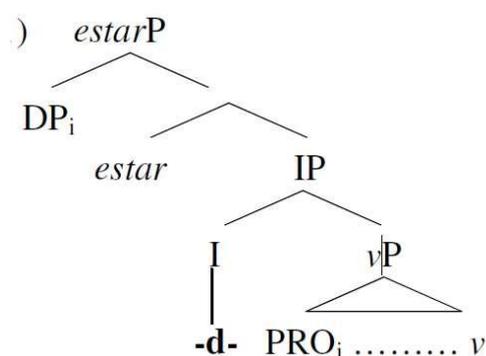
(MEDEIROS, 2008, p. 185)

Nas duas versões da estrutura acima, temos uma estrutura típica de natureza verbal, com um núcleo aspectual dominando um verbo. Segundo o autor, núcleo de aspecto perfeito acima do *v*, em determinados contextos sintáticos, será o responsável pela geração de participípios adjetivos resultativos. Mais especificamente, tal estrutura, segundo o

autor, ganha interpretação de estado resultante em determinados contextos, como, por exemplo, o contexto de uma cópula.

É interessante ressaltar que, ao contrário do proposto em Medeiros (2004), em que o verbo *estar* é tratado como auxiliar, em Medeiros (2008) propõe que tal elemento é uma cópula, responsável por fornecer a interpretação adjetiva à forma perfectiva do verbo, que forma a passiva adjetiva de estado resultante. Mais especificamente, o autor assume que o núcleo I da estrutura acima abriga o [perfeito], sendo que o DP sujeito da cópula e o PRO são co-indexados. Dessa forma, a interpretação de tal DP será a de ter sofrido a mudança de estado que o verbo denota, tal como proposto na estrutura abaixo:

(56)



(MEDEIROS, 2008, p. 186)

Vale ressaltar nas estruturas em questão a ausência de um núcleo do tipo *Voice*, o que explica, dentre outros fatos: (i) a ausência de caso acusativo nessas estruturas e (ii) a impossibilidade de anexação, por exemplo, de um agente da passiva.

Por fim, no que diz respeito à inserção de vocabulário, assumindo a proposta de Ippolito (1999), Medeiros (2008) entende que os núcleos I, tanto nas estruturas de estado e alvo, como nas de estado resultante, por não serem imediatamente c-comandados pelo núcleo complementizador, são candidatos a receber o item de vocabulário *default* /d/.

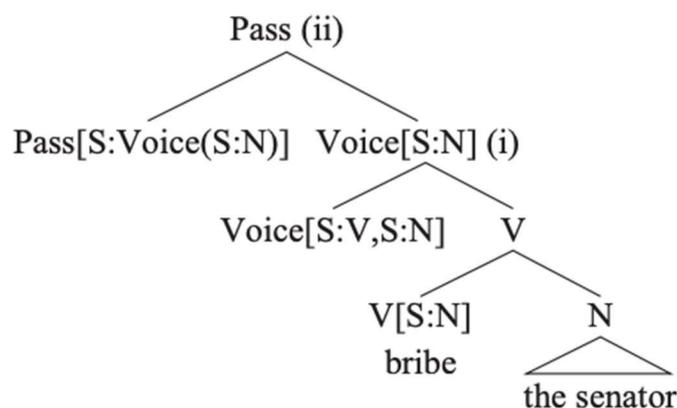
A respeito das estruturas de passivas adjetivais propostas em Medeiros (2008), apontamos, na linha de Alexiadou, Gehrke e Schäfer (2014), que as estativas do (PB) parecem ser evidência de que é necessário assumir mais material sintático entre o núcleo aspectual e a raiz. Quanto ao argumento da cópula, pode não ficar explícito porque o argumento da cópula disponível na numeração nesse momento da derivação não pode-

ria ser inserido mais abaixo na estrutura sintática, ou seja, dentro do domínio de νP exatamente na posição em que PRO é inserido. No entanto, é comum na literatura a ideia de que a inserção do argumento das passivas adjetivais é, na verdade, externa a elas, por isso a entrada de um PRO parece justificada em alguma medida, já que recupera referência de um argumento que é externo, mas também semanticamente interno ao verbo.

3.3.4. Bruening (2012, 2014): passivização como núcleo sintático

Bruening (2012, 2014) propõe, a partir de uma visão sintática da formação de palavras, que as *by-phrases*, tanto nas passivas, como nas nominalizações, devem receber um tratamento uniforme. Mais especificamente, na proposta do autor, as formações passivas contêm um núcleo passivo (Pass), que seleciona uma projeção de *Voice*, o qual, por sua vez, não apresenta argumento externo projetado. Para tanto, o autor utiliza a seguinte notação para o núcleo Pass [S:Voice(S:N)], ou seja, a seleção desse núcleo inclui um *Voice* que ainda apresenta um traço não saturado, tal como representado abaixo:

(57)



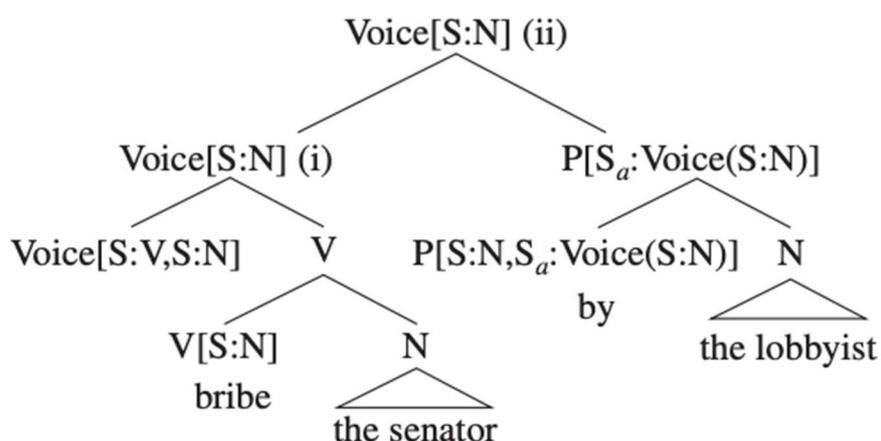
(BRUENING, 2012, p. 12)

De acordo com o autor, o núcleo Pass checa o traço [S:N] no *Voice*, exatamente ao selecionar *Voice* [S: N]. Isso significa que o traço [S:N] no núcleo *Voice* não projeta seu rótulo na estrutura sintática.

Em relação ao estatuto sintático da *by phrase* Bruening (2012) propõe que se trata de um adjunto. O argumento do autor inclui a comparação do comportamento desses elementos com outros que são geralmente tratados como adjuntos, tais como, comitativos e instrumentais. Apesar de serem adjuntos, no entanto, as *by-phrases* selecionam

estritamente a categoria sintática do elemento ao qual elas se anexam. Mais especificamente, segundo o autor, o PP adjunto terá uma configuração de traços semelhante à do próprio número Pass, selecionando, portanto, uma projeção não saturada de *Voice*. Assim, quando a *by phrase* se junta a *Voice*, o próprio núcleo *Voice* continua projetando seu rótulo na estrutura sintática. Isso porque a categoria com a qual o adjunto se concatena não o seleciona. Além seus traços de seleção não são afetados pela anexação do adjunto, tal como delineado na representação abaixo¹⁵:

(58)

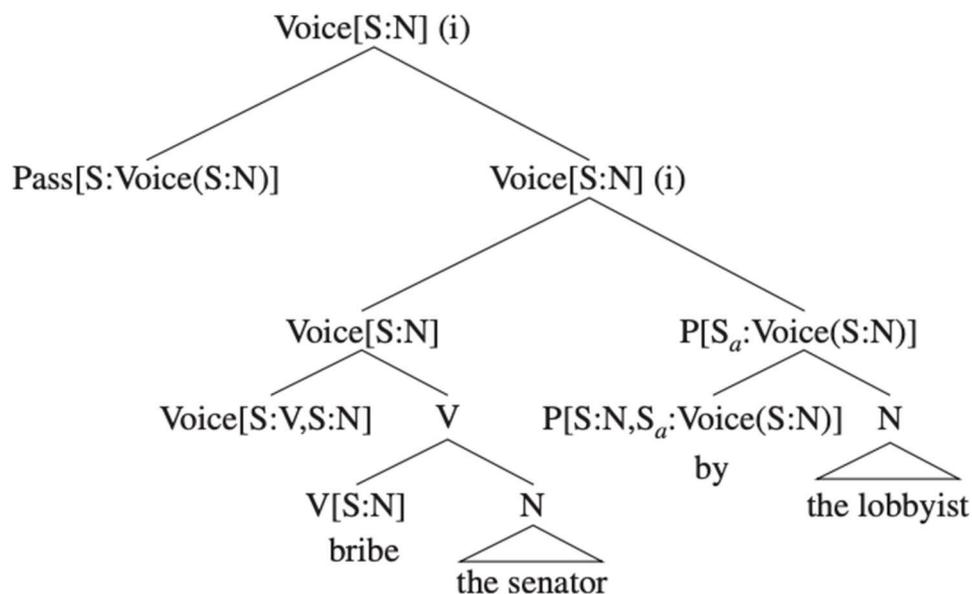


(BRUENING, 2012, p. 24)

Mesmo depois da anexação da *by phrase*, a estrutura acima ainda é a sintaticamente adequada para que o núcleo Pass a tome como complemento, uma vez que tal núcleo seleciona *Voice* [S:N], gerando a estrutura abaixo:

¹⁵ A notação *S_a* no núcleo P não tem estatuto teórico, sendo empregada pelo autor somente para representar a seleção do segundo argumento da preposição.

(59)



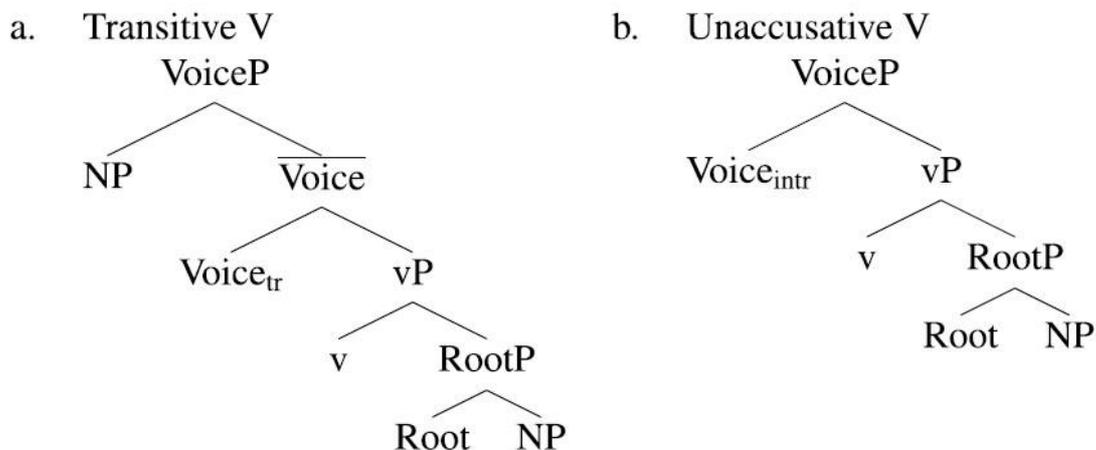
(BRUENING, 2012, p. 25)

Apesar de sintaticamente selecionar um núcleo Pass não saturado, semanticamente esse núcleo requer que todos os argumentos sejam saturados. Dessa forma, o núcleo Pass liga existencialmente o argumento externo, se tal elemento ainda não tiver sido saturado. Por outro lado, se o argumento externo tiver sido saturado pela *by phrase*, então Pass passa a ser semanticamente (mas não morfológicamente) vácuo.

Em relação à realização morfológica do particípio propriamente dito, o autor propõe que dos núcleos Pass, *Voice* e V são realizados como a forma de particípio no inglês. Mais especificamente, tal forma morfológica é determinada por *Agree* (CHOMSKY, 2000) na passiva, nos mesmos moldes proposta em Adger (2003): o núcleo Pass estabelece *Agree* com *Voice*, que, por sua vez, faz *Agree* com V.

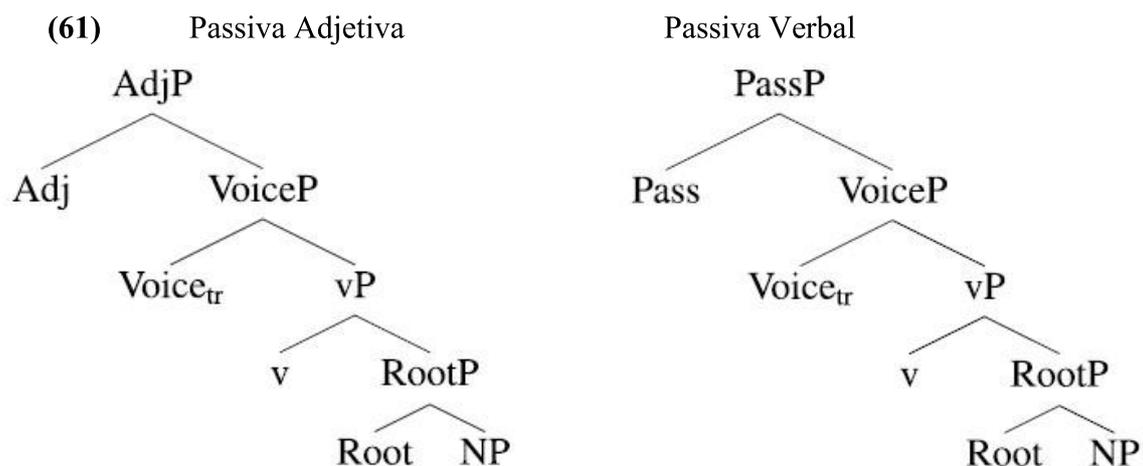
No desenvolvimento da proposta, Bruening (2014) revisita a distinção entre Léxico e Sintaxe na formação das passivas, argumentando, ao contrário de Wasow (1977), em favor de uma abordagem totalmente sintática. Mais especificamente, o autor apresenta uma divisão das passivas adjetivais no inglês, tomando como base a estrutura argumental dos verbos que participam da formação, assim: i) passivas adjetivais construídas de transitivos possuem um núcleo *Voice* que projeta argumento externo e ii) passivas adjetivais construídas a partir de verbos de inacusativos apresentam um núcleo *Voice* do tipo que não projeta especificador.

(60)



(BRUENING, 2014, p. 22)

Segundo o autor, as passivas adjetivais construídas a partir de inacusativos correspondem, de modo geral, à formação estativa de Embick (2004). Na implementação da proposta, Bruening (2014) propõe ainda que as passivas adjetivais são formadas pela concatenação de um núcleo Adj, que estativiza a estrutura, além de selecionar um núcleo *Voice* sem especificador. Assim, passivas adjetivais derivadas de verbos transitivos envolvem um argumento externo implícito que pode ser introduzido na formação como uma *by-phrase*. A partir disso, a estrutura proposta pelo autor para as passivas verbais e adjetivais pode ser vista abaixo:

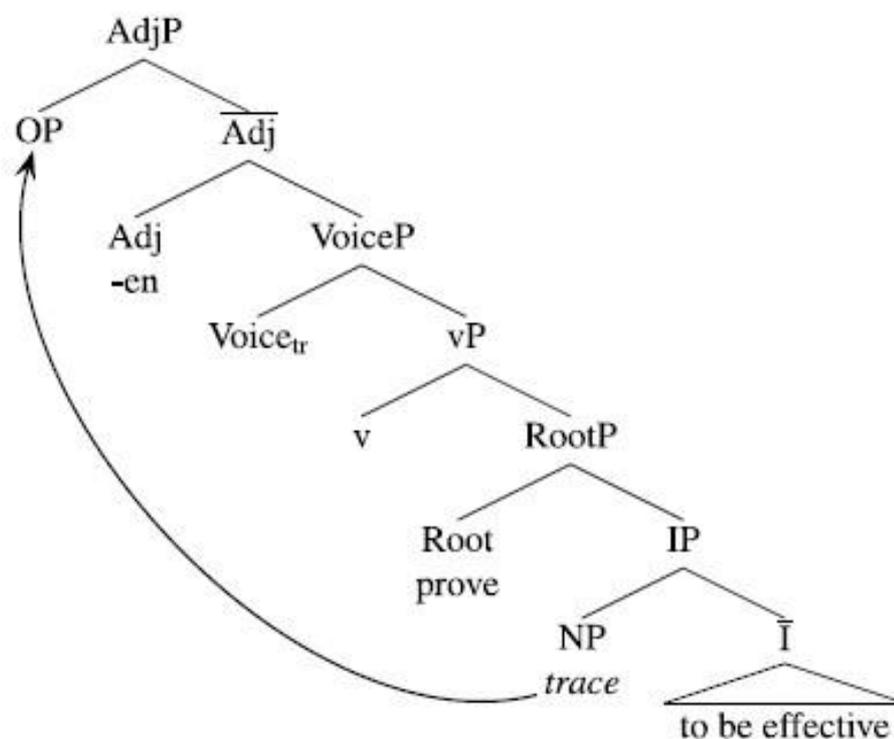


(BRUENING, 2014, P. 23)

Dessa forma, passivas adjetivais são formadas com um núcleo Adj, correspondente à categoria adjetival, enquanto as passivas verbais são formadas com um núcleo

funcional de natureza verbal, Pass. Exatamente como o núcleo Pass, o núcleo Adj quantifica existencialmente sobre o argumento de *Voice* e força o movimento do argumento interno para seu especificador. Diferentemente de Pass, no entanto, Adj transforma a projeção verbal estendida em um adjetivo e estativiza a estrutura, que até este ponto da formação denota um evento. Mais especificamente, o argumento interno na passiva adjetiva, é um operador nulo, que atua sobre a categoria a que ele se anexa, formando um predicado de indivíduos.

(62)



(BRUENING, 2014, p. 28)

Na estrutura em questão, o nome que Adj modifica é, na verdade, externo à projeção AP. Além disso, Adj atrai um NP para preencher sua posição de especificador, gerando a cadeia entre o vestígio e o operador nulo representada na estrutura. Finalmente, o núcleo Adj também é responsável por carregar o morfema de particípio.

3.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos um breve histórico da discussão das passivas feita na literatura e exploramos alguns dos testes empíricos tradicionalmente empregados

para diferenciar os subtipos de passivas adjetivais. A partir daí, discutimos diferentes alternativas de análise que buscaram mapear estruturalmente a distinção entre as passivas verbais, as passivas resultativas e as passivas eventivas, como Embick (2004), Alexiadou e Anagnostopoulou (2008), Medeiros (2008) e Bruening (2012, 2014). As propriedades empíricas detectadas através dos testes, bem como as questões pontuadas pela discussão da literatura relevante servirão de base para o desenvolvimento da nossa proposta de análise delineada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4: PROPOSTA

Neste capítulo, apresentamos a proposta de análise construída ao longo desta dissertação para dar conta da estrutura interna dos participios em estruturas passivas e nos tempos compostos. Para tanto, assumimos uma abordagem sintática da formação de palavras, nos moldes da MD, buscando descrever e explicar o comportamento das formas participiais a partir da natureza dos diversos núcleos que se concatenam na sintaxe. Além disso, ancoramo-nos nas propriedades empíricas destacadas nos capítulos anteriores, bem como no diálogo com a literatura também apresentada ao longo dos capítulos desta dissertação.

Em linhas gerais, propomos que o participio é formado a partir da concatenação de núcleos funcionais de natureza verbal e nominal que se organizam no interior da mesma estrutura sintática. Mais especificamente, a marca -d- dos participios regulares é tratada como expoente de um núcleo funcional Part cuja constituição de traços é mista, apresentando, ao mesmo tempo, traços verbais e nominais. Assim, Part é semelhante ao núcleo *Switch*, nos termos de Panagiotidis e Grohmann (2009), Panagiotidis (2015).

A partir dessa visão da natureza do participio, compreendemos a passivização como resultado da entrada de um núcleo funcional: Pass, nas passivas verbais e Pass_{Adj}, nas passivas adjetivais, como na proposta de Bruening (2012, 2014), o segundo núcleo também responsável por estativizar a estrutura. Para dar conta da distinção entre as passivas resultativas e as estativas, propomos que o licenciamento do argumento interno é diferente entre elas, sendo que a leitura de resultado é efetivamente desencadeada a partir do licenciamento do argumento interno inserido na estrutura resultativa via *v*. Nas estativas, por sua vez, tal argumento é licenciado no especificador do próprio Pass_{Adj}, de modo que a leitura denotada é a de um estado puro. Finalmente, nos tempos compostos, a anexação de Part ocorre somente acima de um *Voice*, nos termos de Kratzer (1996), interrompendo a sequência de camadas verbais em uma camada alta na estrutura, crucialmente após a inserção do argumento externo.

Embora extrapole o escopo desta dissertação uma análise da natureza do elemento verbal que acompanha o participio, propomos que a interrupção da projeção estendida verbal por uma camada mista do tipo Part justifica a entrada de uma nova camada de natureza verbal, que será responsável pelo licenciamento da própria do núcleo T. Daí a

necessidade de que um elemento verbal seja inserido nessas estruturas para a efetiva continuação da derivação sintática.

Para desenvolvermos a análise acima delineada, este capítulo divide-se da seguinte maneira: na seção 4.1 abordaremos mais especificamente questões relacionadas com a estrutura argumental visto o modelo teórico adotado neste trabalho em que as raízes são destituídas de traços sintático-semânticos; na seção 4.2 apontaremos as propriedades nominais das estruturas trabalhadas nesta dissertação e como isso será realizado nas nossas estruturas; na seção 4.3 apresentaremos com mais detalhes a proposta de *Switch* e nossas adaptações para o PB; e, na seção 4.4, apresentaremos as estruturas do escopo desta pesquisa. Portanto, a seguir, apresentaremos o funcionamento da estrutura argumental adotada neste trabalho.

4.1.O LICENCIAMENTO DA ESTRUTURA ARGUMENTAL

Para apresentarmos a estrutura que propomos para os participios nas formações que estão no escopo deste trabalho, precisamos assumir algumas posições teóricas dentro do modelo da MD, levando em consideração que algumas questões centrais para a nossa análise ainda estão em debate, como por exemplo, as questões que dizem respeito à estrutura argumental. Assim, o primeiro passo dessa discussão refere-se ao local de anexação do argumento interno: se tal elemento pode ser inserido diretamente pela raiz (MARANTZ, 1997; EMBICK 2004; HARLEY 2008, 2013) ou se a anexação do argumento interno é feita por uma camada funcional acima dela (BORER, 2003, 2005; BASSANI e MINUSSI, 2015).

Para nos colocarmos nessa discussão, tomamos como ponto de partida a ideia de que as raízes são destituídas de traços sintático-semânticos, tal como explicitado abaixo:

Raízes e Traços Sintático-Semânticos

- a. Não há especificação sintático-semântica nas raízes: raízes não possuem traços sintático-semânticos.
- b. Não há decomposição de raízes: raízes não podem ser decompostas em traços sintático-semânticos.¹⁶

(EMBICK 2015, p. 49)

¹⁶ “Roots and Synsem Features

a. No Synsem Specification on Roots: Roots do not possess synsem features.

b. No Root Decomposition: Roots cannot be decomposed into synsem features.”

Dentro das abordagens mais recentes a respeito da natureza da operação de *merge*, que concatena elementos na estrutura sintática, destacamos a ideia de que tal operação seja desencadeada por traços (ADGER, 2003; CHOMSKY, 2008). Dessa forma, sendo a raiz desprovida de traços sintático-semânticos, que, por sua vez, licenciam a operação de *merge*, assumimos que morfemas do tipo raiz não são capazes de inserir argumento, nem projetam seu rótulo na estrutura sintática¹⁷.

Outro ponto que nos parece importante para essa discussão é a ideia de que as raízes são destituídas de categoria na Lista 1:

A propriedade definidora das raízes é que elas são neutras; ou seja, são parte de uma teoria em que os traços definidores de categorias lexicais, como verbos e substantivos, são separados dos itens de vocabulário que são realizados em tais categorias.¹⁸

(EMBICK, p. 82, 2021)

Dessa forma, apontamos que relacionar as raízes com o licenciamento de estrutura argumental pode até mesmo enfraquecer a assunção de tais elementos são desprovidos de categoria. Isso porque é muito comum encontrarmos dados em que uma mesma raiz apresenta diferentes estruturas argumentais a depender da categoria de que ela participa. Tal como apontado em Bassani e Minussi (2015), essa questão fica ainda mais saliente na formação de verbos parassintéticos a partir de bases nominais e adjetivais:

(63)

- a. *Vazio a caixa.
- b. Esvaziar a caixa.
- c. *Garrafa o vinho.
- d. Engarrafar o vinho.

(BASSANI e MINUSSI, 2015, p.156)

O que os dados acima parecem apontar é que a inserção do argumento interno não é uma propriedade da raiz, uma vez que as contrapartes não verbais em (63a) e (63c) não apresentam argumento interno, diferentemente das formações verbais em (63b) e

¹⁷ Ressaltamos aqui que a natureza do primeiro *merge* da raiz ainda é tema de debate na literatura, mas que tal discussão foge do escopo deste trabalho. Para uma discussão a esse respeito, remetemos o leitor a De Belder e Van Craenenbroeck (2015)

¹⁸ “The defining property of Roots is that they are category-neutral; that is, they are part of a theory in which the features defining lexical categories like verb and noun are separated from the lexical vocabulary items that are realized in such categories.”

(63d). Logo, equipar as raízes, nesse caso, com estrutura argumental, seria fornecer uma pista a respeito da categoria verbal de que eles podem participar.

A partir desse raciocínio, assumimos, então, que a raiz não pode selecionar argumentos (BORER, 2003, 2005; BASSANI e MINUSSI, 2015) e, por consequência, os argumentos presentes na estrutura das passivas e tempos compostos deverão também ser inseridos por núcleos de natureza funcional. Na nossa proposta, nas formações passivas verbais e resultativas, bem como nos tempos compostos quando tal elemento estiver presente, o argumento interno é inserido pelo categorizador verbal, o núcleo v . Por sua vez, nas passivas estativas, propomos que o licenciamento seja realizado pelo próprio núcleo Pass_{Adj} , que estativiza a estrutura.

Quanto ao argumento externo, seguimos a proposta apresentada por Kratzer (1996), na qual tal elemento não seria introduzido pelo verbo propriamente dito, mas um núcleo acima dele, chamado de *Voice*. Na verdade, um núcleo funcional introdutor de argumento externo, v na terminologia de Chomsky (1993, 1995), também é assumido no âmbito do PM. É interessante notar, no entanto que, com a introdução dos categorizadores nos moldes da MD, passa a existir um interessante debate a respeito da possibilidade desse categorizador verbal ser responsável também pela introdução do argumento externo, acumulando tal função à de categorização. Nesse cenário, Harley (2013), analisando a interação entre a morfologia aplicativa e causativa no Hiaki, a partir do mapeamento entre morfologia e sintaxe previstos pelo *Mirror Principle* (BAKER, 1985), fornece argumentos em favor da distinção de *Voice*, introdutor de argumento externo, e v categorizador verbal. Partindo dessa distinção, assumimos neste trabalho que as propriedades de licenciamento de argumento externo está correlacionada à presença de um núcleo *Voice* na estrutura.

Estabelecida as bases do funcionamento da estrutura argumental adotada neste trabalho, abordamos a seguir algumas questões sobre as propriedades nominais apresentadas pelos participios.

4.2. PARTICÍPIOS E PROPRIEDADES NOMINAIS

Outra questão importante que precisa ser contemplada na discussão sobre a estrutura interna dos participios são suas propriedades nominais, sendo assim: i) as passivas eventivas, estativas e resultativas possuem uma forma participial que apresenta concordância em gênero e número com o argumento tema e, posteriormente, se tornará o sujei-

to sintático da sentença; e ii) os tempos compostos têm uma forma participial que não apresenta concordância seja em gênero, seja em número com nenhum argumento presente na sentença, embora a vogal final -o do particípio seja semelhante à vogal que também aparece em elementos de natureza nominal no PB.

(64)

- a. O livro foi comprado.
- b. Os livros foram comprados.
- c. A bacia foi comprada.
- d. As bacias foram compradas.

- e. A prova está corrigida.
- f. As provas estão corrigidas.
- g. O teste está corrigido.
- h. Os testes estão corrigidos.

- i. A professora tem corrigido as provas.
- j. As professoras têm corrigido as provas.
- k. O professor tem corrigido as provas.
- l. Os professores têm corrigido as provas.

Para dar conta dessas propriedades nominais, propomos que a concordância é, em linhas gerais, licenciada pelo mecanismo de *Agree* (CHOMSKY 2000, CHOMSKY 2001). Mais especificamente, este mecanismo, de acordo com os pressupostos de PM, corresponde à necessidade de que traços não valorados/não interpretáveis sejam checados durante a computação sintática para que a derivação possa convergir nas interfaces.

Em linhas gerais, esse mecanismo está relacionado à ideia de que a estrutura sintática a que as interfaces têm acesso deve consistir apenas de traços formais interpretáveis, o que foi mapeado em PM como Princípio da Interpretabilidade Plena:

O sistema computacional organiza esses itens de modo a formar um par (Π, λ) , onde Π é um objeto PF e λ é um objeto LF. O par (Π, λ) está sujeito à Interpretação Plena, um princípio de economia que exige que todos os traços do par sejam legíveis nas interfaces relevantes. Se Π e λ são objetos legítimos (ou seja, eles satisfazem a Interpretação Plena), a derivação converge em PF e em LF, respectivamente. Se Π ou λ não satisfazem a Interpretação Plena, diz-se que a derivação falha no nível relevante.¹⁹

¹⁹“The computational system arranges these items in away to form a pair (Π, λ) , where Π is a PF object and λ is an LF object. The pair (Π, λ) is subject to Full Interpretation, a principle of representational economy (itself part of substantive economy) that requires that all the features of the pair be legible at the relevant interfaces. If Π and λ are legitimate objects (i.e. they satisfy Full Interpretation), the derivation issaid to converge at PF and at LF, respectively. If either Π or λ doesn't satisfy Full Interpretation, the derivation

(HORNSTEIN, NUNES, GROHMANN, 2005, p. 15)

No sistema de *Agree*, mais especificamente, a eliminação dos traços não valorados/não interpretáveis se dá através do estabelecimento de uma relação entre sonda e alvo em que:

- a. sonda e alvo precisam estar ativos sintaticamente;
- b. sonda e alvo precisam estar em uma relação de c-comando;
- c. não pode haver um interventor entre eles
- d. sonda e alvo precisam estar dentro de uma mesma fase.

Com essas condições estabelecidas, propomos que o *Agree* seja responsável, nas passivas, por licenciar concordância de gênero e número, mais especificamente através de projeções de Gen e Num, responsáveis pelas propriedades nominais dos participípios. Nessas estruturas, por terem seus traços não valorados, as projeções que integral participípio sondam pelo DP mais local que apresenta as versões valoradas para gênero e número. Nos tempos compostos, por sua vez, a concordância não ocorre porque as projeções de Gen e Num do participípio já tem seus traços valorados para o *default* do PB, no caso, singular e masculino.

Para compreender melhor o comportamento dos participípios, é importante contextualizá-los no âmbito das discussões sobre projeções mistas, que, em linhas gerais, combinam propriedades tipicamente associadas às diferentes categorias gramaticais.

4.3. PROJEÇÕES MISTAS: O NÚCLEO *SWITCH*

De maneira geral, as projeções mistas são caracterizadas por combinar propriedades tipicamente associadas a duas categorias gramaticais distintas, tal como parece ser o caso das formações participiais discutidas nesta dissertação, que combinam propriedades verbais e nominais.

Alguns autores (BRESNAN, 1997; BORSLEY e KORNFILT, 2000) apontam restrições importantes no funcionamento das projeções mistas. Por exemplo, as propriedades verbais e nominais nunca se alternam, assim há um local em que as categorias funcionais verbais acabam e as categorias nominais começam.

is said to crash at the relevant level.”(HORNSTEIN, NUNES, GROHMANN, 2005, p. 15 –tradução nossa)

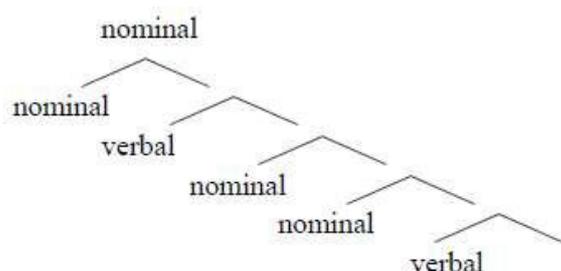
Em outras palavras, as porções nominais e verbais em uma projeção mista são distintas e ocupam diferentes ‘lados’; crucialmente, elas nunca se intercalam. Assim, nas projeções mistas deve sempre existir um ponto de corte onde terminam as características verbais e começam as nominais: características verbais e nominais estão localizadas em diferentes partes da árvore.²⁰

(PANAGIODITIS, 2015, p. 137-138)

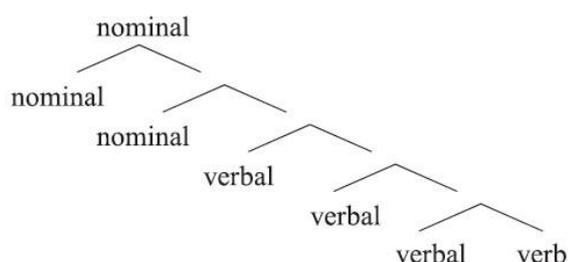
Essa restrição aparece ilustrada através das representações abstratas abaixo, em que (65a) apresenta uma estrutura que não obedece à generalização relevante, sendo, portanto, uma estrutura não licenciada, diferentemente de (65b), que se configura como uma projeção mista possível:

(65)

a. Estrutura impossível



b. Estrutura possível

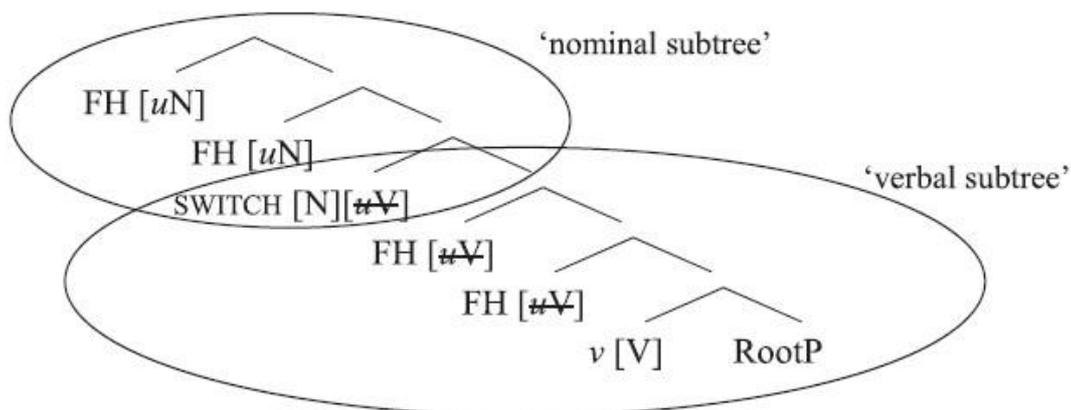


Dessa forma, para derivar o funcionamento das projeções mistas, Panagiotidis e Grohmann (2005) propõem a existência de núcleos funcionais específicos que apresentam a função de relacionar estruturas pertencentes a categorias distintas. O papel desse tipo de núcleo, portanto, é combinar propriedades associadas a duas categorias gramaticais distintas, realizando uma mistura de projeções dentro da estrutura sintática, o que caracteriza as projeções mistas. O núcleo em questão, denominado *Switch*, surge com a necessidade de se anexar um elemento formal entre categorias verbais e nominais para uni-las, atuando como afixos de mudança categorial, segundo Panagiotidis e Grohmann (2005).

²⁰ In other words, the nominal and the verbal chunks in a mixed projection are distinct and occupy different ‘sides’ thereof; crucially, they never intersperse. Hence, in mixed projections there must always exist a cut-off point where verbal/clausal characteristics end and nominal ones begin: verbal/ clausal and nominal characteristics and elements are located in different parts of the tree.

Para implementar essa hipótese, os autores propõem que o *Switch* é um núcleo que carrega, ao mesmo tempo, traços mistos: um traço verbal não interpretável [uV], que seleciona uma projeção verbal no seu complemento, e um traço nominal interpretável [N], que licencia a entrada de projeções verbais acima dele, o que caracteriza, então, as projeções mistas, tal como representado a seguir:

(66)

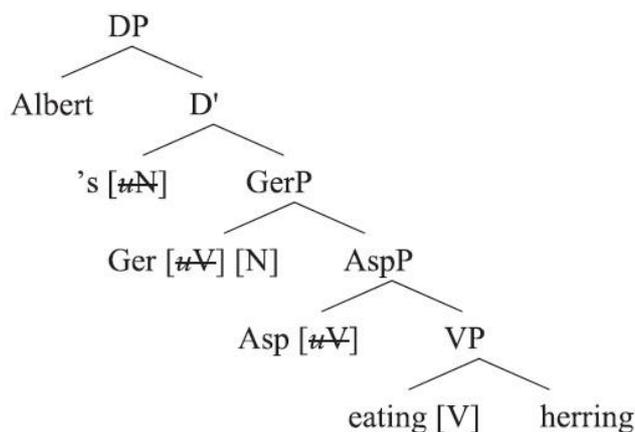


(PANAGIOTIDIS, 2015, p. 147)

Na representação abstrata em (66), as projeções abaixo do núcleo *Switch* apresentam traços verbais, enquanto as projeções acima dele carregam traços nominais. O núcleo *Switch*, propriamente dito, “conversa” com as duas porções categoriais da estrutura, uma vez que contém traços dos dois tipos.

A entrada desse *Switch*, portanto, é importante para a estrutura, visto que, para a mudança categorial ocorrer de forma eficiente, é preciso que haja um núcleo apropriado. Para exemplificar o funcionamento do núcleo *Switch*, Panagiotidis e Grohmann (2009) e Panagiotidis (2015) discutem, como domínio empírico, as formações gerundivas do inglês. Mais especificamente, os autores sugerem que a projeção de gerúndio (Ger) no inglês funciona como um *Switch* na estrutura:

(67)



(PANAGIOTIDIS, 2015, p. 145)

Essa estrutura mostra que o núcleo GerP porta traços [uV][N], ou seja, trata-se de um núcleo do tipo *Switch*, sendo, então, selecionado por um N e pedindo um V como complemento. Assim, os núcleos do tipo *Switch* realizam uma espécie de recategorização da estrutura, pois, uma vez que são compostos por traços categoriais mistos interpretáveis e não interpretáveis, eles licenciam no seu complemento elementos de categoria verbal, mas introduzem nas camadas acima elementos de natureza nominal.

Segundo os autores, esse tipo de núcleo pode, na verdade, concatenar-se em diferentes pontos da estrutura sintática, ou seja, o *Switch* pode se anexar a porções verbais de diferentes tamanhos, o que daria conta da diversidade de projeções mistas encontradas translinguisticamente, em que a nominalização se dá em diferentes pontos da estrutura:

A Hipótese do Switch Categorizador pode ser bem direta; essencialmente, um Switch pode ser identificado com um afixo de mudança categorial do tipo frasal, como em Ackema e Neeleman (2004: 172-181). Postula-se que tais afixos de mudança de categoria são anexados em projeções de diferentes níveis.²¹

(PANAGIOTIDIS E GROHMANN, 2009, p. 4)

A entrada do *Switch*, portanto, é responsável por licenciar uma mudança categorial na estrutura. A partir dessa hipótese, apresentamos, a seguir, a nossa proposta para a estrutura dos participios, que propomos ser um núcleo do tipo *Switch* no PB.

²¹The SWITCH Categorizer Hypothesis should be quite straightforward; essentially, a SWITCH can be identified with the category-changing abstract phrasal AFFIX in Ackema & Neeleman (2004: 172-181). Such category-changing AFFIXes are postulated to attach on projections of various levels. (Panagiotidis e Grohmann, 2009, p. 4 –tradução nossa)

4.4.A ESTRUTURA INTERNA DOS PARTICÍPIOS

Propomos que a estrutura interna do particípio pode ser constituída da combinação dos seguintes núcleos na estrutura sintática: Raiz, *v*, Part, Gen e Num.

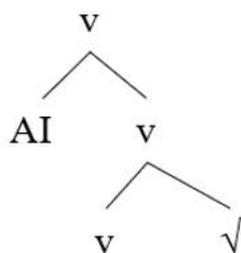
Como argumentamos anteriormente neste capítulo, a raiz é destituída de traços sintático-semânticos e de categoria. O núcleo *v*, por sua vez, é responsável por algumas funções sintático-semânticas importantes: fornece categoria verbal à estrutura, desencadeia a leitura de evento e faz a inserção do argumento interno nas passivas verbais, resultativas e nas formações de tempo composto, quando tal elemento é licenciado.

Uma consequência interessante dessa visão é que o argumento interno não é inserido especificamente pela forma participial, mas sim pela formação verbal que está na base da estrutura, o que fica evidente a partir do fato de que a forma verbal licencia argumento, a despeito da ausência do particípio. Essa integração entre a formação de palavras e a estrutura argumental, licenciando a possibilidade de a entrada dos argumentos aconteça antes mesmo de a palavra estar efetivamente formada, é prevista em um modelo em que a formação de palavras e sentenças acontece no mesmo componente da gramática, como a MD.

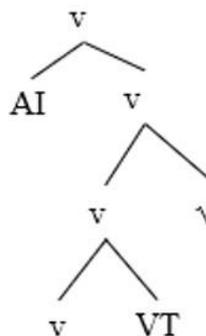
Especificamente em relação à vogal temática verbal que compõe os particípios regulares, assumimos, por comodidade, que tal elemento é inserido pós sintaticamente nos moldes de Oltra-Massuet (1999) anexada diretamente ao categorizador *v*.

(68)

a. Sintaxe



b. Morfologia



A consequência dessa abordagem é que a camada *v* estará presente quando a vogal temática verbal assim o fizer.

A camada Part, por sua vez, é responsável por abrigar a morfologia participial cuja realização *default* no PB é representada pelo morfema -d-. Além disso, Part é, de certa forma, também o primeiro núcleo com traços nominais a entrar na estrutura, interrompendo a projeção estendida do verbo, no sentido de Grimshaw (1990), trazendo traços de natureza nominal para a estrutura. Em diversos trabalhos na literatura, como vimos nos capítulos anteriores, é comum encontrarmos uma associação entre o participípio e o núcleo de aspecto, em especial, com a leitura perfectiva. Não fizemos essa opção analítica neste trabalho, uma vez que nem todo participípio tem leitura perfectiva²². Mais especificamente, o participípio das passivas verbais e estativas não parecem, de modo geral, ter uma leitura aspectual inerente, tal como ilustrado nos exemplos abaixo:

(69)

- a. Os livros estão sendo comprados pela prefeitura.
- b. Os dias estavam começando a ficar corridos.

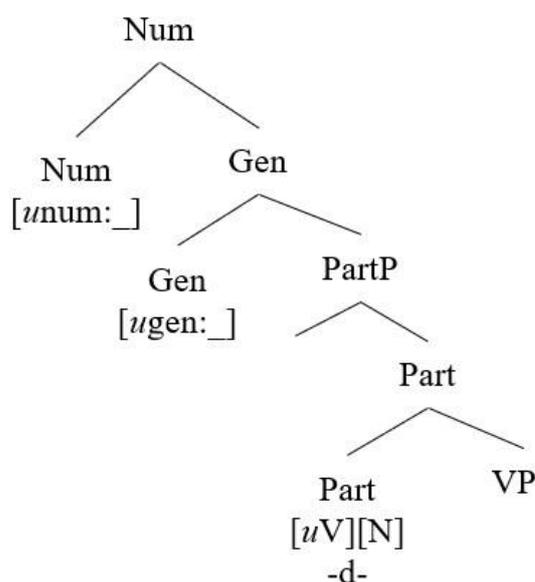
Em relação, mais especificamente, à caracterização formal do núcleo Part, propomos que ele seja um núcleo do tipo *Switch*, na linha de análise de Panagiotidis e Grohmann (2009) e Panagiotidis (2015) para o gerúndio do inglês. Dessa forma, Part apresenta traços categoriais mistos verbais e nominais, [uV] e [N], selecionando uma projeção verbal no seu complemento, mas licenciando a entrada de projeções nominais acima dele. Dessa forma, o comportamento categorial heterogêneo do participípio é resultado da sua própria constituição mista de traços, que licencia a interação entre projeções funcionais verbais e nominais na estrutura sintática.

Mais especificamente, propomos que as projeções nominais introduzidas pelo núcleo Part são aquelas responsáveis por carregar os traços de gênero e número. Assim, a vogal nominal final do participípio, seja ela uma manifestação da concordância com o sujeito sintático ou não, é analisada como *spell-out* do núcleo de gênero (Gen), que compõe a estrutura dos participípios contribuindo com as propriedades nominais dessa formação. Na sequência de núcleos de natureza nominal, sugerimos que o participípio também seja composto por um núcleo de número (Num). A presença ou ausência de concordância será no nosso sistema atrelado à valoração de traços; mais especificamente, na presença da concordância, entendemos que os núcleos de Gen e Num entram na

²² É importante notar, no entanto, que as passivas resultativas e os tempos compostos parecem ter uma camada aspectual, mas isso não foi explorado neste trabalho e fica como questão para trabalhos futuros

estrutura com seus respectivos traços não valorados e não interpretáveis precisando buscar essa valoração através de *Agree* com DP mais próximo na estrutura sintática. Assim, nas passivas verbais e resultativas será, na verdade, o argumento interno e nas estativas será o argumento licenciado no especificador de Pass_{Adj} ; por outro lado, na ausência de concordância, tal como acontece no particípio que aparece nos tempos compostos, propomos que os núcleos de Gen e Num entram valorados na estrutura para os traços de masculino e singular, de modo que tais núcleos não atuam como sonda.

(70)



Com tais apontamentos em mente, seguimos para as estruturas das passivas verbais, adjetivais e dos tempos compostos, discutindo suas respectivas interações com a estrutura proposta para os participios.

4.4.1. A estrutura das passivas verbais

Como apontamos no Capítulo 2, as passivas verbais possuem algumas características importantes que as difere das outras estruturas, dentre elas a leitura de evento e o licenciamento de agente estão entre as propriedades as mais marcantes e precisam estar codificadas nessas estruturas. Apesar do licenciamento de agente, essas estruturas são caracterizadas pela ausência de Caso acusativo. Para entender essas correlações entre a

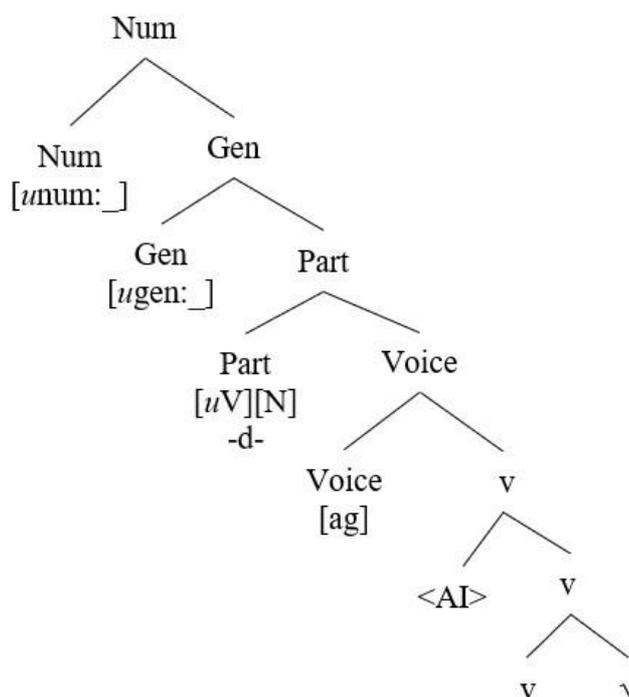
inserção de agente e marcação de Caso, partimos parcialmente da tipologia de *Voice* desenvolvida em Schäfer (2008), que combina dois traços: [D] e [Agente].

(71) Tipologia de *Voice* de Schäfer (2008)

- a. *Voice*[D][Agente] + argumento externo → ativo
- b. *Voice*[Agente] → passivo²³

Nas estruturas ativas, a presença dos traços [D] e [Agente] faz com que o especificador de *Voice* seja preenchido por um argumento capaz de satisfazer as duas demandas, caso contrário a derivação não converge. Nas passivas, por sua vez, o núcleo *Voice* apresenta a configuração em (71b), em que a leitura agentiva é licenciada, mas o especificador de *Voice* não seleciona argumento, de modo que estrutura pode ficar sem um agente explícito. Conseqüentemente, esse núcleo que não introduz argumento, também não realiza a atribuição de Caso acusativo.

(72)



Uma vez que *Voice*[ag] está presente, a interpretação agentiva será liberada, mas tal núcleo não poderá abrigar um DP em seu especificador. Nesse caso, o agente deverá

²³ Apesar de adotarmos a tipologia Schäfer (2008), destacamos, neste trabalho, que o papel temático envolvido nas passivas nem sempre é agentivo.

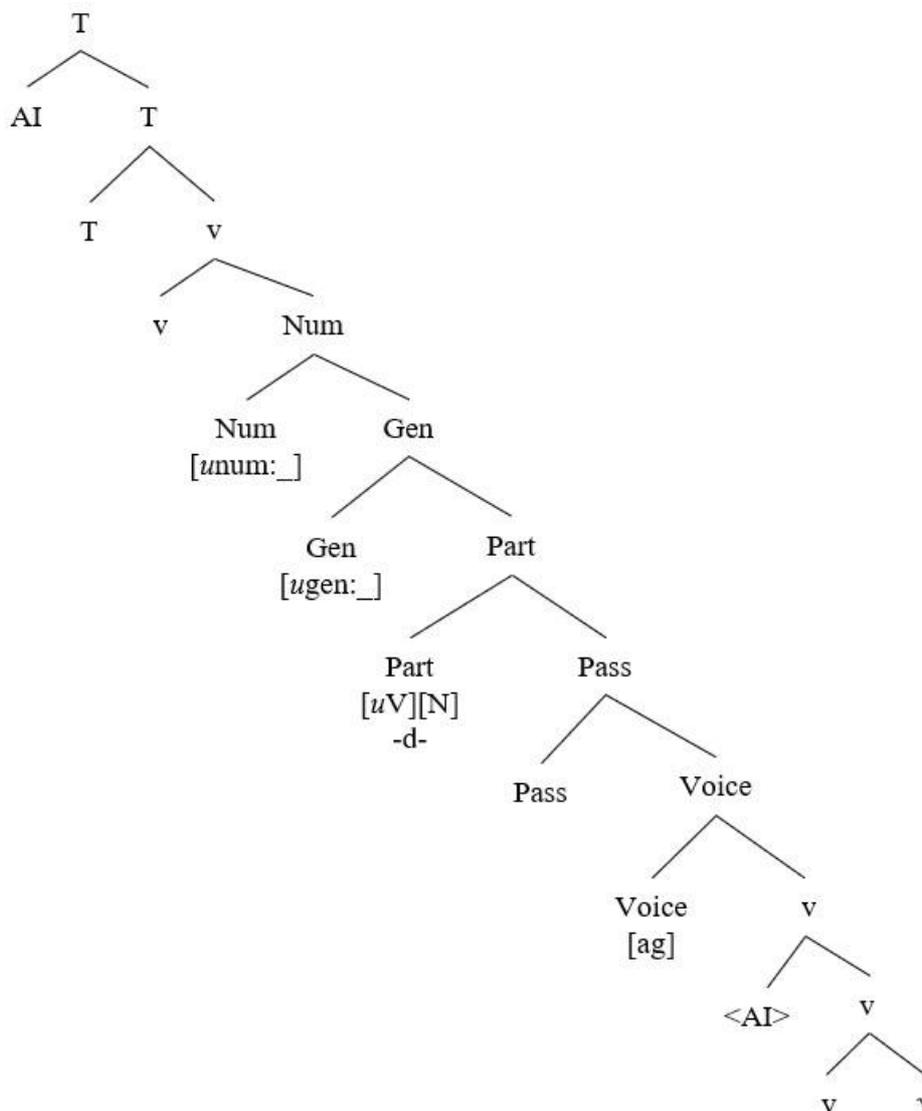
ser inserido por outro mecanismo, por exemplo, através de sintagma preposicional, sendo que sua inserção não é obrigatória para a gramaticalidade da formação.

Especificamente em relação à concordância, propomos que Gen e Num, portando traços não valorados, atuam como sonda na busca de um alvo no seu domínio de comando para valoração dos seus respectivos traços, o que é feito a partir dos traços valorados do argumento interno.

No que diz respeito à passivização, em consonância com a literatura (ADGER, 2003; COLLINS, 2005; MEDERIDOS, 2008; BRUENING, 2012, 2014), a compreendemos como resultado da anexação de um núcleo funcional na estrutura. Nessa linha, adotamos, mais especificamente, a existência de um núcleo Pass na estrutura da passiva verbal, nos moldes de Bruening (2012, 2014). Na visão do autor, a passiva é definida como uma operação morfossintática que impede a realização do argumento externo. Dessa forma, a concatenação de Pass quantifica existencialmente o argumento externo e, dessa forma, exige um tipo específico de *Voice*, que, por sua vez, não licencia esse argumento em seu especificador.

Feitas essas considerações, a estrutura que propomos para derivar as passivas verbais até a camada T é a seguinte:

(73)



Em relação à necessidade de uma forma verbal que acompanha o particípio, propomos que a interrupção da projeção estendida verbal pelo núcleo Part, bem como pelas camadas de natureza nominal que ele introduz, impede a posterior anexação direta de novas projeções de natureza verbal, como o núcleo T, por exemplo. Essa abordagem é compatível com as restrições encontradas na literatura sobre categorias mistas a respeito da impossibilidade de alternância entre projeções verbais e nominais, tal como sistematizado também pela *Functional Nominalization Thesis* (FNT), de Kornfilt e Whitman (2011), inspirado em Borsley e Kornfilt (2000), propõe que:

As propriedades nominais de uma nominalização são atribuídas por uma projeção funcional nominal. A nominalização possui proprieda-

des verbais abaixo da projeção funcional nominal e propriedades nominais acima dela.

(KORNFILT e WHITMAN, 2011, p.1298²⁴)

De acordo com a FNT, um núcleo funcional com traços nominais, ao se concatenar com uma projeção verbal, “fecha” as propriedades verbais da estrutura. Nesse sentido, para que a derivação das passivas verbais e resultativas prossiga, é necessário recomençar a construção da sequência funcional verbal desde o início –em nosso sistema de categorização vai corresponder à entrada de um categorizador verbal na estrutura. Esse categorizador que reinicia a projeção funcional verbal será também responsável pelo licenciamento da própria camada T, que abriga as informações de tempo da sentença.

Outro importante ponto a ser ressaltado, diz respeito ao ordenamento licenciado a partir da estrutura acima. Para impedir algo do tipo *O João foi pela Maria beijado*, seria possível adotar uma abordagem do tipo *smuggling*, tal como proposto em Collins (2005) e Lunguinho (2011), com o movimento de PartP para o especificador do núcleo de passivização. Alternativamente, no entanto, podemos pensar simplesmente em um movimento de núcleo, com a subida da raiz passando por todos os núcleos intermediários (v, Part, Gen, Num) até chegar em *Voice*. Sem o *smuggling* do argumento interno, no entanto, é necessário discutir o movimento de subida do argumento interno, para satisfazer o traço EPP do núcleo T. Para tanto, apoiamo-nos em Chomsky (2000), que propõe haver diferenças entre um núcleo de fase forte e fraco, sendo apenas os do primeiro tipo desencadeadores de *spell-out*. O núcleo *Voice* na estrutura acima, não apresentando especificador, seria um núcleo fraco, de modo que ele não seria responsável por fechar fase, licenciando a interação via *Agree* entre T e o argumento interno, de maneira que tal argumento continua disponível para a sondagem do núcleo T.

Depois de apresentarmos a estruturas das passivas verbais, seguimos, na próxima seção, com a discussão da estrutura das passivas resultativas.

4.4.2. A estrutura das passivas resultativas

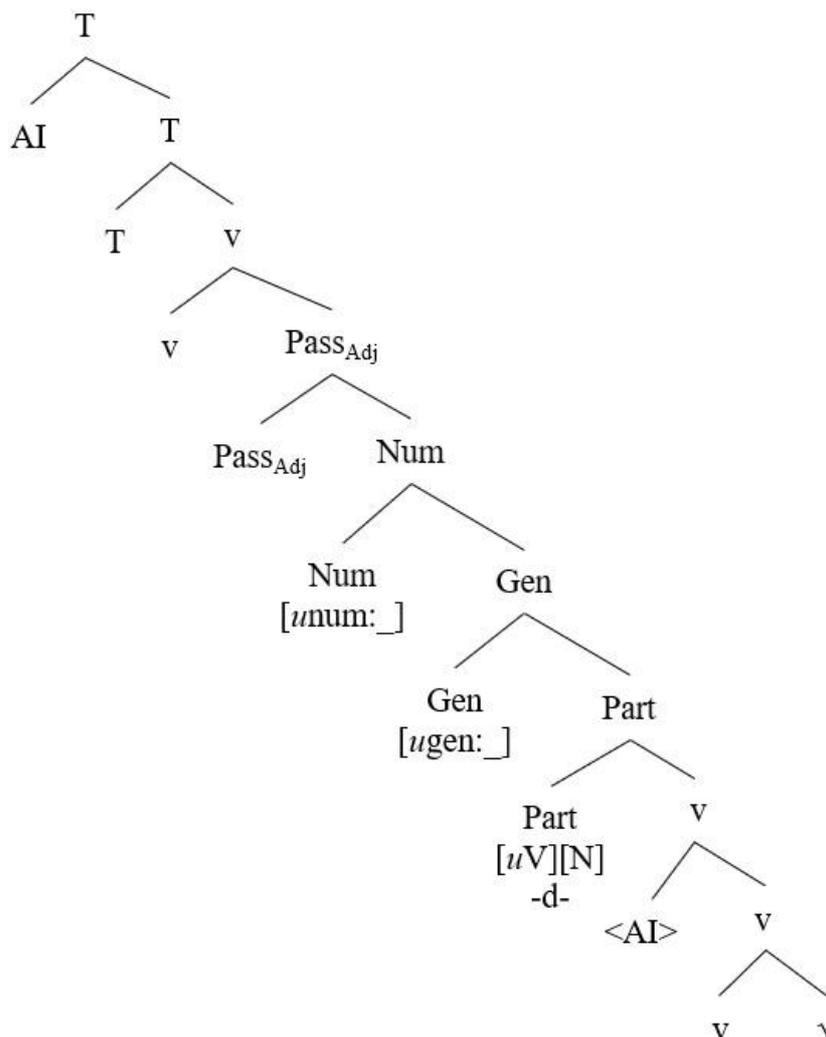
Em linhas gerais, autores como Alexiadou e Anagnostopoulou (2008) e Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2014) sugerem certa semelhança entre as passivas verbais e as resultativas, principalmente em línguas nas quais essas últimas licenciam

²⁴ “Nominal properties of a nominalization are contributed by a nominal functional projection. The nominalization has verbal properties below the nominal functional projection, nominal properties above it” (BORSLEY e KORNFILT, 2011,p.1298 –tradução nossa)

agente da passiva. Justamente por isso, as diferenças entre uma e outra formação ficam difíceis de serem capturadas, se resumidas à presença ou ausência de *Voice*, como sugere Embick (2004).

Assim, em nosso sistema, há a possibilidade de inserção ou não de *Voice*, a depender de fatores que fogem do escopo desta dissertação, nesse caso a diferença entre passivas verbais e resultativas é mapeada na nossa proposta através do núcleo funcional responsável pela passivização da estrutura, bem como pela quantificação existencial do argumento externos. Propomos que nas passivas adjetivais, incluindo as resultativas, tal núcleo seja o $Pass_{Adj}$, em vez de $Pass$. Mais especificamente, $Pass_{Adj}$, diferentemente de $Pass$, estativiza a estrutura, o que traz a leitura de estado para as passivas adjetivais. No entanto, fazemos, neste trabalho, uma alteração terminológica de Adj para $Pass_{Adj}$ afim de diferenciar os participios em passivas adjetivais dos adjetivos propriamente ditos. A denotação das passivas resultativas é, no entanto, mais complexa, uma vez que elas veiculam a interpretação de um estado que é derivado de um evento. Para dar conta dessa leitura, adotamos uma estrutura em que o núcleo estativizador acontece depois de uma estrutura eventiva ter sido formada, de forma semelhante às passivas verbais. Uma vez que no PB, a anexação de agente nas resultativas parece ser possível, mas não de maneira tão produtiva quando às passivas verbais, trazemos abaixo a representação sem o núcleo *Voice*, embora ele possa estar presente.

(74)



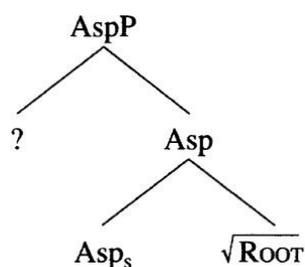
Assim como na estrutura das passivas verbais, a valoração dos traços de gênero e número acontece via *Agree* com o argumento interno e há o movimento do argumento interno para a posição de especificador de T para satisfazer o traço EPP desse núcleo.²⁵

4.4.3. A estrutura das passivas estativas

Como vimos no capítulo anterior, algumas propostas disponíveis na literatura para dar conta das formações estativas argumentam em favor de uma estrutura bastante limitada em termos da presença de núcleos funcionais, tal como relembramos abaixo na proposta em Embick (2004):

²⁵ Admitimos que é possível que haja uma leitura aspectual nessas estruturas, mas, como tal verificação foge do escopo deste trabalho, essa hipótese será verificada em trabalhos futuros.

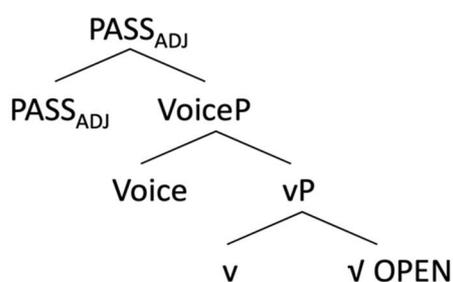
(75)



(EMBICK, 2004, p. 364)

Crucialmente, a anexação de Asp diretamente à raiz, impede a presença de outros núcleo funcionais na estrutura, tal como o categorizador *v*, por exemplo. Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2014), demonstram, no entanto, que participios de estruturas bastante complexas podem estar envolvidos na formação de passivas estativas. Os autores apontam, no alemão, por exemplo, que a forma causativa de verbos que participam da alternância causativa-incoativa pode aparecer em estruturas estativas, o que é incompatível com a estrutura reduzida proposta em Embick (2004). Os dados do alemão evidenciam a possibilidade de anexação de uma camada introdutora do argumento externo envolvida na formação de uma estativa. Diante disso, a estrutura sugerida por Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2014) é a seguinte:

(76)

(ALEXIADOU *et al.*, 2014, p. 18)

A partir dessa discussão, Armelin, Gonçalves e Vieira (no prelo) revisitaram, de um ponto de vista empírico, as formações estativas do PB, argumentando em favor da presença de mais material funcional nas estruturas estativas da língua. Para tanto, os autores apontaram que as estativas do PB podem ser formadas por participios regulares, além de estruturas verbais mais complexas, como nos dados abaixo:

(77)

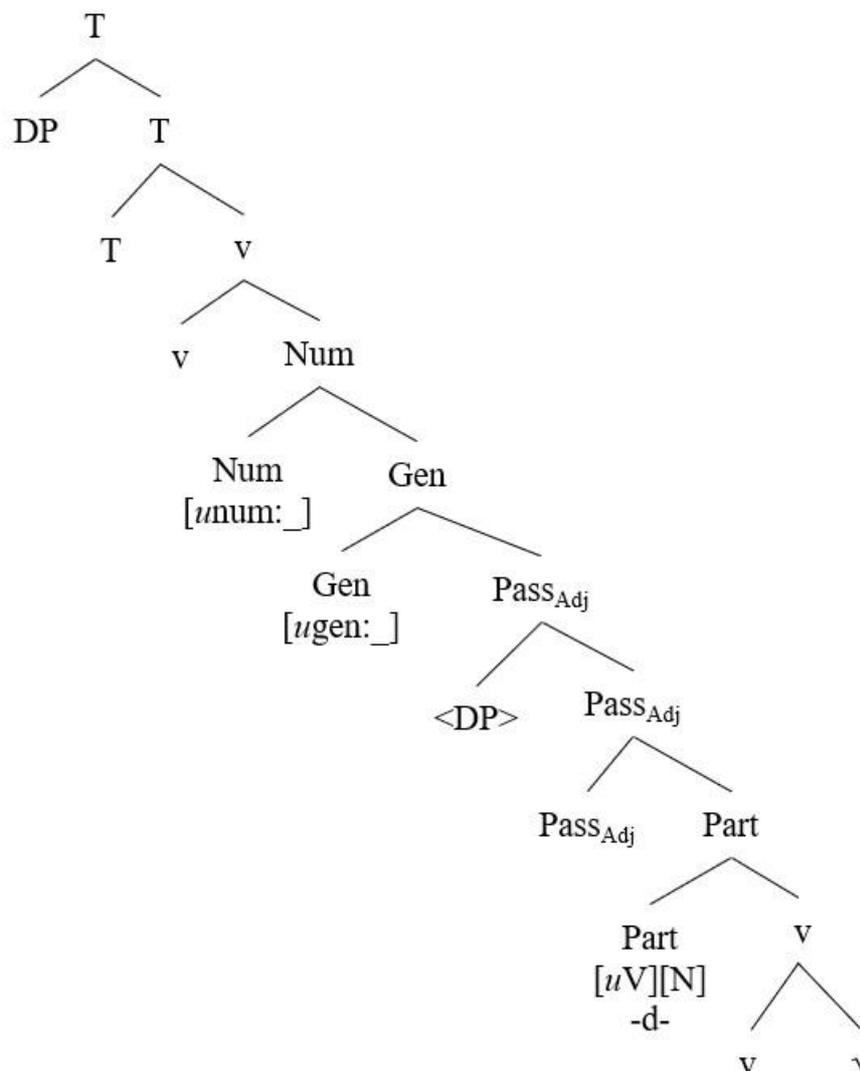
- a. A moça está encantada.
- b. A população da França está mobilizada.
- c. O trânsito de São Paulo está **eng**arrafado.
- d. A população da França está mobil**iz**ada.
- e. A população do Brasil está **des**mobil**iz**ada.

(Armelin, Gonçalves e Vieira, no prelo)

A disponibilidade de participios complexos como esses em passivas estativas é reveladora, porque os morfemas destacados estão relacionados a estruturas verbais. De maneira mais específica, o morfema *-iz-* pode ser analisado como a realização fonológica do categorizador verbal. Além disso, a formação parassintética em (77c) pode ser evidência da presença de outros núcleos funcionais na estrutura. Bassani (2013), por exemplo, propõe que, sintaticamente, os verbos parassintéticos são formados, não só com a presença do categorizador *v*, mas também por um núcleo R (relacionador) que é o nó terminal sintático que abriga o prefixo dessas formações, por exemplo *en-* em (77c). Por sua vez, *des-*, em (77e), é um prefixo que seleciona frequentemente bases verbais. Assim, participios que os incluem devem possuir também a projeção *v*. Ademais, *-iz-* possivelmente evidencia também a presença de um núcleo *Voice* (Kratzer, 1996), uma vez que os verbos formados a partir dele são transitivos. Portanto, propomos que a leitura estativa não seja necessariamente resultado de uma anexação direta à raiz, podendo haver mais material sintático entre Part e a raiz, como apontado nos dados acima.

Assim como nas resultativas, a leitura de estado é derivada nas passivas estativas por meio do próprio núcleo $Pass_{Adj}$ (BURENING, 2014), responsável, então, por estativizar a estrutura. Contudo, as estativas, diferentemente das resultativas, o argumento interno é licenciado no especificador do próprio $Pass_{Adj}$, de modo que a leitura denotada é a de um estado puro e não de um resultado. A partir daí, a representação da estrutura das passivas estativas pode ser vista a seguir:

(78)



É importante ressaltar que uma consequência importante do licenciamento do argumento interno na estrutura acima, é que a valoração dos traços de gênero e número do particípio segue outra direcionalidade, em comparação às estruturas anteriores. A direcionalidade do mecanismo de *Agree* é, no entanto, alvo de importante debate na literatura. Embora no sistema de Chomsky (2000, 2001), a sonda, em uma relação de c-comando, sempre ocupa um lugar hierarquicamente acima do alvo na estrutura, autores como Adger (2003) e Baker (2008), por exemplo, propõem que desde que haja a relação de c-comando, elementos podem sondar alvos mais acima na estrutura, como seria necessário para licenciarmos a concordância na estrutura em questão.²⁶

²⁶Uma importante questão que surge a partir dessa proposta é o fato de que não há interpretação eventiva mesmo com a presença de *v*. Para lidar com essa questão, deixamos duas possibilidades como perspectivas futuras. A primeira delas, estaria relacionada à própria natureza desse

Embora não esteja representado, é importante ressaltar que, assim como as resultativas, as estativas também podem ter, inclusive, a anexação de agente em algumas línguas.

Para finalizar, nossas discussões a respeito do conjunto empírico delineado nesta dissertação, apresentamos, em seguida, a estrutura dos tempos compostos.

4.4.4. Os tempos compostos: propriedades empíricas e estrutura sintática

A formação de tempos compostos apresenta algumas propriedades empíricas que as diferenciam das passivas. Dessa forma, antes de propor uma estrutura sintática para essa formação, vamos nos debruçar brevemente sobre as propriedades dos tempos compostos construídos com a forma participial.

4.4.4.1. Uma descrição geral dos participios nos tempos compostos

O primeiro ponto a ser destacado diz respeito exatamente à escolha do verbo que antecede a forma participial, já que os auxiliares podem ser realizados de diversas maneiras no PB, como por *ter*, *ser* e *estar*, por exemplo. Especificamente na relação com o participio, em contextos de tempos compostos, a forma morfofonológica do auxiliar será realizada através do verbo *ter*.

(79)

- a. A Maria **tem** comprado muitas roupas.
- b. *A Maria **está** comprado muitas roupas.
- c. *A Maria **é** comprado muitas roupas.

Além de ser acompanhada do verbo auxiliar *ter*, a forma participial não apresenta qualquer variação morfossintática seja em gênero, seja em número, independentemente das propriedades do sujeito da sentença, diferentemente do acontece nas passivas, sejam elas eventivas ou adjetivais.

(80)

- a. As meninas tinham **corrido**.
- b. *As meninas tinham **corridas**.
- c. Os meninos tinham **corrido**.

categoria, que pode pertencer a um sabor específico, como discutido em Folli e Harley (2005). A segunda, por sua vez, considera a possibilidade de que existam alossemas de *v*, a depender dos traços do próprio núcleo Asp, em linha com a proposta de Marantz (2013).

- d. *Os meninos tinham **corridos**.

Dessa mesma forma, a marcação de número, tempo e aspecto da sentença fica a cargo do verbo que antecede o particípio.

(81)

- a. A porta **tem** batido.
- b. A porta **terá** batido.
- c. A porta **tinha** batido.
- d. A porta **teria** batido.

Apesar dessas informações gramaticais serem trazidas pelo auxiliar, um ponto interessante já notado em Lunguinho (2011), diz respeito à incompatibilidade da combinação entre particípio e auxiliar no perfeito.

(82)

- a. *A Maria **teve** comprado livro.
- b. *Eles **tiveram** corrido.

Outra observação que podemos fazer está relacionada à posição da negação, já que tais estruturas aceitam que a negação seja realizada anterior ao verbo *ter*:

(83)

- a. A Maria tem brigado.
- b. A Maria não tem brigado.
- c. *A Maria tem não brigado.

Além disso, o particípio no tempo composto, apresentando características mais verbais, licencia realização de argumentos através de clítico, como mostram os exemplos baixo:

(84)

- a. A justiça tinha **me** libertado
- b. A Maria tinha **me** visto ontem.

Nesse mesmo sentido, as formações de tempo composto com o particípio licenciavam ainda modificações adverbiais diversas.

(85)

- a. A Maria tinha vencido a corrida rapidamente.
- b. O menino tinha quebrado o vaso propositalmente.

- c. O João tinha cortado o dedo com a faca.

Por outro lado, o particípio nessas formações não é compatível com modificações nominais do tipo da desempenhada por afixos de grau, como os diminutivos, aumentativos e superlativos, por exemplo.

(86)

- a. *A Maria tinha vencidinho a corrida rapidamente.
 b. *O menino tinha quebradão o vaso propositalmente.
 c. O João tinha cortadíssimo o dedo com a faca

Com tais propriedade em mente, na próxima seção delineamos uma proposta de estrutura para essas formações.

4.4.4.2. *A estrutura dos tempos compostos*

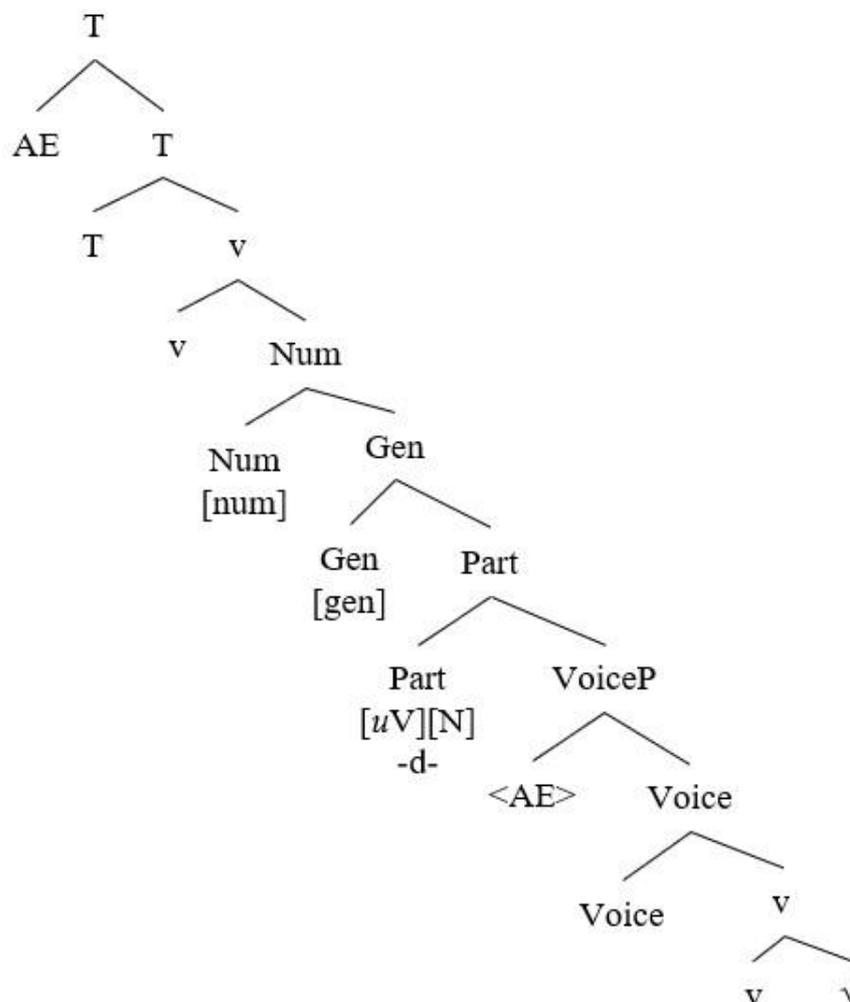
Para discutirmos a estrutura de tempos compostos é importante destacarmos os seguintes fatores:

- a. Atribuição de Caso acusativo
 b. Argumento externo obrigatório e introduzido sem a necessidade de preposição
 c. Ausência de concordância na forma participial

Para dar conta dos dois primeiros fatores, assumimos nos tempos perfeitos um *Voice*[D][Agente] nos moldes de Schäfer (2008). Dessa forma, a presença dos traços [D] e [Agente] faz com que o especificador de *Voice* seja necessariamente preenchido por um argumento.

Diferentemente das outras estruturas aqui delineadas, propomos que, nos tempos compostos, até a entrada de *Voice*, temos uma estrutura verbal que poderia levar à uma sentença sem particípio. A nossa hipótese, dessa forma, é que a camada Part, que é responsável por interromper a projeção estendida do verbo, trazendo traços de natureza nominal para a estrutura, é mais alta nos tempos compostos, gerando a seguinte estrutura:

(87)



Como nas estruturas anteriores, a entrada da camada Part, com seus traços $[uV, N]$, licencia a presença de projeções nominais na estrutura. No entanto, estamos interpretando a ausência de concordância como ausência de sonda. Em outras palavras, as projeções de gênero e número do particípio entram devidamente valoradas nessa formação e, dessa forma, não precisam buscar traços, não desencadeando relações de *Agree*.

A presença de um *Voice[D][Agente]* pode trazer um questionamento importante a respeito da possibilidade de mapeamento das relações de *Agree* entre T e argumento externo. Quanto a isso, apontamos que os traços nominais do particípio não atuam como interventor na sondagem entre T e o argumento externo, uma vez que tendo traços valo-

rados, eles não são visíveis para *Agree*. O argumento externo, por sua vez, portanto traços de Caso não valorados fica saliente para que essa operação seja desencadeada.

Finalmente, é interessante destacar que em todas as estruturas há uma importante interação entre a estrutura interna do particípio e a estrutura de argumentos da sentença, de modo que os argumentos são inseridos antes mesmo que o particípio seja formado, o que aponta para uma importante interação entre a formação de palavras e sentenças. Por fim a ausência de um rótulo categorial previamente especificado, como proposto no modelo da MD, abre a possibilidade para que o particípio seja analisado a partir das propriedades mistas que eles apresentam entre as categorias nominal e verbal.

4.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo desenvolvemos nossa proposta de tratamento para a estrutura interna do particípio, considerando seu comportamento nas formações passivas e nos tempos compostos.

Em relação ao particípio especificamente, destacamos como pontos centrais da discussão o licenciamento da estrutura argumental, as propriedades nominais do particípio, bem como a caracterização do núcleo funcional Part, como um *Swicth* (PANAGIOTIDIS e GROHMANN, 2005; PANAGIOTIDIS, 2015), portando, ao mesmo tempo, traços de natureza verbal e nominal.

Em seguida, procuramos contextualizar a estrutura proposta para o particípio nas respectivas formações colocadas em discussão na dissertação. Dessa forma, a distinção entre passivas verbais e resultativas foi delineada através do contraste entre os núcleos Pass e Pass_{Adj} (BRUENING, 2012, 2014), o segundo atuando como estativizador. Por sua vez, na comparação entre resultativas e estativas, propomos que, nas últimas o licenciamento do argumento acontece via Pass_{Adj} e não via categorizador verbal. Finalmente, as formações de tempos compostos não apresentam núcleo passivizador, além de terem a entrada da projeção Part em uma camada alta na estrutura, crucialmente após a inserção do argumento externo.

A seguir, apresentamos as considerações finais, que encerram o trabalho, com uma retomada das informações apresentadas ao longo desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho discutimos a estrutura interna do participio em estruturas passivas e de tempos compostos. Para tanto, tomamos como modelo teórico a MD (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997 e muitos trabalho subsequentes), um modelo de viés sintático da formação de formação de palavras.

Assim, na busca de melhor compreender o fenômeno em análise, revisitamos as propriedades empíricas relevantes, bem como a literatura que já se debruçou sobre o tema. Em relação às passivas discutimos, principalmente, análises desenvolvidas no âmbito de PM (CHOMSKY, 1993, 1995), como as propostas de Chomsky (2001), Adger (2003), Collins (2005) e Lunguinho (2011), buscando apontar as semelhanças e divergências mais salientes na análise dessas estruturas. Em relação às passivas adjetivais, revisitamos os diagnósticos empíricos tradicionalmente empregados na literatura para fazer a distinção entre resultativas e estativas. Além disso, discutimos algumas propostas de estrutura sintática de passivas delineadas a partir das discussões tipológicas, como Embick (2004), Alexiadou e Anagnostopoulou (2008), Medeiros (2008) e Bruening (2012, 2014).

A partir daí, construímos nossa perspectiva de análise. Quanto à marca *default* de participio no PB, o morfema -d-, adotamos a perspectiva de que se trata do expoente fonológico de uma camada funcional, que chamamos de Part, na estrutura sintática. A heterogeneidade categorial do participio é derivada da ideia de que tal núcleo seja composto por traços categoriais mistos verbais e nominais, configurando-se como um núcleo *Switch* (PANAGIOTIDIS e GROHMANN, 2009; PANAGIOTIDIS, 2015). Sendo um núcleo misto, ele seleciona uma camada verbal, mas é complemento de itens de categorias nominais. Mais especificamente, na nossa proposta, o núcleo Part licencia a entrada de projeções de Gênero (Gen) e Número (Num) na estrutura. Tais camadas estão envolvidas no mecanismo de concordância que envolve os participios, através do mecanismo de *Agree* (CHOMSKY, 2000; 2001). Nas passivas, Gen e Num apresentam traços não valorados, atuando como sonda. Por outro lado, nas estruturas de tempos compostos, interpretamos a ausência de concordância como ausência de sonda.

Inserindo a estrutura propostas para os participios no contexto das formações discutidas nesse trabalho, propomos que as passivas são formadas a partir de um núcleo funcional específico: Pass, nas passivas verbais e Pass_{Adj}, nas passivas adjetivais, nos

moldes de Bruening (2012, 2014), o último responsável por estativizar a estrutura, além de licenciar argumento nas passivas estativas.

Finalmente, é interessante apontar que as discussões feitas no âmbito desta dissertação abrem como perspectiva futura diversas questões importantes. Uma delas diz respeito à estrutura interna e distribuição dos participios irregulares, além do comportamento de tais formas dentro das estruturas discutidas nesta dissertação. Outra questão que não fez parte do escopo desta dissertação, diz respeito à natureza das formas verbais que antecedem o participio, cujo estatuto na literatura é disputado entre cópula e verbo auxiliar. Finalmente, o licenciamento da estrutura argumental nos adjetivos, em comparação aos verbos, também abre uma importante frente de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.. Structuring Participles. In: Chang; Haynie (orgs.), *Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. 2008, p. 33-4.
- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F.. *External arguments in transitivity alternations: A layering approach*. Oxford University Press, USA, 2015.
- ALEXIADOU, A., GEHRKE, B.; SCHÄFER, F.. The argument structure of adjectival participles revisited. *Lingua* v. 149, 2014, p. 118-138.
- ANAGNOSTOPOULOU, E.. Participles and voice. *Perfect explorations*, 2003, p. 1-36.
- ADGER, D.. *Core syntax: A minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- ARMELIN, P. *A Relação entre Gênero e Morfologia Avaliativa nos Nominais do Português Brasileiro: Uma Abordagem Sintática da Formação de Palavras*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2015.
- ARMELIN, P.; GONÇALVES, L.; VIEIRA, K.. Discutindo a estrutura das passivas estativas no português brasileiro: evidências de complexidade estrutural. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 7, n. 2. (no prelo)
- BAKER, M.. *The mirror principle and morphosyntactic explanation*. *Linguistic inquiry*, v. 16, n. 3, 1985, p. 373-415.
- _____. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press. 1988.
- _____. Thematic Roles and Syntactic Structure. In: *Elements of Grammar: Handbook in Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.
- _____. *Lexical categories: Verbs, nouns and adjectives*. Cambridge University Press, 2003.
- _____. *The syntax of agreement and concord*. Cambridge University Press, 2008.
- BARROS, A. A adoção de participios passados fortes por verbos da 1ª conjugação. *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2002, p. 53-67.
- BASSANI, I.. *Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro*. 2013. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BASSANI, I.; MINUSSI, R.. *Contra a seleção de argumentos pelas raízes: nominalizações e verbos complexos*. *ReVEL*, v. 13, n. 24, 2015. [www.revel.inf.br].

BJORKAMN, B.. *Be-ing Default: the morphosyntax of auxiliaries*. Tese de Doutorado. Cambridge, MA: MIT, 2011.

BOECKX, C.. *Linguistic minimalism: Origins, concepts, methods, and aims*. Oxford University Press, 2006.

BORER, H.. *Parametric syntax*. Dordrecht: Foris. 1984.

_____. Exo-skeletal vs. endo-skeletal explanations: Syntactic projections and the lexicon. *The nature of explanation in linguistic theory*, v. 31, 2003, p. 67.

_____. *In Name Only: Structuring Sense*, Vol. I. Oxford: Oxford University Press. 2005

BRESNAN, J.. Control and complementation. *Linguistic inquiry*, v. 13, n. 3, 1982, p. 343-434.

BRESNAN, J.. Mixed categories as head sharing constructions. In: *Proceedings of the LFG97 Conference*. Stanford: CSLI Publications, 1997. p. 1-17.

BRUENING, B.. By phrases in passives and nominals. *Syntax*, v. 16, n. 1, 2012, p. 1-41.

BRUENING, B.. Word formation is syntactic: Adjectival passives in English. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 32, n. 2, 2014, p. 363-422.

BORSLEY, R.; JAKLIN K.. Mixed extended projections. In: BORSLEY R. (ed.), *The Nature and Function of Syntactic Categories*. New York: Academic Press. 2000.

CHOMSKY, N.. *Syntactic Structures*. Hague: Mouton. 1957.

_____. Remarks on nominalization. In: R. Jacobs and P. Rosenbaum (eds.). *Reading in English Transformational Grammar*. 1970, p. 184-221.

_____. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris. 1981.

_____. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (eds). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. MIT Press, 1993, p. 1-52.

_____. *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

_____. Minimalist inquiries: the framework. *MIT Occasional Papers in Linguistics 15*, 1998.

_____. Minimalist Inquiries: the framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (eds.). *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000, p. 89 -155.

_____. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.

_____. Beyond explanatory adequacy. In: BELLETTI, A. (ed.). *Structures and Beyond*. Oxford: Oxford University Press. 2004, p. 104-131.

_____. On Phases. In: FREIDIN, R.; OTERO, C.; ZUBIZARRETA, M. (eds.). *Foundational Issues in Linguistic Theory: Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, MA: MIT Press. 2008, p. 133-166.

COLLINS, C.. A smuggling approach to the passive in English. *Syntax*, v. 8, n. 2, 2005, p. 81-120.

COWPER, E.. Where auxiliary verbs come from. In: *Proceedings of the 2010 annual conference of the Canadian Linguistic Association*. Concordia University, Montreal, 2010. p. 1-16.

CUNHA, C.; CINTRA, L.. *Nova gramática do português contemporâneo*. LEXIKON Editora Digital ltda, 2017.

DE BELDER, M.; VAN CRAENENBROECK, J.. How to merge a root. *Linguistic Inquiry*, v. 46, n. 4, p. 625-655, 2015.

DÉCHAINÉ, R.. One be. In: DEN DIKKEN, Marcel (ed.), *Linguistics in the Netherlands*, Benjamins, Amsterdam, 1995, p. 73–88.

DUARTE, I.; OLIVEIRA, F.. Participípios resultativos. *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da APL*, 2010, p. 397-408.

DORON, E.. The interaction of adjectival passive and voice. In: BORER, H.; ALEXIADOU, A.; SCHAEFFER, F. (eds.). *The syntax of roots and the roots of syntax*, 2014, p. 164-191.

EMBICK, D.. Participial structures and participial asymmetries. *Hand-out*, Ms. Massachusetts Institute of Technology. 2001.

_____. On the Structure of Resultative Predicates in English. In: *Linguistic Inquiry*, n. 35, v. 3, 2004, p. 355-92.

_____; NOYER, R.. Distributed morphology and the syntax/morphology interface. *The Oxford handbook of linguistic interfaces*, v. 289324, 2007.

_____. *The morpheme*. De Gruyter Mouton, 2015.

_____. The Motivation for Roots in Distributed Morphology. *Annual Review of Linguistics*, v. 7, 2021, p. 69-88.

EMONDS, J.. *A unified theory of syntactic categories*, Foris, Dordrecht, 1985.

FOLTRAN, M.; CRISÓSTIMO, G.. Os adjetivos participiais no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 13, n. 1, 2005, p. 129-154.

GRIMSHAW, J.. *Argument structure*. the MIT Press, 1990.

GUÉRON, J.. Tense construal and the argument structure of auxiliaries. In: _____; LECARME, Jacqueline (eds.). *The Syntax of Time*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004, p. 299-328.

HALLE, M.. Distributed morphology: Impoverishment and fission. In: Bruening B.; Kang Y.; McGinnis M. (eds.). *MIT Working Papers in Linguistics 30: Papers at the Interface*. Cambridge, Mass.: MITWPL. 1997, p. 425–449.

HALLE, M.; MARANTZ, A.. Some Key Features of Distributed Morphology. *MIT Working Papers in Linguistics*, Cambridge, n. 21, 1993, p. 275-288.

_____; NOYER, R.. State-of-the-Article: Distributed Morphology. *Glott*, v. 4.4, 1999, p. 3-9.

HARLEY, H.. On the causative construction. *Handbook of Japanese linguistics*, 2008, p. 20-53.

_____. On the identity of roots. *Theoretical linguistics*, v. 40, n. 3-4, 2013, p. 225-276.

HASPELMATH, M.. *Passive participles across languages*. In: FOX, B.; HOPPER, P.J.. **Voice: Form and function**, v. 27, 1994, p. 151-177.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K.. *Understanding minimalism*. Cambridge University Press, 2005.

HORNSTEIN, Norbert et al. (Ed.). *Syntactic structures after 60 years: The impact of the Chomskyan revolution in linguistics*. Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2018.

HORVATH, J.; SILONI, T.. Active lexicon: Adjectival and verbal passives. In: ARMON-LOTEM, S.; DANON, G.; ROTHSTEIN, S. (eds.). *Current issues in generative Hebrew linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008, p. 105–134.

IPPOLITO, M.. On the past participle Morphology in Italian. In: . Arregi, B. Bruening, C. Krause & V. Lin (eds.). *Papers on Morphology and Syntax*, Cycle One, K. MIT Working papers in Linguistics, v. 33, Cambridge, MA, 1999, p. 111-137.

JAEGGLI, O. A. Passive. *Linguistic inquiry*, p. 587-622, 1986.

KAYNE, R.. Toward a modular theory of auxiliary selection. *Studia Linguistica* 47, v. 1, 1993, p. 3-31.

KRATZER, A.. The event argument and the semantics of voice. Ms., University of Massachusetts, Amherst, v. 14. 1994.

_____. Severing the external argument from its verb. In: *Phrase structure and the lexicon*. Springer, Dordrecht, 1996, p. 109-137.

_____. Building statives. In: Conathan, L., Good, J., Kavistkaya, D., Wulf, A., Yu, A. (Eds.), *Proceedings of the Berkeley Linguistic Society*, vol. 26, 2000, p. 385-399.

KORNFILT, J.; WHITMAN, J.. Afterword: Nominalizations in syntactic theory. *Lingua*, v. 121, n. 7, 2011, p. 1297-1313.

LEVIN, B.; RAPPAPORT, M.. The formation of adjectival passives. *Linguistic Inquiry* 17. 1986, p. 623–661.

LOBATO, L.. Sobre a forma do particípio do português e o estatuto dos traços formais. *DELTA* [online]. 1999, vol. 15, n. 1. 1999.

LOURENÇO DA SILVA, E.. O advento da Morfologia Distribuída. *ReVEL*, vol. 8, n. 14, 2010.

LUNGUINHO, M.. *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos*. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

_____. *A ordem dos verbos auxiliares: uma análise em termos de traços*. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. 2005.

_____. Dependências morfossintáticas: a relação Verbo Auxiliar–Forma Nominal. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, 2006, p. 457-489.

MARANTZ, A.. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *University of Pennsylvania working papers in linguistics*, v. 4, n. 2, 1997, p. 14.

MARANTZ, A.. Argument Structure and Morphology: Noun Phrases that Name Events, *Hand-out*, New York University, 2006.

MEDEIROS, A.. O Particípio Presente no Português. *Revista Letras*, v. 69, 2006.

MEDEIROS, A. B.. *Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais*. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado em linguística, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

MELTZER-ASSCHER, A.. *Adjectival passives in Hebrew: Evidence for parallelism between the adjectival and verbal systems*. *Natural Language & Linguistic Theory* 29. 2011, p. 815–855.

MENUZZI, S.. Particípio em Português (Brasileiro): Verbais ou nominais? Ou um pouco de cada?. In: *I COLÓQUIO BRASILEIRO DE MORFOLOGIA*, Porto Alegre. 2011.

MOREIRA, B.. *Aspectos sintáticos e semânticos dos adjetivos modais*. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado em linguística, UnB, Brasília, 2015.

- NUNES, J.. *Concordância de participio em lituano*. Letras de Hoje, v. 29, n. 2, 1994.
- OLTRA-MASSUET, I.. On the constituent structure of Catalan verbs. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 33, 1999, p. 279-322.
- PANAGIOTIDIS, E.; GROHMANN, K.. Mixed projections: Categorical switches and prolific domains. *Linguistic Analysis*, v. 35, n. 1, 2005, p. 141.
- PANAGIOTIDIS, P.. Mixed projections and functional categorizers. In: _____. *Categorical features*. Cambridge University Press, 2015.
- PARSONS, T.. *Events in the semantics of English: A study in subatomic semantics*. 1990.
- PIMENTA-BUENO, M. As formas [V+ do] em português: um estudo de classes de palavras. *DELTA*, v. 2, n. 2, 1986, p. 207-229.
- ROBERTS, I.. Have/Be raising, move F and Procrastinate. *Linguistic Inquiry* 29, v.1, 1998, p. 113-125.
- RODERO, A.. Passivas adjetivas: participios estativos e resultativos formados na sintaxe. *ESTUDOS LINGUÍSTICOS*, v. 38, n. 1, 2009, p. 167-181.
- _____. Participios duplos: inserção de vocabulário1. *Estudos Linguísticos*, v. 39, n. 1, 2010, p. 272-285.
- SCHER, A.. ReVEL na escola: Morfologia Distribuída. *ReVEL*, v. 13, n. 24, 2015.
- _____; LUNGUINHO, M.; RODERO-TAKAHIRA, A.. Innovative participles in Brazilian Portuguese. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, número 1, 2013.
- _____; LUNGUINHO, M.; RODERO-TAKAHIRA, A.. Voice (a) symmetries and innovative participles in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 56, n. 1, 2014, p. 45-64.
- SIDDIQI, D.. Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology. *Linguistik Aktuell/Linguistics Today* 138. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- SCHÄFER, F.. The syntax of (anti-) causatives: External arguments in change-of- state contexts. *John Benjamins Publishing*, 2008
- SCHOLTEN, T.. The expletive verb be. In: BORER, H. (ed.). *Proceedings of the Seventh West Coast Conference on Formal Linguistics*, 1988, p. 305–318.
- SCHÜTZE, C.. When is a Verb not a Verb?. *Nordlyd*, v. 31, n. 2, 2003.

SOUZA, P.. Particípios atemáticos no PB: um processo paradigmático. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011. [www.revel.inf.br].

VILLALVA, A.. A categoria ‘particípio’ e questões adjacentes. *Congresso Internacional da Abralín*, 6, João Pessoa. 2009 (Comunicação Oral)

_____; ALMEIDA, M.. Verbos abundantes: usos, desusos e alguns ‘abusos’. *Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 2004, p. 281-295.

_____; JARDIM, F.. Particípios atemáticos no Português: tipologia, distribuição e avaliação. *Estudios de lingüística del español*, v. 39, 2018, p. 279-303.

WASOW, T.. Transformations and the lexicon. *Formal syntax*, 1977, p. 327-360.

WILLIAMS, E.. Argument Structure and Morphology, *The Linguistic Review* 1. 1981, p. 81–114.